

# REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

## SUMÁRIO

DA REDAÇÃO:			Pag.
O perigo dos auditórios . . .	1	Jesus Christo na Escola — Discurso do paraninfo, Ma- noel Casasanta . . . . .	47
<b>COLABORAÇÃO:</b>		Prefácio ao livro "Psicologia da Criança" — Helena An- tipoff . . . . .	51
Discurso do dr. Noraldino Lima, na Escola de Aper- feiçoamento . . . . .	2	Crianças super-normais atra- vés do estudo de L. Ter- man — Relatório — Zilah Frota (continúa) . . . . .	63
A colação de grau da turma de 1933 do Colégio Imaca- lada Conceição — Discor- so do paraninfo, dr. No- raldino Lima . . . . .	8	A escola moderna e os traba- lhos normais — Julia Viot- ti . . . . .	77
Colação de grau das alunas da Escola Normal de For- miga — Discurso do dr. Noraldino Lima . . . . .	13	<b>DAQUI E DALI:</b> Trabalho sôbre educação fí- sica — Maria Emerencia- na de Azevedo . . . . .	86
Escola Normal "Sacré Coeur de Marie" — Discurso do paraninfo, prof. Guerino Casasanta . . . . .	18	Ginástica historiada — Eliza Pires Teixeira . . . . .	99
Colação de grau na Escola Normal de S. Gonçalo do Sapucaí — Discurso do dr. Noraldino Lima . . . . .	21	A ignorancia da onça — M. Janira de Paula Pinto . . . . .	91
A disciplina que nos convém — Discurso do paraninfo, prof. Guerino Casasanta . . . . .	28	O ensino em Minas — Gue- rino Casasanta . . . . .	93
Colégio "N. S. das Dôres" — Discurso do paraninfo, d. Frei Luiz Maria de San- tana, bispo de Uberaba . . . . .	34	Medicina e hygiene — Octa- vio Gonzaga . . . . .	96
		A tuberculose na infancia — Octavio Gonzaga . . . . .	100
		Celibato pedagógico . . . . .	105
		<b>NOSSA EXPERIENCIA:</b> O ensino primário no Rio- Grande do Sul — Comuni- cado . . . . .	108



## O PERIGO DOS AUDITORIOS

Os extremos são sempre perigosos. Os excessos produzem, em regra, efeito contrário. Em educação, há, como em tudo o mais, o perigo dos exageros, e daí, sem dúvida, tem se originado uma certa reserva quanto às práticas da escola moderna.

O auditório deve ser uma aula e, como tal, dentro do horário, sem os ruídos e estardalhaços que costumam desequilibrar a vida da escola e desviar de seu rumo a atenção das crianças.

Um movimento empolgante, absorvente e ininterrupto, um suceder de auditórios; um torvelinho de festas e representações; um vai-vem incessante, tudo isso concorre para prejudicar o valor das atividades escolares.

Apenas realizado um auditório, já o professor "motiva", quando não inventa pessoalmente, outro auditório e inicia imediatamente os ensaios e demais preparativos, onde as crianças despendem quasi sempre dinheiro e muito tempo.

O resultado é inteiramente negativo: se as crianças adquirem boas maneiras e desembaraço, é certo que se inutilizam para os estudos serios, pela dispersão contínua em que vive o seu espírito já irrequieto.

Os auditórios são excelentes armas educativas, em mãos hábeis e prudentes.

A sua realização vale pouco em vista dos grandes benefícios que pode trazer a sua cuidadosa preparação, em

cujos desenvolvimentos multissimas lições proveitosas o mestre pode dar.

Como, em geral se tem feito, os auditórios só podem impressionar aos que não lhes conhecem as faces educativas. Cumpre ter em mente que as exterioridades, também e principalmente no ensino, são condenáveis.

Convém, pois, orientar os auditórios e demais atividades escolares na direção exata que lhes traçou a pedagogia moderna, isto é, de coordenação de forças, de aproveitamento de capacidades e de energias, de formação, enfim, da personalidade.

## COLABORAÇÃO

### Discurso do dr. Noraldino Lima, na Escola de Aperfeiçoamento

"Ao encerrar a presente sessão, quero exprimir dois sentimentos: de felicitação, a quantas professoras de Minas se tocam, neste fim de ano letivo, com as laureas de seu esforço e de seu devotamento brilhantemente provados nesta casa de educação; de agradecimento, mui particular e comovido, às turmas de trabalhos manuais, desenho e modelagem, pela honra que conferiram ao criador do curso, convidando-o a parabenizá-las no ato de receberem o seu diploma, tão merecidamente conquistado.

Felicitações e agradecimentos, a um tempo, à direção e corpo docente da Escola de Aperfeiçoamento pela constância de seu trabalho, firmeza de sua fé e compreensão de seus deveres no preparo mental das falanges de educadoras que entregam, como o fazem nesta hora de ascensão dos espíritos, ao serviço do Estado, para que este, pelos seus órgãos de direção, as divida e distribua pelos varios setores do ensino, de que, como no culto da Vesta romana, são sacerdotizas intan-

gíveis. E só poderão merecer não o premio dos homens, que é sempre insuficiente e precário, mas o da consciência, que, por ser imaterial, é eterno, aquelas que, entre as muitas clamadas, souberem, sagradas e consagradas, traduzir a grandeza do culto pela extensão do sacrificio que o mesmo representa.

Entre as leis económicas que regem o equilibrio das sociedades humanas, nenhuma sobreleva, senhoras professoras, á da especialização das funções, para que as atividades, divididas racionalmente, conforme a vocação e as tendências de cada um, se exerçam com eficiência, dando ao trabalho, no sentido de articulação de todas as peças da grande máquina de que sai o progresso material e espirital dos povos, um todo homogêneo, como resultante do sentimento de intercambio das coisas e das idéias entre os homens.

Especialização e aperfeiçoamento são, pois, idéias correlatas, forças paralelas no rumo da mesma inquietação, e, a um tempo, conjugadas como expressão do mesmo desejo de progredir e vencer.

Não foi outro, por certo, o pensamento que ditou a criação desta Escola e que vem ditando a sua manutenção inflexível, não obstante os entraves, ás vezes de aspreza singular, que o governo tem encontrado, já no campo da doutrina, já no financeiro, para a continuidade da obra criada.

De mim, ao assumir a pasta da Educação e Saude Pública nas horas de tormenta de 1931, devo confessar que nos setores da crise generalizada em que se debatia o ensino, a Escola de Aperfeiçoamento era alvo predileto dos que dissenciam — e era a maioria — da Escola Nova que se inaugurava em Minas.

A reforma, que dava expressão e volume aos novos métodos educacionais, mal saía do domínio da propaganda e da regulamentação. A frente dela se estendia, em linha de batalha, o exercito de opositores, uns pela força quasi organica do empirismo didático, outros pela rotina erigida em ponto de fé dos ortodoxos da pedagogia, outros, finalmente, convencidos de que os velhos processos são como os vinhos velhos: produto da decantação, vivem do prestigio da idade e, mais valerosos se mostram quanto mais intensa é a camada de bolor que os envolve...

A reforma do ensino em nosso Estado, compendiando o que de mais moderno se fazia nos centros de cultura pedagógica maiores do que o nosso, caiu quasi de surpresa sobre nosso mundo educativo, dentro do qual um ou outro benedi-

tino dos livros e das revistas de ensino se achava preparado para recebê-la.

Dai a confusão, o alarme e a série infundável de objeções á caminhada da idéia nova. Esquecia-se o nosso distinto professorado de que, na frase de um comentador hodierno, "mais vale inovar afoitamente do que manter a rotina conscientemente".

Sendo dominante o espirito de reação pacífica e não raro belicosa contra os canones da renovação e fixando-se, desde começo, que a Escola de Aperfeiçoamento, pela sua organização e finalidade, ia ser, como foi, o primeiro passo, para o *sursum corda*, no ensino montanhês, os seus objetivos não foram, evidentemente, bem compreendidos e ao seu aparecimento não saudou, como era de justiça, um movimento de simpatia e cordialidade. Ela se erigira, destarte, em barbacan do novo sentido que a pedagogia científica ia ter entre nós. Mas, tanto defluiu a sua existência quanto se positivou o seu triunfo.

Hoje, a Escola de Aperfeiçoamento, como órgão dirêto da Secretaria da Educação, no preparo técnico do professorado primário do Estado, é este viveiro magnífico, donde saem, para os estabelecimentos de ensino, notadamente, para os grupos escolares, por onde devia começar a reforma e onde ela, em todos os pontos de Minas que têm a oportunidade de possuir uma técnica, se expande e radica de modo irrefragável.

Onde quer que se instale uma professora saída desta forja, aí temos escola ativa, e assim a implantação dos novos métodos pedagógicos se faz uniformemente, por toda parte, sendo de fato consolador verificar, como o tenho feito em minhas visitas aos estabelecimentos de ensino do Estado, que ha um só ritmo de trabalho e de renovação dominando e acionando a máquina educativa, em todos os angulos da terra mineira.

Campo exemplar de pesquisa e preparação técnica, esta escola é para o ensino primário — para que ela foi, antes de tudo, criada e em função do qual deve precipuamente existir — o que o coração humano é para o corpo que êle anima, a que dá vida: a ela vem ter, em fluxo abundante, de todos os cantos e recantos do solo mineiro, as vontades e vocações destinadas ao batismo das idéias, e, num refluxo feliz, após temporária circulação neste órgão purificador, tocadas de oxigênio, voltam a vitalizar, através de todo o sistema de artérias e arteriolas, o grande organismo da educação, hoje, mais do que nunca, e amanhã, mais do que hoje — se não lhe

faltar a chama sagrada do entusiasmo que o aquece, — palpitante de vida e de beleza na planície e na montanha, nos vales e rechaus de nossa terra.

A obra da Escola de Aperfeiçoamento, sendo necessária, precisa ser sequente. Está em começo. Dos ganhos generosos da árvore que a inteligência plantou e o trabalho alimentou, pendem apenas os primeiros pomos. Há no Estado, ainda, perto de 100 grupos escolares sem professoras técnicas e sem representantes no corpo discente deste estabelecimento; os grupos distritais não as possuem ainda, não se falando nas escolas reunidas e isoladas do interior. Se chamanda, como espero, para o curso geral de 1934, uma turma de 40 professoras-alunas destinadas ao primeiro ano, ainda assim, não se aumentar a capacidade material da Escola e as possibilidades orçamentárias, do Estado, tão restritas no momento, só dentro de três anos teremos todos os grupos escolares dotados de professoras técnicas assistentes.

Até lá, porém, como excelente sucedâneo, o que cumpre ao governo é, fora de duvida, levar por diante a organização de cursos intensivos como o que ora se encerra, o primeiro que imaginei, não só como meio de aperfeiçoamento, mas também como reparação de direitos em especiativa, que o decreto 10.362 restringiu.

Os cursos intensivos, custando pouco ao Estado, representam muito na vida do ensino. São relativamente rápidos, mas de indiscutível eficiência, porque aproveitam o máximo de tempo e as energias todas de professores e alunas.

Ha poucos dias saiu desta Escola a turma de professoras religiosas, — pertencentes a 20 congregações que em 43 escolas normais equiparadas de Minas vão levar ao sei desses estabelecimentos um sangue novo, tão oportuno, sabido que esses colégios representam quasi o dôbro das escolas oficiais, atualmente em numero de 25. O espetáculo, inédito em Minas e no Brasil, oferecido por esse bravo pupilo de professoras religiosas vindo á nossa Escola, á custa própria, sem o menor sacrificio do erário publico, buscar ou avir luzes indispensáveis á sorte da educação nos seus colégios, pôs uma nota de indelevel impressão em nossos centros de estudo: nenhuma iniciativa o atual Governo teve, nem poderia ter, mais a propósito e mais coroada de êxito.

Ontem, era o curso de educação física e enfermagem que, numa empolgante demonstração pública, fechava o ciclo de sua passagem por esta casa, recebendo o seu diploma e os aplausos de quantos estiveram presentes ao desfile desse belo esquadrão de defensoras da saúde da infancia mineira.



Hoje, sóis vós, senhoras professoras de trabalhos manuais, desenho e modelagem, que chegais ao fim da vitoriosa caminhada. Conhecida a importância das disciplinas em que vos aperfeiçoastes, educativas e de utilidade imediata na vida, concorrendo todas elas, mais que quaisquer outras, para a alegria e o conforto do lar, é de ver com que satisfação eu cumprio, entre os mais altos, o dever de saudar-vos e de parabenizar o ato de vossa merecida vitória.

Voltando aos vossos penates, com o diploma que vos garante a efetividade no serviço do ensino — o mais áspero talvez de todos os serviços, mas também o mais nobilitante do ponto de vista humano e divino — bendireis, sem dúvida, o Governo que substituiu o dispositivo de cinco anos de exercício no cargo pelo de um ano apenas de aperfeiçoamento, para efeito de efetivação da professora de trabalhos manuais. Na lei antiga a condição de estabilidade a que me refiro estava em função do tempo e da política, sem atenção aos méritos e serviços da professora; hoje, tal estabilidade depende unicamente do trabalho e da competência revelada neste, através do curso, que, por motivos de ordem financeira e pela necessidade de acudir de preferência ao ensino no interior do Estado, é de dois anos, menos intensivo, para as professoras da Capital e de um, mais intensivo, para as de fora.

Para 1934, mandei convocar as professoras contratadas nos anos de 1927, 1928 e 1929, com o fim de sistematizar a matrícula e atender, primeiramente, às mais antigas. As dos anos subsequentes serão chamadas depois, a seu turno, e, assim, dentro de pouco, teremos totalmente orquestrados, para o grande hino da vitória comum, todos os estabelecimentos primários de Minas-Gerais.

Eu me felicito, senhoras professoras, pela criação deste curso e pela honra de conferir diploma à sua primeira turma, tão harmoniosa, tão articulada no trabalho que sagra em cada uma de suas componentes nova batalhadora pelo ideal novo do ensino pelo ensino em nossa terra.

Penso que na Escola de Aperfeiçoamento, além do curso geral destinado à orientação pedagógica e regência de classes nos grupos, além de outras funções que venham suas alunas a ter no magistério, devem continuar em funcionamento, não só os cursos intensivos, levados a efeito este ano, como outros, de igual necessidade, e que estão inscritos no programa da atual administração, como sejam, entre outros, o curso de música e canto e o de diretores de grupos não diplomados pela Escola de Aperfeiçoamento.

Não preciso encarecer a importância e inadiabilidade desses cursos: a criação do primeiro obedece à conveniência de estabelecer a metodologia da música nos grupos do Estado. O novo decreto sobre ensino, elaborado e já composto na Imprensa Oficial e que a inesperada morte do saudoso presidente Olegário Maciel impediu fosse publicado, regula sob outros moldes o ensino da música e estabelece condições para a investidura do professor nessa cadeira, que é então criada sob auspícios de grande alcance para a disciplina.

Os coros da Escola Normal de Belo-Horizonte e que vão tendo imitadores em outros estabelecimentos normais do Estado, dão, ao lado do programa da cadeira de música publicado ha tempos no órgão oficial, bem a mostra da orientação do Governo, auxiliado por técnicos de escol, no que se refere a esse interessante capítulo da educação artística de nossa mocidade.

O curso de diretores de grupos será o complemento da reforma do ensino nas casas de educação popular do interior. Vindo e vindo, vencerão muitos de nossos diretores, cheios, quasi todos, de boa vontade, proficientes em grande numero, mas afastados do centro de cultura pedagógica que é Belo-Horizonte.

Estudando e confrontando, aprendendo e concluindo, os diretores de grupos escolares que aqui vierem alargarem, certamente, o seu raio visual, pondo-se mais em harmonia com as novas diretrizes do ensino e tornando-se, portanto, mais eficientes, mais aptos para o serviço que o Estado pede a sua dedicação, ao seu preparo e ao seu patriotismo no amanho da seara que se lhes confiou.

Acima desses, porém, e de quaisquer cursos que os governos de Minas venham a criar, alimentando e espreitando, sem pausa, a lampada do sacrário, nenhum sobrelevaria ao curso de férias que se instituiu para o preparo técnico do professorado, ao qual só os certificados de aprovação garantiriam acesso na carreira.

O que o atual governo fez com as professoras diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento, marcando-lhes vencimentos especiais, de par com outras prerrogativas regulamentares; o que acaba de fazer com as professoras contratadas de trabalhos manuais, só lhes dando efetivação mediante curso regular feito nesta Escola; o que fez com as professoras de metodologia dos collegios religiosos, conferindo-lhes, ao fim de curso especializado, o direito de lecionar essa disciplina em seus estabelecimentos — faria, também, de modo mais abrangente, com todo o professorado mineiro, só lhes assegurando a ascensão aos postos da carreira, à vista

de provas de competência profissional, ao lado da idoneidade moral para o exercício do magistério e dos cargos de assistência e direção no seio deste.

A esta Escola, que, como disse, é o coração do ensino, onde vem ter e donde volta, arterial e quente, o sangue do todo educativo, está, pois, à medida que se forem balizando mais longe os destinos da nossa gente no campo da cultura, reservado um papel de notável relevância. Ela será o filtro, onde passarão, para um futuro melhor, as gerações de professores de que depende a projeção do Estado pelo valor afirmativo de seus filhos.

Que a Escola de Aperfeiçoamento, à qual, no cargo que exerço, tenho dado o melhor do meu apreço e da minha simpatia, pela construção que nela se erige; que a Escola de Aperfeiçoamento assista sempre, não só nos lábios, mas no coração de quantas, obreiras valorosas, lhe compõem o corpo de trabalho, o largo e imperioso espírito de cooperação pessoal como tem sido, sem o assalto da vaidade, com o idealismo quente mas regulado, que se requer de cada unidade do ensino, para que a totalização do esforço dê, na cidade do pensamento, para as avenidas arejadas do progresso e da civilização, tudo pela grandeza cultural de Minas, dentro de Minas, — por Minas e pelo Brasil”.

Encerrada a sessão com a execução do Hino Nacional, as autoridades presentes visitaram a bela exposição de trabalhos, em um dos salões da Escola, tendo causado essa parte do programa magnífica impressão.

## A colação de gráu da turma de 1933 do Colégio Imaculada Conceição

*O discurso pronunciado pelo dr. Noradino Lima,  
como parainfo*

“A vaidade, como o Tifeu mitológico possui pelo meio cem cabeças. Uma delas talvez me tenha tocado a alma, pois quasi me sinto vaidoso ao tomar, entre vós, o lugar que vossa eleição me destinou.

Leve Deus esse pecado, que é vênial, á conta do muito que quero ao Colégio Imaculada Conceição, tão alto no serviço do Céu e no conceito dos homens que para qualquer destes é sempre motivo de contentamento, mais ou menos des-

tado, pôr-se em contacto, como ora me acontece, com esse punhado de verdadeiras educadoras e com esse belo corpo de alunas — viveiro de futuras mestras na arte de ensinar.

Compreendo, com fidelidade de sentimentos, senhoras diplomandas, a beleza moral desta grande hora, e, como no Apocalipse, posso exclamar, acorrendo ao vosso convite: — *Ecce venio*; eis-me aqui, para, primeiramente, agradecer a vossa delicada lembrança, fixando o meu nome junto ao vosso na deliciosa tertúlia desta noite.

Em segundo lugar, para felicitar-vos com todas as véras de minh'alma, ao vê-vos chegadas ao término da viagem de esperança e de fé, que há cinco anos empreendestes, visando êste pouso do espírito que soube lutar e vencer. Pouso, disse eu? Puro engano. Estação apenas da grande estrada, cujo término não é igual para todos e cujo panorama também, de um lado e de outro, varia, como num caleidoscopio, segundo o observador ou, no caso, consoante a visão do viajante.

De uma coisa sei eu: até aqui viestes juntas, tagarelas como num pic-nic em manhã de sol, e a viagem tinha estações certas, em número de cinco, e um rumo também certo — êste dia em que tomais na mão a vossa bagagem, que é um quadrado de papel dado pelo Colégio, com o endosso do Governor. Bagagem tão leve, que fica bem num cantinho qualquer da mala ou, em moldura, pendida de uma parede. Entretanto — direis — custou tanto a carregar... E' que ela teve por embalagem ansiosos e esperanças que pareciam não acabar mais.

Mas acabaram; e agora, sob novos auspícios e em novas diretrizes, ides entrar num mundo diferente, povoado de realidades, onde a luta, já não para a conquista do diploma, mas para o uso dele, vai continuar.

Sim. A luta continúa. E aí de nós se não continuasse! A juventude — disse Ingenieros — é levedura moral dos povos. “Jovem que pensa e trabalha, que sonha e ama, jovem que quer honrar a tua mocidade, nunca desejes aquilo que só poderás obter á custa do favor alheio; aspira com firmeza a tudo quanto possa realizar a tua própria energia: Se quiseres trincar os dentes num fruto saboroso, não o peças; planta uma arvore e espera. Tê-lo-ás, ainda que tarde; tê-lo-ás, porém, infalivelmente, e será todo teu, e possuirá o sabor do mel quando o tocarem os teus lábios. Se o pedires, não terás a certeza de obtê-lo; custar-te-á, talvez, muito mais do que se houvessees plantado a árvore, e, uma vez conseguido, teu paladar sentirá o amargor da servidão a que o deveres”.

Assim falou o pensador; assim falaria todos os espíritos que apontam para caminhos altos. E, pois, chegada a hora de plantardes a vossa árvore: nesta transmutação de aspectos e cenários, ela servirá sem dúvida, a um tempo, de baliza para os surtos de vossas inteligências e energias, e de sombra aos pequeninos que forem confiados à vossa guarda.

A luta continua; mas a vitória será vossa, porque se, de um lado, temperastes o vosso espírito aqui, na forja humana da cultura e do trabalho, de outro, o encaminhastes, no sentido da fé, — alça de mira de quem deseja sinceramente atingir o alvo, ou seja a conquista do céu pelas obras — na terra.

A lei de Galileu, em que se estabelece, na determinação dos fenómenos, a coexistência de forças, não é um postulado vão, muito menos quando vemos irmanadas, no mesmo campo, a ciência e a fé — forças irmãs, que caminham juntas, sem contradição possível, e cujo ponto de contacto se acha no infinito.

E se uma fica dever a outra, é certamente a ciência a devedora, porque se, para Spencer, pôde ela ser representada com uma esfera que quanto mais aumenta de volume, mais multiplica os pontos de contacto com o infinito, onde, para o homem da ciência, mora o mistério, para o homem de fé o mistério não existe, porque, na ponta de cada problema inextricável para o cientista, está a palavra do Criador, revelada a clara, para o que crê.

Eu não separo a ideia da escola, no seu sentido de formação moral do homem, da ideia de Deus, a cuja imagem e semelhança o homem foi feito. E sei que neste terreno ando em boa companhia. Atenemos para a concepção que Frederico Froebel, por exemplo, forma da escola. Esta tem por objecto, segundo aquele eminente e velhissimo pedagogo, dar a conhecer á criança a essência, o interior das cousas, e a relação que elas têm entre si, com o homem e com o aluno, afim de mostrar o principio vivificador de todas as cousas e sua relação com a Divindade.

O fim do ensino para o grande educador que, nascido há 150 anos, ainda tem o seu lugar no mundo pedagógico de hoje, está em se referir a Deus, á unidade e ás diversas condições de todas as cousas, para que o homem possa agir na vida segundo as leis divinas. O caminho para chegar lá é a instrução.

Com o espírito preparado na cultura do século e o coração aquecido pela chama do Verbo, estais, portanto,

aptas para o prosseguimento de vossa luta e o plantio de vossa arvore.

Se tudo na vida organizada se reduz ao coeficiente da acção, em determinadas funções as faculdades potenciais de agir devem ser mais apuradas. A função de ensinar é das que mais requerem tais faculdades. A própria origem da palavra educação — *educere* — induz ao movimento, e um grande educador americano, Charles Ham, faz consistir a educação sobretudo na faculdade de agir: "A educação, diz elle, é o cultivo de todas as faculdades do homem para o ponto culminante da acção".

Impondo-vos hoje, pela recepção de vosso diploma, a faculdade de ensinar, eu diria quasi — o dever de ensinar, — tomais o compromisso de agir, menos em proveito próprio do que em favor de outras almas, cuja formação desconhecéis, cujos sentimentos ignorais, e que, entretanto, vos serão entregues como a argila bruta, para de vossas mãos sair a obra modelada.

Para que esta seja digna de vós e desta casa, cujo nome, como alma-mater, vai ficar ligado ao vosso nome, é necessário que, ao lado dos três attributos a que já me referi — cultura, trabalho e fé — se juntem dois outros pelo menos: o ideal, não um ideal indeciso, de luz incerta e fugaz, como os balões de ar aquecido em noites de S. João, mas um ideal — essencia da vida e parte dela — um ideal messiânico, tão quente e tão sincero, que, tocadas de sua chama imortal, podereis levar no peito, como o poeta, "um clamor que abalaria o mundo e um clarão que incendiaria os astros".

Só pôde ser bom professor aquele que, embora somando decepções e amarguras nos contadores da vida, possa chegar ao cabo da jornada com um saldo de ideal em seu favor.

Para tanto é necessário o espírito de renúncia e a obsessão de bem-fazer. Se a arvore — a arvore que ides plantar — não dê logo os esperados frutos, ou se estes, por um phenomeno qualquer, não rebentarem da galleda, segue-se que deveis pô-la no chão, aos golpes do machado vingador? Certo que não. Um pouco de sombra pelo menos ela há de projetar, senão para vosso corpo, ao menos para repouso de corpos alheis, e deve considerar-se feliz quem pôde inscrever no seu destino o privilégio de ter podido agasalhar alguém.

Do ponto de vista das compensações humanas a missão de ensinar tem, sem dúvida, asprezas incalculáveis.

E', porém, tão nobre, tão impressiva, tão isolada no serviço dos homens e do céu, que devemos tê-la como prerrogativa, e indeclinável, se formos escolhidos entre os muitos que as Escrituras fazem chamar para o festim das bodas...

Vultos de alíssimo relêvo na galeria humana têm considerado glória final da existência a glória de equacionar o problema da educação.

Citarei, como corroboração do que afirmo, apenas um exemplo, e esse basta pela expressão de que se reveste. O fato veio narrado em "Los Tiempos Nuevos": — Sarmiento, que iniciou a sua vida pública ensinando a lêr aos moços analfabêtos de sua província; Sarmiento, que imigrou do Chile, fundou a primeira escola normal da America do Sul; Sarmiento, que, em sua viagem pela Europa, contemplou com olhar de agúia todos os progressos pedagógicos susceptíveis de ser trasladados para sua pátria; Sarmiento, que nos Estados Unidos teve por mais alta, entre suas relações illustres, a do educador Horacio Mann; Sarmiento, que, presidente da Republica, timbrou em abrir em cada encruzilhada dos pampas de sua pátria uma escola e uma biblioteca; Sarmiento, aos 80 anos de idade — quando o espirito reacionário conspirava contra a nova educação liberal — não vacilou em assumir as mais altas responsabilidades, aceitando o encargo de dirigir a instrução pública primária, que considerou, então, posto de acesso, depois de haver sido presidente da nação. E, acrescenta Ingenieros, tinha razão Sarmiento: era um acesso.

Eis, senhoras diplomadas, a concepção que os grandes homens, pensadores e sociólogos, têm do posto que ireis ocupar no quadro dos servidores da sociedade.

Alexandre Magno — narra D. Joaquim Silverio, o morto imortal, em uma de suas magnificas pastorais — respondia aos que lhe perguntavam a causa dos muitos e singulares favores que fazia a Antipatro: — "Porque ele está em lugar de meu pai".

Pois bem, em lugar de pai, de mãe, está todo aquele ou aquella que toma sobre si a missão de educar. Nem sempre no contas-correntes do professor há um Alexandre para melhorar a receita; há, porém, sempre, dentro de cada consciência, um Jeremias dizendo: "Eu te plantei, vinha escolhida".

Sim. Plantai tranquilamente, confiantemente, a vossa arvore.

E Deus estará convosco".

## Colação de gráu das alunas da Escola Normal Oficial, de Formiga

(Discurso do Dr. Noraldino Lima)

"*Domine, ad quem ibimus?* — A quem iremos, Senhor? — disse, há perto de mil anos, o apóstolo; a quem iremos Senhor? repetem conciente ou inconcientemente, de modo expresso ou implicito, quantos, ao longo da existencia, tenham, em dado momento, por companheiros a dúvida, o ateuo a inquietação...

Olhai introspectivamente um instante; fixai no vosso pensamento os olhos, donde parece jorrar toda a luz das estrelas "mudadas em sonhos e mentiras" e sentireis que, na linha fronteira dos dois mundos — um de onde saís, outro para onde entraís — alguém que não gosta de ver as almas completamente satisfeitas e os corações batendo perfeitamente felizes, deixou pairando solta, no ar, a interrogação do evangelista: *Domine, ad quem ibimus?* A quem ireis? — Para o trabalho, para o dever, para o triunfo.

O trabalho é sem termo, o dever é penoso, mas o triunfo é positivo, porque, se não for conferido pela justiça dos homens, se-lo-á pela de Deus.

Mas, notai: não ides sós. Nestes dias de dezembro, fechando o ano e abrindo novos horizontes aos nortes da educação, centenas de jovens mineiras em todos os quadrantes do Estado, têm, como vós, na boca o mesmo riso, no olhar o mesmo fulgor, no peito, o mesmo alvoroço, e no cerebro a mesma interrogação — *Domine, ad quem ibimus?* E' ocioso repetir a resposta: para o trabalho, para o dever, para o triunfo...

Oitenta e cinco escolas normais de Minas — 25 officiais e 60 equiparadas — oferecem, neste fim de ano, o mesmo espetáculo, que não envelhece porque se renova sempre e tem a alimentá-lo o sangue que madrega no coração da mocidade.

São semeadoras que se dirigem, cantando o seu canto de sól, a caminho do campo...

Estão de parabens as crianças, as venturosas crianças de hoje, para as quais a escola ativa é o grande centro de interesse; estão de parabens os operarios, cujas mãos calosas tanto manejam a trolha e a picareta durante o dia, quando pegam a pena e o giz á noite, nos cursos feitos para elles; estão de parabens as domesticas, os soldados, os presos

das penitenciárias, todo esse complexo de indivíduos de ambos os sexos e de todas as condições, todo esse conjunto de almas díspersas e confusas, por que a escola, a grande niveladora, foi criada, como a luz, para redenção de todos os famintos espirituais.

*Domine, ad quem ibimus?* — A quem iremos, Senhor? Para o trabalho... para o dever.

Vêde, senhores, o ritmo admirável que orienta e articula os movimentos de uma pequena mestra indo e vindo entre as carteiras donde emergem cabecinhas louras, cabecinhas castanhas, cabecinhas negras, toda essa onda movediça de cabecinhas amadas que surgem para a vida. Ensinando, corrigindo, atendendo a esta que tem o dedinho para o ar, águia que interroga com os olhos, a todas que enchem de graça e de ruído a classe — a professora é expressão viva e corporea do trabalho, que é o fator da produção e da riqueza, balsamo de todas as dores, consolo de todas as magoas, tão necessário á natureza física, como indispensável á natureza moral.

Na sua escola, na sua classe, exemplificando a energia, vivendo a ação, é a criadora de todas as altitudes, inclusive o trabalho — a grande terapêutica universal.

De efeitos positivos na existência humana, pouco importa a obscuridade da origem vocabular: venha do latim *tribulare* ou *trabs*, do gaelico *trabh*, do inglês *to travel*, trabalhar é, de modo geral, agir, e, como no grego, fazer cousas úteis. Se como no castigo idêntico, o trabalho para alguns etimologistas, significa, pena, fadiga, tormento, é o caso de se dizer dele o que o poeta disse da saudade — é dor que dá prazer, pois que é condição da vida, não sendo dentro dela, na frase do economista, "nem glória nem oprobrio. Perante a Sofia, é uma lei natural; perante a Moral, é um dever, como também o considera a Religião cristã. Se alguém não quer trabalhar, também não coma, disse S. Paulo aos thessalonicenses) — Sob o ponto de vista jurídico, é um direito e não obrigação, salvo estipulação contratual. A Fisiologia recomenda como útil para a saúde do corpo; a Psicologia, para a higiene do espírito. Finalmente, a economia Política o entimera como agente de produção".

Formar, pois, na criança o hábito do trabalho e dar-lhe diariamente na classe o exemplo desse hábito é ponto incontroverso como dos mais sugestivos na missão da professora, a quem cabe plasmar os valores humanos que a sociedade lhe entrega, para a metamorfose, em estado de em-

brão. A preguiça e a maldade — diz Julio Payot, em seu livro "A Moral na Escola" — são os dois defeitos da criança.

Alinha, esse escritor os males decorrentes da preguiça — "doença da vontade".

Para ele a preguiça mais vulgar é a repugnância de refletir antes de agir. O estudante que não tomou a resolução de cumprir em tempo as suas obrigações vê-se, á última hora, atrapalhado e aflito. E é assim sempre na vida. Aqueles que não adquiriram o costume de pensar de antemão no trabalho a realizar são máus trabalhadores: na cultura de uma terra é preciso preparar tudo de maneira que no dia destinado á sementeira não falte o grão para semear. "Quando o forno está quente é preciso que o pão esteja amassado".

"Quantas mulheres — acrescenta pitorescamente Payot, referindo-se á classe mais modesta — pela preguiça de refletirem, não sabem prever cousa alguma! Fazem sempre a comida a última hora, e acontecê-lhes que, á chegada do marido, a carne está crua por dentro, queimada por fóra, e as ervilhas, pela sua dureza, podiam servir de chumbo para as espingardas de caça".

Dos efeitos inherentes á preguiça nenhum excede, sem dúvida, ao da inveja, tão intimamente ligada ao sentimento desses naufragos da vida.

E é ainda Payot que põe na boca do preguiçoso e do trabalhador este expressivo diálogo que retrata a lógica de todos os dias: "Ao companheiro que a força de ardor no trabalho conseguiu uma situação, diz o malandro, que apodrecou na inércia: "Tiveste muita sorte?" Dá vontade de se lhe responder "Nem tanto. Não se trata de sorte? enquanto te levantavas tarde, enquanto passavas o dia a jogar e a beber, eu estava trabalhando. Só quem semeia pode colher; não semeaste; não tens o direito de colher cousa alguma". Na verdade "os madraços que nada souberam conseguir na vida são os que mais se encarniçam" contra aqueles que honram o seu país". E' que o preguiçoso é azêdo, descontente, máu, caluniador, estúpido e sem dignidade.

Trabalha, professora de hoje: move-te dentro da tua sala, onde, soberana, deves reinar, não com a supremacia de tua inteligência, porque ha em torno de ti dezenas de inteligências quem sabe se maiores que a tua, e de que mestra que és, te has de orgulhar um dia; mas, domina, sobretudo, pelo exemplo de tua energia: ela é faísca que vai acender o lume em lares felizes; é a semente que, multiplicada

ao infinito, abarrotará os celeiros; é a réstea de luz que atravessará as esferas...

*Domine, ad quem ibimus?* Senhor, a quem iremos? E eu te direi, professora de amanhã: vai para o trabalho, vai para o dever, e assim sendo, irás para o melhor dos destinos na terra, porque estarás elaborando na obra da grandeza comum; estarás sendo útil ao teu semelhante e, pois, cumprindo a mais doce das missões, porque impessoal é, assim, divina.

Muitos dos operários dessa vinha são heróis ignorados cujo esforço comovido ficou integrado, sem rótulo, sem a história da origem, no esforço coletivo. Por ser anônimo, deve deixar de fazer sentir esse esforço? Não, por certo. Ninguém saberia enumerar todas as fontes humildes que vêm ter, de barrancas solitárias, ao leito do Amazonas; entretanto, quem contempla esses 300 quilômetros de estuário de rio-mar, em luta com o Atlântico, e penetrando, a largo trecho, nos domínios deste, sabe que ali não está apenas o filête de água do Perú, das entranhas rochosas da cordilheira, andina. O que nos cumpre apreciar é a pompa do caudal, na força potencial de suas águas e na perene revelação da Onipotência que as criou e renuiu.

Professora de Minas, que hoje recebes o teu diploma e que, assim, amanheces, — o olhar cantando, o riso cantando, as faces cantando, a alma e o coração cantando, — toda, da cabeça aos pés, um cântico só, de alegria e de triunfo, um pouco da divindade criadora na intersecção dos dois mundos em que estás, muito do ritmo universal na tua fisionomia radiosa: — professora, de Minas, que abres, como as velas de um barco ao vento promissor, tua inteligência, tua bondade, teu coração quente de ternura e palpitante de amor, da grande ternura das almas bem intencionadas, do grande amor das cousas superiores — para a luta! para a vida! a luta do bem e a vida do trabalho, vigas da mesma ponte que a qualquer, notadamente a uma perceptora, é dado construir ligando as duas margens do rio sem foz.

Se assim fizeres, não olhando, no bojo de tua carreira, o aspecto material, que é nada, mas o alcance social e humano de tua missão, que é tudo — terás cumprido o teu dever. Terás feito escola de trabalho.

Terás criado a alegria, de que a escola, bem compreendida, é geratriz; e a alegria, sendo um tônico, é condição de ventura, como a tristeza, ponto fraco da vontade, é manifestação de egoísmo e de fraqueza. Terás criado o entusiasmo, laboratório de iniciativas, de atitudes mentais e físicas, não

o entusiasmo piegas, de meninos cloróticos, rapazelhos de olheiras líricas e velhotes de esgares ridículos — mas o ideal, oficina dos bons impulsos, relacionado com o meio e as circunstâncias, embasaria a ação e reação no ambiente em que se faz necessária a sua influência construtiva.

Terás criado o espírito alvorecente de teu aluno — teu filho espiritual, embora nascido de mãe alheia, o que mais enaltece ainda a eminência de teu papel — o sentimento do equilíbrio, do meio-termo, que põe o homem no seu justo lugar no quadro dos acontecimentos e das vicissitudes, impedindo-lhe seja um Heracito, com os olhos transformados em dois círculos a chorar, ou um Democrito com uma gargalhada imbecil e eterna rolando-lhe dos lábios.

Criando tantas cousas belas e fecundas, terás realizado o trabalho de consciência e compreendido, à justa, o império do dever; terás formado homens na aceção da palavra, combatendo neles e por eles a flora humana, por todos os títulos daninha, dos mata-pastos e mata-páus, que agem, passivamente, em diversos níveis — aquele, rasteiro, aniquilando a graminea no chão; este, roubando a vida à árvore, que o acolhe, no espaço.

Professora de Minas, em cujo dedo acabo de colocar o anel simbólico — aliança entre a tua e as almas em desabrocho que irão voar, amanhã, em volta de ti como um enxame inquieto de abelhinhas em torno de uma corola — caçula de carne, toda de mel e perfume; professora de Minas, funde o teu pensamento de amor, o teu sentimento do bem num só molde, no cadinho único do trabalho que vai ter-te como levita, e no dever que, escravizando-te vai fazer de ti, no teu glorioso mistér, fabricante de asas para a liberdade.

*"Domine, ad quem ibimus?"* Senhor, a quem iremos?" estão dizendo, professora, os teus olhos leais, que não mentem; e eu, que não tenho igualmente o direito de mentir-te, responderei ainda uma vez: para o trabalho e para o dever.

Trabalha e observa: Cumpre o dever e espera. Lá adiante, como recompensa, não encontrarás certamente jardins de Hesperides, maravilhas de Golconda.

Há, porém, um prêmio superior às magnificências que a esperança — amiga mentirosa — admite, mas a realidade contesta: está lá em cima, na vertente dolorida, donde, cada passo para além, é um avanço para o sem-fim...

Nessa altura da tarde, tu que apenas começas o teu dia, pára e olha de frente para esta noite: o negativo de tua consciência julgadora terá concentrado, estou certo, sobre tua cabeça, em arco resplandescente, toda a luz que tiveres es-

palhado ao longo da travessia. Começa, pois, a tua caminhada! Não penses, minha doce amiga, que tudo te vai sorrir. Há, por aí fóra, albores e poentes, confidências da luz e malícias da treva. Se a dor, o que é fatal, te fizer, como um ladrão de estrada, alguma surpresa, alguma tocaia, na hora do teu melhor devaneio, do teu mais acarinhado idílio com a felicidade, que julgavas inalterável, — se a dor, que é um toque do Alto, te assallar e transmudar-te o riso claro num rictus pungente, não a amaldiçoês; tira dela o motivo para gosares, após a tormenta, a ventura calma que se interrompeu.

Vive e caminha: — Sê boa e sê alegre. A alegria e a bondade são ótimas companheiras de viagem. Põe nelas o teu escudo e a força de tua glória, pois que — fixa bem o que te vou dizer: — a melhor alegria da vida ainda é a alegria de viver e a melhor glória do mundo é a glória de ser bom.

### Escola Normal «Sacré Cœur de Maria»

*A solenidade de colação de gráu ás novas diplomandas — O discurso do prof. Guerino Casasanta, paraninfo da turma. Outras notas*

Realizou-se, no dia 3, ás 14 horas, a solene colação de gráu das novas normalistas da Escola Normal Sacré Cœur de Marie.

A sessão solene foi presidida pelo dr. José Bernardino Alves Junior, secretário das Finanças, que estava ladeado do srs. professores Guerino Casasanta, inspetor geral da Instrução, representando o dr. Noraldino Lima, secretário da Educação; prof. José Donato da Fonseca, fiscal das promoções; dr. Arduino Bolívar e a revma. Irmã Directora.

Aberta a sessão, o dr. José Bernardino deu a palavra á oradora da turma, senhorinha Maria Kasken Ayres, que proferiu brilhante discurso.

Na qualidade de paraninfo, usou da palavra o professor Guerino Casasanta, que pronunciou o seguinte discurso: "Agradeço-vos, de coração este momento de alegria, que me proporcionais, fazendo-me participante, como paraninfo, de vossos anseios e de vossas esperanças.

Estais hoje, caras alunas, no ponto terminal de uma etapa e a vossos olhos vai abrir-se um novo caminho, já ago-

ra sem as ilusões e os encantamentos de alunas, mas com as apreensões, com os cuidados, com as responsabilidades de professoras.

Há, entretanto, nesse novo passo de vossa vida, satisfação e alegrias: ponto é que, no desempenho de vosso mandato, vos orneis das forças e das qualidades que o magistério requer.

A cada um, diz Payot — a experiência, sempre pouco caridosa, adverte que a vida é aquilo a que tem o direito.

No magistério, como em todas as outras situações da vida, seremos o que determinarem as nossas possibilidades, o nosso amor ao trabalho, a nossa sinceridade, a nossa bondade, o nosso carácter.

Se um professor fracassa, é porque lhe faltam os requisitos para o éxito e para o successo. Ou não se preparou convenientemente no tempo próprio, ou não diligenciou armar-se do saber necessário a dirigir as crianças.

Num, como noutro caso, a experiência lhe mostrará que êle tem direito ao fracasso.

Daí se conclue que todo o vosso esforço se dirigirá, agora com maior intensidade ainda, a conseguir uma perfeição que seja uma garantia do vosso successo e um penhor seguro de que alguma coisa poderemos fazer para a grandeza de Minas-Gerais.

A transformação dos métodos de ensino, o uso da técnica moderna e apropriada, a prática salutar das atividades extra-curriculum e tudo, enfim, que o mundo pedagogico apreçõa sem cessar, nada disso tem valor real se o professor permanecer estático no caminho sem vibração e sem entusiasmo pelo maximo problema dos povos modernos.

O professor deve ser um homem de seu tempo. Não pôde permanecer indiferente diante da vida e do progresso. Buscará armar-se de forças para poder acompanhar o grande movimento educacional em que os homens põem a reforma no mundo.

E para conseguir isso, terá cuidado em aprimorar certas qualidades essenciais a um bom professor, de forma a encontrar em sua profissão — não um meio de morte como já se disse — mas um meio de vida, um instrumento de perfeição e motivo de enobrecimento e dignidade.

A influência do bom professor, não se limita a distribuir a alegria e contentamento dentro de sua classe: ela se



estende pela cidade e se propaga por seu Estado, como uma força irresistível e benéfica.

Nenhum esforço é despendido inutilmente. E muito menos por parte do professor, em cuja personalidade se fixam os olhos das crianças e de quem depende a estabilidade dos povos.

Ao preparar as suas lições, ao entrar na aula, ao tratar seus alunos, lembra-se-á o professor de que está agindo para o futuro, de que está desdobrando sua personalidade pelos anos a vir. As suas palavras serão palavras de vida; as suas atitudes serão exemplos a seguir.

Nada é superfluo no mestre.

Toda a sua pessoa deve ensinar. Todas as suas palavras devem ser de ensinamento, por forma a constituir peñhor de verdade e de honradez no espirito infantil.

Já se vê que, na escola, o que se quer é a educação da infância, o seu desenvolvimento total, num sentido de vida. *O a b c* — tão apregoado — não é o problema capital da escola. O seu problema fundamental é a organização integral da infância, é a sua preparação para viver, imediatamente, na escola, os seus problemas e, portanto a sua vida.

Não se criará, na escola, um ambiente estranho e incompreensível, que desadapta a criança e lhe cria um modo de vida diferente daquele que ela leva em casa, na rua, nas relações quotidianas. Ao contrário, far-se-á com que, na escola, sejam aproveitadas as suas experiências, de modo que, retificadas e redigidas, a sua conduta adquira modos de ser útil a si e á sociedade.

A tarefa da escola é a educação. E, assim sendo, o mestre deve organizá-las de sorte a melhorar a criança e a agir, em todos os seus atos, nesse sentido.

Para isso cumpre aperfeiçoar incessantemente as qualidades essenciais que farão, de vós, ótimas condutoras da infância, e de vossa escola, magnífico campo de patriotismo e de carácter.

Estou certo, caras alunas, de que fareis muito para a grandeza da Pátria. Que Deus vos abençoe e ilumine.

## Colação de gráu na Escola Normal de S. Gonçalo do Sapucaí

O DISCURSO DO DR. NORALDINO LIMA

O dr. Edgard de Faria Soares leu o seguinte discurso, em nome do paraninfo:

"É sempre cheio de renovado encantamento que revejo e percorro a nossa amada terra sul-mineira. E' que, reven-do-a e percorrendo-a como que volto mim mesmo, batendo velhos passos, para sentir, emergente, no negativo inde-level da saudade, que é a maneira de viver duas vezes, todo esse grande mundo de pequenos nada's que ficou longe — mi-crocossimo delicioso, cuja recordação, tocada de infinita doçura, é como que uma sombra invisível de coisas que não morrem e que permanecem de joelhos, a orar, no espaço e na distância.

São os primeiros tempos da vida, quando o corpo mal engatinha e o espirito voa com a velocidade da luz. São os primeiros sonhos e as primeiras esperanças que se apendão sob as nevoas do amanhecer; as primeiras lutas e os primeiros trabalhos que repontam na cadêa que só ha de se quebrar no túmulo; é a floração de tudo que concebemos em devancios ingênuos e versos pueris — primicias do coração, transbordando de essências imateriais. Esse, um dos motivos por que amamos com amor tão forte a zona de que somos filhos: temos no sangue e no sentimento um pouco do ar que a oxigena, da seiva que circula na sua vegetação, do sol que é o dono dos céus e dos horizontes circundantes.

Mas, não é só por isso que se pode querer e admirar este lindo e ubertoso trato do solo montanhês.

Quem vir com olhos de justiça estas paragens não poderá nunca deixar de envolvê-las da melhor admiração. Como que aqui, entre serras empinadas, vales fecundos e águas harmoniosas, tudo afina pelo mesmo diapásão: aprouve ao Criador fundar nestes sítios que o Rio-Grande e o Sapucaí confinam, a escola da beleza, no que esta possui de mais espontaneo e sugestivo. O Sul de Minas é, do ponto de vista da geo-física, o reservatório da graça e da fertilidade. Tudo é livre entre nós — cachoeiras e frondes, ventos e almas, desde a alma inquieta dos homens á alma inquieta das coisas.

A uma natureza assim — presente de Deus feito ao homem — só poderia responder este, como tem respondido,



com a afirmação de suas energias em todos os campos de atividade que lhe tem sido dado ocupar. E, por isso, quanto aos reinos da produção, esta zona é centro dos mais proclamados de Minas. Na vida da inteligência não se revela menos que na do trabalho. Na administração e na política cabe ao Sul um lugar indisputável. Não ha zona do Estado que, neste particular, melhor guarde as tradições nunca assás aplaudidas, da gente mineira: nossos homens públicos primaram sempre pelas qualidades angulares de nossa raça — a modéstia, a desambição, o equilíbrio, tudo servido pelo mais nítido senso de defesa da coisa pública, de identificação com ela, consoante indeclináveis imperativos da consciência.

Silviano Brandão, Delfim Moreira, Bucno de Paiva, Bueno Brandão, entre os principais mortos na Republica, e Wenceslau Braz, o maior dos vivos sul-mineiros, são expressões da mesma força, da mesma expressão política que tem feito de Minas uma das traves do regime.

Eu me envaideço, pois, convôco, da glória de nossa terra, parte indissolúvel da gleba mineira, cujas lindas geográficas, afinal, são méros acidentes ou linhas de divisão política, tão alto e claro é o sentido de nossa concepção de brasilidade dentro da pátria, cuja união, pela afinidade dos espiritos, já que não o pode ser pela identidade econômica, deve constituir nosso objetivo constante e capitulo de especial predicação na escola brasileira.

Ressaltando, em rápido bosquejo, como o fiz, alguns dos aspectos de nossa formação física, cultural e produtiva, quero apenas dar a primeira volta à chave da escola primária no Sul de Minas, solicitando a atenção de minhas jovens parainfadas para as suas responsabilidades no preparo da criança do Sul, para as necessidades e tradições do Sul, sem perder de vista, entretanto, os demais fatores de ordem sentimental, ideológica e patriótica que nos manda colocar Minas dentro do Brasil e o Brasil dentro do coração, num todo homogêneo, para o nosso respeito, para o nosso orgulho, para o nosso amor.

Só a escola, não a escola do passado, calceta do espirito e das iniciativas deste, a escola de que viemos os veteranos do ensino e que, sendo a do tempo, ficou sepultada, com ele, mas a escola ativa é a verdadeira, a única compatível com os métodos e sistemas de educação de nossos dias.

Para a orientação física o homem pode lançar mão de vários meios — a bussola, os astros polares, o sol, a casca límbica das árvores nas regiões do Norte... Para se educar, no sentido da pedagogia contemporânea, só ha um rumo — a

escola ativa como bussola empunhada por professores de alma.

Assim compreendendo, a atual administração do ensino não tem poupado nenhum esforço para integrar o nosso aparelho didático-pedagógico.

Para dar à escola o seu justo papel no surto renovador que a tudo e a todos atinge, têm os governos de Minas que reformar precipuamente o professor. Sem mudança da mentalidade deste não é possível transformar a estrutura da escola no sentido de colocar a mocidade, para que ela foi feita, dentro da evolução da vida. Criou-se assim a Escola de Aperfeiçoamento, destinada a formar técnicos para a reforma do ensino primário e normal. Por enquanto essa Escola, que é legítimo padrão da Escola Nova entre nós, mal tem podido atender às necessidades do ensino primário, para que, acima de tudo, foi criada. Além do curso geral, que é propriamente o da Escola de Aperfeiçoamento, foram criados nela, pela atual administração, o curso de trabalhos manuais, desenho e modelagem, o de educação física e o de metodologia para professoras religiosas das escolas normais equiparadas. Esses cursos já deram seus primeiros frutos, diplomando brilhantes turmas de novas combatentes pela grande causa que empolga o pensamento e a inteligência de quantos sonham com a grandeza da Pátria pelo valor de seus filhos.

Outros cursos intensivos, de igual alcance, esão no programa da administração: entre eles o de música e canto, o de diretores de grupos para os estabelecimentos não dirigidos por professoras técnicas, o de metodologia e psicologia para professores das escolas normais oficiais e o de férias — talvez sonho de realização mais remota — para aperfeiçoamento do professorado primário do Estado.

Para a efetividade deste curso, que considero pedra de toque para a sincronização de todo o aparelho educativo de Minas, e que bastaria, ele só, para colocar nosso Estado como vanguardeiro da cultura pedagógica do professorado primário no Brasil, seria indispensável a criação da biblioteca didática circulante a que me tenho referido varias vezes e que seria uma secção da Biblioteca Pedagógica, que teve a fortuna de criar na Capital.

A Biblioteca Pedagógica, que funciona em amplos salões da Escola Normal de Belo-Horizonte, é a primeira em Minas, e, no genero, uma das poucas do país. Destina-se ao professorado, sobretudo primário, normal e secundário, não só da Capital, mas de todo o Estado. Disponde de recursos assegurados pelo regulamento do ensino modificado pelo decre-

to 10.362, de 31 de maio de 1932, e por dotações orçamentárias que tenho pleiteado anualmente, a Biblioteca Pedagógica do Estado vai aumentando sempre as suas estantes e dia virá em que ela se imponha como tendo preenchido totalmente a lacuna que existia num Estado como o nosso, que reclama para a cultura os seus professores, esquecido de que a mesma se adquire através do livro e este nem sempre está ao alcance de qualquer bolsa.

Dando ao problema carinhosa atenção, o Governo criou, por sugestão do Diretor da Biblioteca Municipal de Belo-Horizonte, a Comissão Bibliotecária, incumbida, como serviço honorário de alta valia, de colaborar com o governo na escolha e divulgação da boa leitura, bem como de fazer a propaganda do livro e promover, oportunamente, a disseminação de bibliotecas no Estado.

Ao considerar o assunto, pensei na possibilidade de criar nas diversas zonas geográficas de Minas filiais da Biblioteca Pedagógica; não é uma utopia a idéia, que julgo perfeitamente realizável se concorressem no mesmo pensamento a cooperação do professorado mineiro e alguma folga orçamentária. Com o estabelecimento dessas filiais o problema do livro ficaria perfeitamente resolvido, porque seria relativamente fácil criarem-se as bibliotecas circulantes para cada zona mineira.

Para facilitar a realização desse objetivo, foi ouvido por meu intermédio o sr. Ministro da Viação, a cuja pasta se acha afeto o serviço postal. Pleiteava eu isenção completa de taxa para os livros didáticos que se destinassem aos professores públicos de Minas, remetidos pela Biblioteca Pedagógica e a ela devolvidos.

Consegui que os livros a circularem paguem apenas meia taxa postal: não é tudo, mas já temos, com essa concessão, meio caminho andado.

A título de experiência, para verificação das vantagens que adviriam, entre nós, da instituição de bibliotecas circulantes, ofereci à Biblioteca Municipal de Belo-Horizonte algumas dezenas de livros para a conveniente distribuição pelos grupos escolares da Capital.

O resultado foi magnífico: a petizada tem uma verdadeira fome de leitura... São glúteos de verdade.

Quer dizer que os professores não ficarão atrás, quando lhes forem ter às mãos os livros que cada um escolher no catálogo geral organizado pela federação bibliotecária, que se constituir, reunindo-se, para tanto, sob estatutos comuns, as bibliotecas que tiverem registro na Secretaria da Educação.

Nesse dia o curso de férias para o professorado primário de Minas será questão de mais um passo. O governo organizará programas de disciplinas que os professores candidatos ao curso estudarão nas suas residências, onde quer que exerçam a atividade e sem prejuízo desta. No período de férias funcionará na Capital do Estado o curso, que será mais para exames a que se submeterão os candidatos. Terminando o curso e obtido o diploma ou certificado de aprovação, terá o portador deste assegurado a sua carreira umas tais ou quais prerrogativas que disposições regulamentares e orçamentos fixarão.

Se outras não pudessem, desde logo, ser conferidas, o acesso na carreira, ao menos, ninguém disputaria a quem que assim abrir, com as próprias mãos, o caminho do direito e da justiça.

É certo que o decreto 10.362, que teve a honra de submeter à assinatura do grande espírito, que foi o presidente Olegario Maciel, criou o magistério de carreira, sendo, sem dúvida, providência entre as maiores tomadas em benefício do ensino. De acordo com os dispositivos desse projeto, os cargos efetivos de assistentes técnicas e diretores de grupos escolares só podem ser exercidos por professoras diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento ou mediante concurso entre professoras em efetivo exercício no ensino primário, com quatro anos, pelo menos, de tirocínio no magistério.

Por outro lado, as promoções se fazem sem salto e sem preferência de direitos do professorado. Confesso que o governo lutou, a princípio, com grandes dificuldades para manter essas resoluções, que foram muito meditadas e só tiveram publicidade e execução, dada a convicção, que nos ficou, de que, sobre serem moralizadoras e justas, iriam, elas, até certo ponto, auxiliar a própria ação da política local em face, às vezes, de pretensões menos razoáveis por parte de amigos. E como resistir a amigos é bem mais difícil do que premiar inimigos, o governo, — na defesa do ensino, certo de que, defendendo-o, presta o melhor dos serviços à coletividade — resolveu, consoante a sábia e velha norma, desgastar ao Rei para servir ao Rei... E vai aplicando o Regulamento...

Com o perfeito conhecimento de causa que tenho desse capítulo da administração, devo dizer que os dignos chefes locais, auxiliares imediatos da administração estadual na execução dos programas do governo, vão colaborando com este, cordialmente, no sentido de situar melhor o problema da educação, quanto ao provimento dos cargos do ensino, para que este se mantenha em nível superior, como convém aos inte-

resses das gerações de mineiros, de cuja cultura e formação moral, o que só se obtém com os esforços da carreira, depende a grandeza da nacionalidade.

Precisamos valorizar o professor. Cerquemo-lo, senão dos recursos materiais que lhe melhorem as condições de vida, porque isto não está em função da vontade de quem administra ou legisla, mas de fatores econômicos e financeiros que nem sempre podem, a qualquer talento, ser modificados, — cerquemo-lo, pelo menos, de grande apreço, para que ele não se desiluda de sua missão; respeitemo-lo no exercício de seus direitos e deveres, para que possa, sem constrangimento, ensinar aos nossos filhos — seus alunos — a respeitar-nos porque somos justos e a querer-nos porque somos bons.

Um dos meios de que dispõe o Estado para valorizar os seus professores — unidades cuja totalização abre para todas as possibilidades de triunfo na existência humana — é dar-lhes assistência técnica adequada às suas necessidades e aptidões.

A atual administração, compreendendo esta verdade, reuniu, em julho do ano expirante, todos os assistentes técnicos do Estado.

Em Belo-Horizonte, obedecendo a um programa de trabalho pre-estabelecido, esses bravos servidores da educação, entre os quais alguns se afirmam como dos mais proficientes e todos dotados de grande consciência de suas responsabilidades e do desejo de se manterem à altura delas, realizou-se fecunda e confortadora quinzena de estudos, ficando marcados esses dias como dos de mais realçado proveito para os destinos da reforma do ensino em nossa terra.

O regulamento assegura às professoras diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento a preferência, ou seja a exclusividade de exercer, efetivamente, o cargo de assistente técnico do ensino.

Dada a extensão territorial de Minas, as dificuldades de vida e de transporte em várias das circunscrições e sendo a assistência um corpo não de reserva, mas de ofensiva permanente, mobilizado e em marcha para onde se requeira sua intervenção, é bem de ver a impossibilidade em que as senhoras se encontram para o exercício, às vezes, de tão áspersas funções.

Tornou-se, pois, necessário regulamentar, de modo mais consentâneo com a razão e a lógica da realidade, o provimento do cargo de assistente, não ficando o mesmo vedado ao homem, tanto mais quanto este exemplifica em tantos dos atuais funcionários, até onde pode, quando quer, aliar a sua resis-

tência física à posse e exercício de boa técnica pedagógica. Para se integrar o corpo de assistência, é plano da administração promover, após o concurso legal, um curso intensivo na Escola de Aperfeiçoamento, para os novos assistentes que forem classificados.

Objetivando o preparo técnico do professorado, a Inspectoria Geral da Instrução convocou para Belo-Horizonte, no correr deste ano, três vultos de luminoso destaque no cenário de nossas letras didáticas — D. Joaquim Silverio de Souza, de saudosíssima memória, o padre beneditino d. Xavier de Mattos e o dr. Everard Backeuser. Os dois últimos, realizaram diversas conferências e palestras, estando ainda cheio da luz de tão formosos talentos e de tão avançada cultura o meio educacional de Belo-Horizonte. De D. Joaquim Silverio de Souza pode-se afirmar que sua lição, proferida na Escola de Aperfeiçoamento, foi o seu canto de cisne. Nunca o poente de uma vida teve mais forte reverberação! Nunca o virtuoso pastor — mestre de todos nós — teve mais sabedoria, mais doçura e claridade no gesto e no coração do que nessa tarde de verdade e de fé, em que sua palavra nobre e guiadora apontou os rumos da verdadeira educação ao seu auditório, atento e comovido.

A Semana Pedagógica é outra instituição inaugurada no começo do ano como elemento de indiscutível eficiência na preparação técnica do professor. A primeira dessas caravanas pedagógicas, de que faziam parte o Inspetor Geral da Instrução e os membros do Corpo Técnico de Educação, percorreu, sob minha presidência, vários grupos da Capital, não só pregando e doutrinando, mas também ouvindo lábios experientes de diversas entre nossas distintas técnicas de Belo-Horizonte, em discussão aberta e clara, como interessa e convém ao ensino.

O exemplo frutificou. E sob a direção do Inspetor, realizou-se em Juiz de Fora uma segunda Semana Pedagógica, em cujo programa de palestras, além daquela autoridade, tomaram parte elementos da melhor representação do mundo educacional daquela culta cidade.

E assim em S. João del-Rei, assim em Uberlândia, Itabira vai também ter nos mesmos moldes a sua Semana, e S. Gonçalo do Sapucaí — este hospitaleiro núcleo da inteligência e do trabalho, cujos ansiosos de progresso desdobram aos olhos do visitante, como ora me acontece, panorama de tão empolgante perspectiva — S. Gonçalo do Sapucaí, através das lentes de seus professores, apoiados em todas as forças predominantes deste rico e belo município, na política,

na administração, nas classes liberais e trabalhadoras — len-tes de ouro, dêse ouro que foi a origem do primeiro núcleo de população aqui constituído, ouro que, morando no seio farto da terra, mora, por igual, no cérebro dos homens e no coração das mulheres; S. Gonçalo do Sapucaí arapliou, admiravelmente, o pensamento que deu origem às Semanas Pedagógicas e, lançando mais longe a ancora de sua idealidade, projectou e vai realizar, não uma Semana adstrita ao meio, mas um congresso para os professores de toda a zona sulmineira, com adesão entusiástica das demais zonas do Estado.

Convocando as energias do nosso professorado em momento como este, em que mais se afirmam os novos rumos da educação em Minas, os expoentes da cultura pedagógica local dão de si, de seu amor à boa causa, do seu interesse pela visão das boas idéias, grande cópia de entusiasmo e idealismo puro e entusiasmado contagiante, que, na frase do genio da raça, que foi Ruy Barbosa, "hão de ser a "principal muralha contra o dilúvio nacional".

Mirai-vos nêsse exemplo, senhoras diplomandas. Tomai vosso lugar — o pensamento alto, o coração sincero, e esta noite, rebrandando em estrélas, será para vossa carreira e a vossa vida o resplendor de um dia imortal".

Prolongadas palmas cobriram as derradeiras palavras do orador.

Foi, então, encerrada a sessão pelo dr. Tito Ribeiro, que agradeceu a honra de que fôra alvo, por parte do representante do sr. Secretário da Educação e Saúde Pública.

## A disciplina que nos convém

(Discurso do paraninfo pronunciado no Colégio Sagrado Coração, da Capital, em 10/12/33).

Guerino Casasanta

Trago-vos, caras alunas, os meus agradecimentos pela disitinação que me conferistes chamando-me para vosso paraninfo, nesta inesquecível hora de vossa vida.

Cumprê-me dizer-vos, ao terminardes os vossos trabalhos escolares, e no momento em que ceentais uma nova vida, o que desejamos em matéria de educação popular e quais devem ser os objetivos que queremos e havemos de alcançar.

## A CRIANÇA NA ESCOLA

A criança, na escola, será considerada não fragmentadamente, mas, sim, e sem dúvida, de um modo integral, de forma que a ação da escola se oriente nesse sentido e nessa direção.

Os americanos, com aquela aguda observação que lhes é peculiar, já disseram que "não é possível chamarmos à escola apenas a inteligência da criança, deixando em casa o seu coração e a sua vontade. O menino vem à escola integralmente, e a escola deve recebê-lo integralmente".

O Padre Gerard, nesta mesma ordem de idéias, disse que "lhe doia encontrar na escola apenas professores de língua, história natural e geografia, quando, de certo, desejava encontrar mais do que isso: educadores da juventude, formando o espirito para formar o coração".

O problema dos povos é claro e inconfundível: obter e conseguir da escola uma ação formadora de personalidade, de sorte que a sociedade se enriqueça e nobilite e, portanto, se constitua de força e energia que só os grandes caracteres possuem.

Escola de *a b c*, escola de ler e contar somente, não nos seduz. A desalfabetização terá quando muito um sentido poético, mas nunca exprimirá perfeição de conduta, disciplina equilibrada, possibilidade de um progresso imediato da humanidade. Queremos o homem desalfabetizado, mas, também, educado para a vida.

## FANATISMO DA INSTRUÇÃO

E' urgente desfazer o equívoco com que o fanatismo da instrução, como o chamou Spencer, quer desvirtuar os fins da escola.

O nosso caminho está delinêado: organizar, na escola, a personalidade da criança, fazendo-a resolver, por si mesma e com suas próprias forças, as dificuldades, collocando-as em situação de agir e de encontrar solução para os problemas.

Se o nosso fim é melhorar a sociedade, cumpre dar-lhe elementos vitais e estes serão os cidadãos completos.

## OS SENTIMENTOS GOVERNAM O MUNDO

Não são idéias — diz A. Comte — que governavam o mundo e sim os sentimentos.

Mas é preciso estabelecer um equilíbrio e uma equidistância entre os que só querem a educação moral e os que desejam a instrução pura e simples.

Por ventura — diz Compayré — a inteligência ilustrada não exerce sua ação sobre os sentimentos? Para que haja calor no coração, não será bom que o cérebro esteja cheio de luz?

A educação intelectual será, sem dúvida, magnífica preparação para a educação moral, isto é, meio de avançar o espírito, instrumento de vida, para aperfeiçoar os sentimentos que, afinal, são o homem, são a individualidade.

### FORTIFICAR A VONTADE

Dos trabalhos da escola, convém pôr em relevo a organização da vontade, como um de seus fins precípuos e fundamentais.

Mas, nisto como em tudo o mais, a sensibilidade desempenha um grande papel. "Devemos confessar — diz Fénelon — que entre todas as dificuldades da educação, nenhuma é comparável à de educar as crianças privadas de sensibilidade.

Não nos deteremos na análise dos fatores da vontade, das condições de sua melhoria, nas várias formas culminantes que assumiu nos grandes homens.

Para nós nos basta dizer que, sem ela, não poderemos jamais obter a disciplina, de que tanto necessita não só o presente, como a futura geração.

### A DISCIPLINA E A AUTORIDADE

A educação — diz Wilman — é essencialmente uma obra de autoridade e de respeito. Conduzir — que é o que significa educar — supõe um diretor em cuja personalidade devem concenter a autoridade e o respeito.

Dupanloup quer que na vida e na educação a autoridade inspire o respeito e, reciprocamente, o respeito enobreça a autoridade.

"As faltas contra o respeito são as piores".

"O orgulho é o grande fator da falta de respeito para com os outros.

A autoridade é essa grande coisa, santa e pura, diante da qual o espírito se inclina sem que o coração se abaixe".

A autoridade é um princípio vital das sociedades. A disciplina, por sua vez, é uma lei da vida, como acertadamente diz um pensador católico. O modo porque essa autoridade se faz sentir é que constitui, de verdade, o problema da escola. Só a força moral, que o bom professor deve possuir e que provém do concurso e da reunião de várias qualidades conhecidas, pôde estabelecer uma disciplina que atenda aos fins da organização integral da criança.

A educação é um trabalho essencialmente interior, e, por isso, a disciplina não se pôde limitar à ordem, ao silêncio, à impecável atitude física da classe. É preciso ir mais além, e penetrar na alma da criança, entrar na sua intimidade, revelar ao aluno a sua consciência, ensinar-lhe o valor da satisfação interior, animando-o a confiar em suas próprias forças.

Para Newmann, educar significa: verdadeira transformação interior, segundo nascimento moral, formação de uma creatura nova, formação de um novo coração e de um novo espírito.

### A LIBERDADE

A verdadeira liberdade está em obedecer. Mas é preciso ainda mais: a verdadeira liberdade está em amar a obediência, como acertadamente pondera Dupanloup. É claro o valor dessa doutrina, à luz dos modernos ideais da educação. O homem tem deveres a cumprir, tarefas a realizar, tem, em suma, uma vida a viver.

No contáto diário com a vida, ninguém poderá existir-se à observação de regras e preceitos necessários à harmonia da sociedade. O cumprimento de um dever é um ato de obediência.

A iniciativa do homem realmente equilibrado não sofre diante das exigências sociais: na obediência, encontrará estímulo de incitamento para progredir e caminhar.

Santo Agostinho disse que "só gosamos da verdadeira liberdade, quando vivemos sujeitos à verdade". E Cícero declara que para ser livres devemos ser escravos da lei. Ora, obedecer é viver em verdade. E viver em verdade — diz S. José de Calazans — é reinar.

O fim da escola moderna é organizar a personalidade, de forma que o cidadão seja digno de viver, seja capaz de contribuir para melhorar o meio em que vive e incorporar-se, como valor real, na corrente dos pensamentos e dos sen-

timentos que dominam o mundo, civilizando-o e engrandecendo-o.

Tudo está — disse Cícero (Totum in eo est ut tibi imperes, Tuscul. Lib. II, Cap. XLIX) em que saibas vencer-te. E vencer é obedecer, é subordinar, é dominar.

A escola tem por objetivo, e dos mais importantes, induzir as crianças a cooperar para a felicidade comum. Trabalhar para a felicidade comum é renunciar a certas prerrogativas, é preferir os interesses gerais aos particulares.

### O TRABALHO NOBRE

Um trabalho nobre — dizem — é o verdadeiro educador. O trabalho é a obediência concretizada. E foi por isso que já se disse, talvez com algum exagero, que o trabalho é a escravidão. Mas, no bom sentido, quem trabalha obedece, disciplina o pensamento, organiza o espírito, subordina o corpo. A sabedoria do homem prova-se nas ações, porque todo homem é filho de suas obras. E o trabalho, qualquer que ele seja, do altar ou do campo, do médico ou do industrial, é sempre um conjunto de obras, revela sempre uma personalidade. E, em tudo, vemos que o homem obedece a certos ideais e que a sua vida se rége por certos princípios. Obedece, portanto.

### A VERDADEIRA EMANCIPAÇÃO

Parece demonstrada a necessidade da obediência. Mas, convém repetir, obedecer não é anular a personalidade: é, ao contrário, equilibrá-la. E o equilíbrio deve vir do centro e da proporção: por isso, essa força, para ser eficiente e criadora deve promanar do íntimo do ser humano, agindo de dentro para fóra, irresistivelmente.

Sabendo-se que "a vida de cada indivíduo influe na vida de uma sociedade inteira" urge que a escola se organize, enfim, como verdadeira formadora de homens.

Ora, se a escola não for capaz de orientar a criança num sentido de vida, não conviria, a bem dizer, que ela existisse. Mas a orientação deve ser completa e integral.

Os senões e os descuidos dos operários causaram, em todos os tempos, grandes males á humanidade. Sócrates — diz Smiles — explicava quão útil e excelente seria que todo o homem se esforçasse por ser perfeito na sua esfera — de

modo que, sendo carpinteiro, fosse o melhor dos carpinteiros, ou sendo estadista, fosse o mais insigne dos estadistas.

O que se exige das profissões em geral, exige-se com maior razão daquelas cuja tarefa é formar homens.

E dos mestres se exige um conjunto de qualidades que de fato garantam a formação de uma mocidade sadia e forte, capaz de compreender os problemas da vida e resolvê-los.

"A cultura intelectual não dá decisão ao caráter. "Deus — diz Santo Anselmo, — consegue muitas vezes mais com a vida de um alfabeto procurando as coisas de Deus, do que com a habilidade de um erudito procurando as suas próprias coisas".

O professor — e cada um de nós ensina de qualquer maneira — pelo exemplo, pela palavra e pela ação — deve compenetrar-se de sua altíssima missão e ser, em qualquer momento, um modelo vivo de virtudes comuns que, afinal, são a melhor coroa da vida.

### JESUS E AS CRIANÇAS

Na antiga lei — diz Papini — a criança é que devia respeitar o homem, venerar os velhos, imitar-lhes os modos. O pequeno devia tomar o grande por modelo. A perfeição era a natureza, ou melhor, a velhice. Jesus inverte os papéis. Os grandes devem modelar-se pelos pequenos, os homens idosos voltar a ser crianças, os pais devem imitar os filhos. Nesse mundo onde predominava a força e só se cultivava a arte de dominar e enriquecer, a criança era, apenas, uma larva da humanidade. No mundo novo, anunciado por Cristo, onde reinara só a pureza confiante e a inocência cheia de amor — as crianças serão os verdadeiros modelos.

### O MUNDO NOVO

Filhos do Evangelho — cumpre-nos examinar devidamente as responsabilidades que nos confere o título de cidadãos. A renovação espiritual que preocupa todos os homens modernos deve ter por partida e fundamento a escola. Em torno dela se congrega o pensamento do mundo contemporâneo. O Santo Padre, em sua encíclica "Divini Illius Magistri", traça, bem claramente, as diretrizes da educação cristã e manifesta todo o seu cuidado por essa obra fundamental que é a preparação da juventude.

A escola do Evangelho, porém, requer que seus mestres sejam obedientes à lei e à verdade. Como preencher os deveres se não capacitamos as crianças de que devem proceder bem, onde quer que estejam, ainda mesmo que o mundo grite? E para isso é indispensável que sejamos todos disciplinados também e que a nossa vida seja um estímulo para as crianças, um "sursum corda" quotidiano e empolgante.

### UMA VIDA ÚTIL

Meditemos, pois, demoradamente no grave problema que nos incumbe solucionar. A disciplina que nos convém é, sem dúvida, a disciplina de Cristo: disciplina interior, disciplina firme e consolidada pela prática das virtudes.

Entremos no trabalho e na vida com o coração aberto. Realizemos neste mundo alguma coisa que assinale a nossa passagem na terra, no sentido de contribuir para a melhoria dos que nos cercam e dos que conosco vivem.

Todo o homem deve trabalhar. Toda vida deve ser uma realização. Porque, como muito bem disse um autor — uma vida inútil é apenas uma morte antecipada.

### Colegio "N. S. das Dores"

*O discurso do exmo. sr. bispo diocesano, que parainfou a nova turma de normalistas*

#### "Jovens normalistas.

É este um dos dias mais felizes da quadra juvenil da vossa existência. Atingistes a primeira etapa na gloriosa ascensão para o ideal que escolhestes como programa ou centro de convergência das vossas futuras atividades, em meio da sociedade.

Não pode ser falso ou fictício o regosijo que ora se traduz em notas festivas e se estampa no vosso semblante, nos vossos sorrisos, nos vossos gestos de alegria.

Para justificar, para lhe dar a sanção de um direito sagrado, tendes o testemunho íntimo da vossa consciência que, como a voz autorizada de um juiz sereno e incorruptível, vos diz: "cumpristes o vosso dever; a vitória vos pertence". Tendes a consagração do mérito no diploma oficial, que traz a chanceira dos representantes do governo. Tendes os aplausos

das vossas mestras, os ósculos dos vossos pais, as felicitações de vossas amigas.

Dentre os inúmeros e variados campos que solicitam os benefícios da vossa atividade; entre os múltiplos e variados meios que se vos oferecem para colaborardes em prol da sociedade, do seu progresso, da sua cultura e da sua civilização, preferistes aquêle que, aparentemente, pode ser dos mais humildes e menos remunerados pela gratidão dos homens, mas, na realidade, é dos mais eficazes e necessários: o magistério.

Não vos cansareis, nem perdereis o meu tempo em reproduzir tudo que se tem dito sobre a necessidade, importância e beleza do apostolado da instrução.

Nem é isto, provavelmente, o que esperais de mim.

Vós quereis uma palavra que, mais do que tudo, seja estímulo, conforto e orientação, no momento da partida, nos primeiros ensaios da nova tarefa.

Eu me esforçarei por vos dizer essa palavra, embora descolorida e desataviada, tal como ela brota de um coração que se irmana com a vosso para vos desejar o mais feliz êxito na jornada que ides empreender.

E, se quereis um título para designar o que quer ser o assunto deste páldio discurso, podeis guardar êste: *a pedagogia da felicidade*.

Creio que êste título é mais interessante do que vai ser o próprio discurso. Valha-me, porém, a boa vontade.

Falar-vos da felicidade, quando ela parece desterrada do mundo e condenada a viver nos sonhos quiméricos e na fantasia exaltada dos idealistas; quando não lhe experimentamos a sensação de uma carícia, nem lhe descobrimos um sorriso a não ser através de uma efêmera ilusão; quando o mundo está cheio de clamores e prantos; quando a dura realidade de cada dia e de cada hora nos depara uma coroa de espinhos e uma série de torturas para o coração, não vos parece uma ironia ou uma ingenuidade?

Por mais que nos saturemos de optimismo, impossível nos é contradizer a afirmação de um fato, que se vem repetindo, na amplitude do tempo e do espaço, com uma regularidade espantosa, com a severidade e persistência de um cego e misterioso destino, zombando das lucubrações do gênio, das pretensões do progresso, das conquistas da civilização, dos sistemas políticos e sociais, como das lágrimas dos inocentes e das blasfêmias dos incrédulos. Este fato é o império universal da dor eterna, indecifrável esfinge para os que palmilham as sendas da vida, orfãos da Fé.



Dai, essa onda glacial e negra de pessimismo em que submergem os espíritos fracos, desesperados e desamparados do influxo da crença religiosa; dai, esses sons plangentes da harpa dos poetas, que não sabem cantar senão a tristeza de viver; dai, essa filosofia fúnebre, que, não sabendo conciliar a presença da dor com os atributos de um Deus bom e poderoso e constatando, ademais, a inutilidade das revoltas íntimas contra essa situação, engendrou, para deleite dos nescios, um mito mais misterioso do que o Deus da razão e da Fé: a fria, a cruel e irresponsável Fatalidade.

Entretanto, a despeito de tudo, a felicidade pode existir, também, neste mundo, e existe de fato. Existe, sim, porque ela representa um direito incontestável e auferível da criatura; desde que esta, abusando de sua liberdade, não fruste os desígnios providenciais do Criador, ela atingirá o quinhão da facilidade que lhe cabe. A isto não se pôde ainda chamar uma conclusão teológica, mas apenas uma tese de uma simples filosofia. Aprofundemos um pouco mais. Vamos tomar o depoimento irrecusável de um fato íntimo que a psicologia nos apresenta, sem grandes esforços de análise.

Paralélo ao fato universal do sofrimento humano, afirma-se outro, não menos universal e constante e que se processa na esfera íntima do nosso ser: é o desejo inato, espontâneo, irreprimível da felicidade.

Sondai o vosso coração: nada achareis nele que sobrepuje a força dessa aspiração, o ímpeto dêsse movimento, ao qual tudo obedece na nossa vida.

Pode-se afirmar que todas as atividades que assinalam a nossa existência, desde a alvorada até ao ocaso da vida, quer se proponham o exercício da virtude, quer se ponham a serviço do crime, são impulsionadas por uma única mola, alimentadas por um único ideal: a felicidade.

A sua imagem sedutora faz desabrochar sorrisos, acende entusiasmos, aviva o trabalho, torna suaves os sacrifícios.

Pela sua conquista se orientam os povos nas suas constantes evoluções, succedem-se os ensaios de sistemas políticos e sociais, armam-se as nações, estregem as guerras, fuzilam nos horizontes os relâmpagos das revoluções, move-se em todos os sentidos e agita-se em convulsões de febre a pobre humanidade.

Sim, existe a felicidade, porque nós a desejamos, e nós a desejamos, porque Deus nos criou para ela.

Se a algum impressiona o contraste entre o desejo e a posse da felicidade, não se volte despeitado para o pessimi-

smo filosófico; não queira legitimar a conclusão de que a felicidade não existe, porque tal conclusão sómente poderá parecer lógica aos que se habituaram a encarar a vida sob o prisma do materialismo, desconhecendo-lhe a única e verdadeira finalidade, segundo o plano providencial do Creator.

A estes, eu ofereço os belos versos de Vicente de Carvalho, substituindo-lhes apenas o sentido sentimental pelo fundo filosófico:

Essa felicidade que supomos,  
Arvore milagrosa que sorrahemos,  
Toda arreliada de dourados pomos.

Existe, sim: mas nós não a alcançamos,  
Porque está sempre apenas onde a pomos,  
E nunca a pomos onde nós estamos.

A felicidade, esta coisa tão frágil, tão deliciosa e tão comum, não se compra com o dinheiro, não se conquista com a força, nem se cusa sempre com a glória, com as altas posições ou com os grandes talentos. Muitas vezes está ela mais perto de nós do que pensamos. A razão é porque ela depende, em primeiro lugar, de nós e das coisas que nos cercam.

De fato, dois são os principais fatores do nosso destino: as nossas ações pessoais e os acontecimentos da vida.

Não se tendo em conta o imprevisível, ou o inevitável de acontecimentos desfavoráveis, independentes ou superiores à nossa vontade, pode-se estabelecer, como regra geral, que são as nossas ações que fazem a nossa vida feliz ou infeliz.

E quanto aos acontecimentos ou circunstâncias que interferem na nossa vida, sem a nossa vontade nunca poderão ser tais que diante deles nos encontremos desarmados. Podemos exercer sobre eles grande e salutar influência. De que maneira? Sabendo primeiramente, preveni-los, e, se são adversos, evitá-los pela coragem, pela prudência e habilidade; se são favoráveis, fazê-los servir aos nossos desígnios pela constância.

Outra forma de influência temos ainda sobre eles e que consiste na maneira de considerá-los. Por exemplo, um golpe da sorte adversa abate o fraco e pusilânime, ao passo que o homem sábio e prudente se conserva senhor de si mesmo e ainda lhe sobra ânimo para exclaimar: "quem sabe se dessas desgraças não há de surgir os meus dias felizes?"

Muitos e inúteis sofrimentos poder-se-iam evitar, corrigindo o excesso de nossa sensibilidade ou sentimentalidade



e encarando as coisas, e resolvendo as situações mais pela razão.

O perfeito domínio de nós mesmos é a maior força e o único meio que possuímos para dominar ou corrigir os maus feitos das coisas exteriores.

A história pode provar com grandes exemplos que a nossa felicidade depende muito mais de nós do que das circunstâncias. E eu não acabaria, se quisesse citar os nomes e os exemplos dos que, nas adversidades mais acerbadas, nos grilhões, na perseguição, na derrota, nas circunstâncias mais trágicas da vida, souberam detemperar o próprio espírito, sobrepair à violência do infortúnio e construir um tesouro de grandeza moral e de felicidade, que outros não conseguiram com os bafejos da sorte amiga.

Receitas de felicidade existem muitas, tantas talvez como as da saúde. Desconfiemos dessas receitas, como das dos curandeiros. Traduzem geralmente estados psicológicos, pessoais, temperamento, situações particulares, enfim, subjetivismo.

Deve-se atender, sobretudo, aos princípios gerais, fundamentais e invariáveis. Mesmo neste terreno, não escasseiam as receitas, mais ou menos apreciáveis.

Chemmers, por exemplo, com esse senso realista que caracteriza a raça anglo-saxônica, indica três meios particularmente próprios à realização de ser feliz:

"A felicidade — diz ele — consiste em ter sempre alguma coisa a fazer, alguma coisa a amar, alguma coisa a esperar".

Não é, certamente, uma definição perfeita da felicidade, nem uma síntese completa da arte de ser feliz. Mas, está aí, encerrada nessa máxima de Chemmers, uma parte considerável da sabedoria humana, para quem a souber aplicar. Não é necessário, portanto, para ser feliz, construir uma vida nova, mas apenas encontrar nas circunstâncias da vida ordinária a expansão normal das nossas energias, das nossas afecções e dos nossos desejos. Trabalhar, amar e esperar: como isto pode encher os dias, muitas vezes pardacentos, ou até muito negros, da nossa existência, e torná-la interessante!

A esta receita ha quem prefira a de Richepin, de uma concepção mais idealista.

Este poeta é pouco cristão, mas muito simples, humano, otimista, e a alegria cantava em sua alma, sem cessar.

"A vida — dizia ele — é bela para os que sabem e quem torná-la bela. E' bela, enfim, para todos que fazem a felicidade dos outros".

Assinalemos a última parte desta definição. A nossa felicidade exige a felicidade dos outros. Em outros termos: para sermos felizes devemos fazer que outros o sejam também.

Não será suficiente assinalar simplesmente onde está a felicidade para saber em que direções devemos orientar a nossa vida?

Muito antes de Chemmers e Richepin, mais completamente do que estes, Pascal, nos seus celebres "Pensamentos", responderá a estas questões de interesse universal. Em poucas linhas, oferece-nos como uma síntese da felicidade. Ouçamô-lo:

"Os estoicos dizem: entraí em vós mesmos. E' aí que encontrareis o descanso; e isto é falso. Outros dizem: convém sair de vós mesmos e procurar a felicidade nos divertimentos; e isto também é falso. A felicidade não está nem dentro de nós, nem fóra de nós; está em Deus, dentro e fora de nós".

Quer dizer que está em Deus, do qual nos derivam todos os bens interiores e exteriores.

Não está, portanto, a felicidade fóra do nosso alcance, porquanto podemos encontrá-la, nas coisas que nos cercam, em nós mesmos, e em Deus, soberano dispensador de todos os bens.

A arte de ser feliz consistirá, desde logo, em orientar as nossas energias, conforme a fórmula de Pascal. Será mister, por isso, conformar-nos com a ordem e a relação das coisas; adaptar a nossa atividade no quadro em que se deve exercer e dentro dos limites que lhe são providencialmente traçados; não desprezar as realidades que nos cercam, mas dar valor às coisas mais humildes. Convencamo-nos de que a felicidade está mais em nós do que nas coisas em que a procuramos: riquezas, prazeres, honras, etc.

Todas estas coisas são indiferentes em si mesmas e sómente tornam-se interessantes, boas e úteis, quando fazemos delas um uso racional.

Visto o problema por esse prisma, lícito é afirmar que todos, numa certa medida, podem ser felizes, visto como a felicidade tem a sua fonte primária nas aspirações da alma, da qual depende o valor que atribuímos às coisas. Os bens exteriores influem na nossa felicidade na medida que se harmonizam com os nossos gostos, os nossos desejos, as nossas necessidades pessoais. Neste sentido é que se ha de interpretar a frase de Fenelon: "é feliz aquéle que julga de o ser".

O primeiro preceito, portanto, da arte de ser feliz resume-se num ato de fé na felicidade. Devemos crer na possibilidade de sermos felizes e aplicar-nos a merecer a felicidade.

Essa fé é como um prolongamento da nossa fé em Deus, que nos criou para sermos felizes. Foi Deus que depositou em nós o desejo da felicidade, fazendo d'Ele o fundo da nossa atividade. Se essas aspirações naturais devessem frustrar-se totalmente, então, poderíamos dizer que o homem foi inteiramente enganado pelo seu Criador. Seria apenas uma vã poeira agitando-se na superfície da terra.

Essa fé nos dará, primeiramente, a força de lutar contra os obstáculos, que se nos deparam no caminho da felicidade. Tais obstáculos são inevitáveis e surgem de todos os lados. Uns derivam de nós mesmos, isto é, das paixões e dos maus hábitos que deformam o caráter. Outros derivam dos homens e das circunstâncias que constituem o nosso meio social.

Poucos são os que metem mão á obra resolutamente para aplainar o caminho tortuoso por que enveredavam. Poucos os que fazem tudo que seriam capazes de fazer. Ora, uma vida descuidada, uma vida conduzida sem uma regra determinada, nunca poderá ser uma vida realmente feliz, uma vida de verdadeira independência. Será uma existência anêmica, estéril, vulgar, muito diferente do que devera ser, se soubessemos tirar partido dos nossos meios naturais.

Quanto mais a fé na felicidade agir em nós, mais nos aproximará da meta desejada. A verdadeira fé, qualquer que seja o seu objeto, é uma força que atua, que não subsiste sem as obras. Muitas vezes torna possível o que parecia impossível, fácil o que era difícil, interessante o que se afigurava banal.

A vida animada de fé transborda de energia; torna-se útil, boa, bela e fecunda; é um penhor de êxito e prosperidade. Não conquistaremos a felicidade se não lutarmos para merecê-la.

Cada um de nós — diz Ruskin — percorrendo o caminho da vida pode transformar todas as vozes da natureza em cânticos de alegria ou em fúnebres lamentações. Esta última sorte é a dos que abdicam a fé na felicidade.

Se não podemos desear a felicidade completa, porque ela não existe no mundo que habitamos, podemos, todavia, fazer pender a balança para o lado bom das coisas.

O filósofo e moralista Seneca, no seu livro *De vita beata*, afirma que, freqüentemente, as calamidades são úteis e

que grandes ruínas preparam grandes glórias. Muitos são felizes porque se fazem vítimas passivas da dúvida, da inconsistência e dos acontecimentos adversos. O seu único prazer parece consistir em maldizer de tudo e cantar a própria melancolia, como esse poeta sombrio que não via, em sua vida, outra felicidade mais que a de chorar: *Le seul bien qui me reste au monde — Est d'avoir quelquefois pleuré.*

Sentimentalidade mórbida, saturada de pessimismo. Melhor fóra cultivar essa benéfica auto-sugestão que se chama a confiança em si próprio e numa vida mais radiosa.

Ela nasce, ordinariamente, da visão lúcida de um nobre ideal a atingir e dos meios para alcançá-lo.

Crer na felicidade é o primeiro preceito da arte de ser feliz. Mas crer somente não basta: é preciso procurar ou criar a atmosfera na qual a felicidade possa alimentar-se e expandir. Importa, isto é, proporcionar á nossa vida as condições mais favoráveis para o seu desenvolvimento harmonioso, para o funcionamento regular das nossas energias.

Repto que isto não significa que devemos criar uma nova vida em tudo conforme ás nossas inclinações e gostos, ou levantar uma barreira inacessível aos golpes da fortuna. Esse cuidado tão exclusivo de nós mesmos seria impotente para nos assegurar a felicidade. Trata-se apenas de fazer com que as circunstâncias da vida em que nos achamos sirvam para a expansão normal das nossas energias. É o que se chama criar em torno de nós a atmosfera de uma vida feliz.

O quadro em que se desenvolve a nossa existência não depende sempre da nossa escolha. Mas depende de nós, em grande parte, extrair d'Ele os materiais da nossa felicidade, enchendo-o de pensamentos e ações favoráveis ao jôgo harmonioso das nossas faculdades. Criam-se, desta forma, hábitos que acabam por nos dar a impressão de uma atmosfera moral perfeitamente adequada á nossa alma.

É um trabalho todo pessoal, que transforma e modifica as circunstâncias da vida, projetando sobre elas as nossas impressões.

Os lugares, por exemplo, em que vivemos, tomam um aspecto agradável ou desagradável, conforme os consideramos ou o interesse que despertam em nós. Qualquer que seja o quadro da natureza que temos diante dos olhos, grandioso ou de horizonte estreito, rico na variedade de suas formas ou monótono na sua uniformidade, esse quadro, por assim dizer, toma a forma da nossa alma, a cor do nosso bom ou mau humor, o reflexo das nossas disposições pessoais.

O espetáculo muda segundo a sucessão dos nossos sentimentos e o jôgo das nossas impressões. O mesmo acontece com as nossas occupações. E' saber amá-las e dar-lhes o merecido valor, sejam embora as mais humildes. Corresponde-nos assim aos desígnios da Providência, que nos pede simplesmente fazer bem o que nos cumpre fazer.

Se o vosso officio, se as vossas occupações não fazem brilhar aos vossos olhos a perspectiva da celebridade, uma grande vantagem, pelo menos, elas vos oferecem, cujo valor vos deve encher de satisfação: é o cumprimento do dever.

E aquêlê que cumpre com o seu dever tem direito de se sentir e julgar feliz, porque a vida não é senão um grande dever a cumprir.

Desprezar os modestos empregos e alimentar na alma desejos, aspirações e sonhos que estão fora da órbita das nossas possibilidades, é atormentar inutilmente o coração, é deslocar-se do meio em que a Providência nos colocou, é criar em torno de si uma atmosphera ficticia, ingrata, saturada de decepções e hostilidades.

Não basta, portanto, saber adaptar-se ás condições do próprio meio, a tarefa particular que as circunstâncias impõem a cada um, é preciso ainda saber moderar os próprios desejos. E' o melhor meio para se acomodar ás situações mais desfavoráveis. Se alguém, com effeito, quizesse apenas ser feliz, isto não seria muito difficil, como acabamos de vêr. Mas o que se quer, geralmente, é ser mais feliz do que os outros. E isto é quasi impossivel, porque julgamos os outros mais felizes do que realmente são.

O mal da inveja é tão funesto á felicidade que só êle é capaz de fazer desmorronar a existência mais feliz, envenenando a vida de quem possui o maior quinhão dos bens do mundo. Basta para isso que um dia êle se convença de que lhe falta uma só coisa. Basta que êle veja essa coisa desfrutada por alguém, que, além dela, não possui mais nada.

Essa constatação é um espinho no seu coração, é uma gotcira na casa, é a nuvem que tolda o horizonte da sua vida.

O grande pecado contra a felicidade é um pecado de inveja. E' o que explica essa mania furiosa e tão espalhada, hoje em dia, de se querer parecer mais do que se é. Ha muita gente que deseja mais parecer do que ser. Querem clípsar, pelo luxo, pela riqueza, por suas altas relações aquelles que estão de cima. Julgam-se humilhados, infelizes, enquanto houver um que lhes leva vantagem nos confortos materiais, nas relações sociais, etc. E' uma miséria moral que

faz infelizes tais pessoas, perturbando-lhes a paz do espirito e do coração.

O mesmo se dá com o ódio, o rancor, o despeito: são parasitas funestas que consomem a vitalidade das almas, determinam crises nervosas e envenenam a saúde. Eis, portanto, a necessidade de criar em torno de nós aquilo que se pode chamar a atmosphera da felicidade.

Não basta, porém: ela deve ser completada por aquilo que chamaremos a hygiene da felicidade.

A primeira implica a adaptação dos nossos meios, dos nossos gostos e desejos ás contingências da situação em que vivemos, visando, assim, melhorar as condições externas da nossa vida. A segunda concerne, de maneira mais especial, as tendências do nosso caráter.

As qualidades ou os defeitos do caráter exercem uma influencia decisiva na nossa felicidade, mais do que as circunstâncias externas que enchem a nossa vida.

Deve haver, portanto, uma hygiene moral, e até mesmo uma hygiene física da felicidade. Um bom caráter é a condição essencial de uma vida feliz.

Já vos disse que a maior soma de bens ou de males depende da nossa conduta. E' ela que decide da nossa vida e do nosso destino. Pois bem: é o caráter que decide, por sua vez, da nossa conduta. Sua influencia manifesta-se por effeitos felizes ou infelizes, cuja responsabilidade deriva de nós mesmos.

As coisas exteriores influem muito menos em matéria de felicidade do que as nossas disposições interiores. O que pensamos, o que sentimos, e o que fazemos, tem muito maior importância. E' exato o que disse um psicólogo:

"Semeai um ato colhereis um hábito; semeai um hábito e colhereis um caráter; semeai um caráter e colhereis um destino".

E êste será perfeitamente a imagem e a semelhança do caráter. O que importa, mais que tudo, na vida, é o caráter, isto é, a força da vontade.

A formação do caráter deve ser a máxima preocupação dos educadores. Digamos de passagem que a crise mais tremenda que infelicitou o mundo, hoje em dia, é precisamente, a crise do caráter. Se não se resolver esta, tudo que se fizer serão paliativos. Servirá para disfarçar os sintomas, deixando subsistir a moléstia.

Pode-se definir o caráter uma vontade esclarecida, forte, capaz de decisão e tenacidade.

Um homem de caráter é uma personalidade armada para a ação, para a luta e para a vitória.

Não se deve, todavia, limitar sómente á ação da vontade a cultura moral que chamamos a higiene de uma vida feliz.

O caráter não é a única expressão da nossa força moral. Ele se compõe de três elementos: a inteligência, que é a sede dos pensamentos, o coração, que é a sede dos sentimentos, a vontade, que é a sede das resoluções. E' a fusão destes três elementos que cria o tipo moral e lhe confere ou determina o seu valor. Não seja demais, portanto, repetir que é das qualidades ou disposições da alma que depende a vida feliz.

Aqui me ocorrem os exemplos vivos e eloquentes dos nossos santos e de todas as almas verdadeiramente cristãs, sorrindo, felizes, sempre e no meio das mais duras provações da vida. Acharam a felicidade, onde outros teriam achado o mais negro inferno. Mas prossigamos, mesmo porque seria preciso analisar aqui outros elementos: a fé e a graça sobrenatural. E o tempo não n'ó permite.

"Felizes — diz Joubert — os que têm uma lira no coração, e no seu espirito uma música executada pelas suas ações".

Eis aí outra fórmula, exprimindo uma higiene da felicidade, pelo melhor uso dos nossos dons naturais. A tarefa que ela comporta dispensa o recurso a esses prazeres materiais que deixam, o mais das vezes, a cabeça vazia e o coração árido.

La Rochefoucauld traduziu este mesmo pensamento em outros termos, mostrando que a nossa vida interior não necessita de riquezas, nem de luxo, nem de glória, nem de quaisquer sensações do exterior para iluminar toda a nossa existência.

E' dentro do nosso próprio espirito — diz elle — e não nos objectos exteriores que nós percebemos a maior parte das coisas. Os mentecaplos não conhecem quasi nada, porque são vazios e o seu coração é estreito, mas as grandes almas encontram em si mesmas um grande número de coisas exteriores, sem precisar de lêr, nem de viajar, nem de ouvir, nem de trabalhar, descobrem as mais altas verdades, entrando em si mesmas e folheando, por assim dizer, os seus próprios pensamentos.

O autor de *Reflexions et Maximes* quer, sobretudo, nos mostrar que a meditação solitária e o recolhimento podem contribuir, mais que os salões e os livros para a formação de grandes e fortes individualidades.

Donde se pode vêr como são poderosas as repercussões das nossas idéias e dos nossos sentimentos na orienta-

ção de nosso destino; como são estreitas as relações da nossa vida interior com a felicidade.

Muito teriamos ainda que dizer neste particular deitando-nos no estudo dos diversos caracteres ou indoles que distinguem os individuos entre si, determinando feições particulares na maneira de apreciar as coisas, criando pontos de vista aparentemente opostos e dando origem ao que se chama incompatibilidade de genios.

Mas estas considerações nos levariam além dos limites exigidos por um discurso que não quer infringir o preceito: *esto brevis et placebis*.

Entretanto, creio que já me alonguei demais e ainda não vos disse nada sobre o que deve ser a fonte principal e insubstituível da felicidade, isto é, a virtude, o cumprimento do dever.

Não ha nada no mundo que enobreça tanto a criatura humana como a virtude. Os que a desprezam e procuram no seu oposto, o vício, a fonte das suas satisfações, afetam ou procuram afetar superioridade, independência. Na realidade, são os menos independentes. Toda violação voluntária e deliberada da lei moral não é senão o fruto da covardia. Denota, além de fraqueza, inferioridade moral, degeneração.

Nada pode substituir o cumprimento do dever. Ao passo que a virtude pode prescindir de todos os outros bens. E' a mais lidima grandeza, a mais sublime e preciosa conquista, a mais fulgida magestade da terra. Tudo pode ruir ao redor de nós. Tudo nos pode negar a natureza ou a sociedade. Só uma coisa resistirá eternamente a todas as derrocadas e a todas as desilusões: o mérito, a beleza da virtude.

Cumprir o dever, ser virtuoso: eis o mais bello programa de vida; eis a fórmula que contém a solução única de todos os problemas que afetam a paz, a ordem, o progresso, a prosperidade dos povos e das sociedades. Não se esqueça, porém, que a virtude não é, não pode ser, filha de um méro convencionalismo social. Não pode ser o produto de um sistema moral inventado pelos homens. Não existe na vida presente uma sanção eficaz para a virtude; e se existisse, não seria mais que o utilitarismo.

A virtude de que falo deve ser filha da religião, a harmonia necessária, o perfeito acôrdo entre a nossa fé religiosa e a nossa conduta.

Oh! então, quando ela desce do alto e se apoia em Deus, não está sujeita ás desilusões. Quando todas as nossas iniciativas e esforços fracassarem; quando tudo conspi-

rar contra a posse da felicidade a que tínhamos direito na vida, ainda nos resta um supremo conforto: o dever cumprido; uma esperança: o prêmio da imortalidade; uma glória: a de não haver sucumbido.

Seja a virtude a luz que irradia do vosso coração; o aroma que se desprende de todas as vossas atividades; a lição do exemplo que dais á sociedade, o mais belo ornamento que ambicionais para a vossa alma.

Colhei as flores das satisfações honestas que, por ventura, vos depara a vida.

Mas, se, em meio das flôres, surgirem os espinhos, lembrai-vos de que eles coroarão a frente do Rei do Céu, e poderão, se quiserdes, transformar-se também, para vós num fulgido diadema de glória.

De um coração formado, como o vosso, na sublime escola daquêle que é o Mestre e o Salvador da humanidade, só poderão desabrochar as flôres perfumosas das virtudes que embalsamam a vida e a preservam da corrupção.

Possuindo tais flôres d'alma, podeis percorrer a vida em todos os sentidos e sem temor, porque de vós, todos colherão as irradiações do bem, o segredo da verdadeira pedagogia da felicidade.

E, se um dia, alguma nuvem ameaçar toldar o limpido céu da vossa vida, lembrai-vos dos versos de um poeta cristão:

Enquanto vires estrêlas  
Do céu do imenso Sacrário,  
Na terra flôres singelas  
E uma cruz sôbre o Calvário;

Enquanto mansa pousar  
A prece nos lábios teus  
E souberes murmurar  
Com as mãos unidas: Meu Deus!

Não digas que á luz vieste  
Para chorar e sofrer,  
E, como a plantinha agreste,  
Sonhar um dia e morrer.

Não digas, pobre querida!  
Mesmo se a dôr te magôa,  
E' sempre feliz na vida  
A alma que é pura e bôa.

Uberaba, 3-12-1933.

## Jesus-Christo na escola

*Discurso do paraninfo, como representante do sr. Guerino Casasanta, Inspetor Geral da Instrução, ás diplomadas do Colégio "Santos Anjos", de Varginha.*

MANUEL CASASANTA

Foi com intenso júbilo que anuí ao convite do sr. Inspetor Geral da Instrução, para, em seu nome, dirigir-vos estas palavras de saudação e de afeto.

Conhecendo-vos de pouco, dir-se-ia que vos conheço de muito. Devotando-me, integralmente, ao magistério, sou como um companheiro mais velho que vos estende a mão fatigada, convocando-vos para as nossas fileiras, nesta grande hora de vossa vida.

Elegestes talvez a mais bela — e por certo a mais difícil das profissões — e aprendestes, por felicidade vossa, na escola normal dos "Santos Anjos", que tem sido um alvorecer de excelentes professoras e onde deixais, agora, um pouco do vosso coração e da vossa saudade.

Que a profissão é bela, vós o sabeis. Educar — o mais alto ideal da vida, encarnou-o Jesus-Cristo, mestre dos mestres.

### OS DISCIPULOS DO RABÍ

Onde, porém, o suave Rabí colheu o material humano que trabalhou, amoldando-o ao rude labor de apóstolos? E' Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que recolhem, das águas do mar de *Genezaeth*, as *redes murchas*, no desconsôlo da pescaria malograda. Adiante, é Tiago e é João que largam as redes por concertar e se despedem do pai, acudindo-lhe ao chamamento. Depois, é Mateus que, sentado ao telônio, o abandona ao apêlo de Jesus.

Feito apóstolo, cuida que Matheus se lembrou do telônio, onde arrecadava impostos para o fastigio de Cesar. Os primeiros discípulos — os quatro pescadores — guardaram para sempre, no regaço das pupilas, o ritmo das ondas e a carícia das árvores amigas. Mas, tocados pelo verbo divino, transfiguraram-se, imprimiram rumo inédito ao próprio destino, orientando-se para a perfeição.

E, depois, quantos, quantos! Ricos e pobres, guerreiros poderosos e corações ao desamparo. Quem são as boas irmãs

desta casa senão admiráveis criaturas que lograram a graça de ouvir a palavra divina, proferida, há dois mil anos, nesse palmo de terra, que é a Judeia, sôbre as águas tranqüilas ou à sombras de oliveiras devotas?

A missão de educar veste-se, assim, do perfume da santidade, porque Jesus-Christo foi a mais empolgante figura de educador, cujos ensinamentos, hoje e sempre, embellem as almas, elevando-as das tristes contingências da terra para a paz que desce do Céu.

Jesus amava as crianças. Não só repreendia os que, porventura, pudessem desviá-las do bom caminho, como, não obstante contrariar os discípulos, de uma feita, as chamou e lhes impôs as mãos.

O lugar de Christo é ainda na escola, entre as crianças

### O CONCEITO CRISTÃO DA NOVA ESCOLA

Respeitando a espontaneidade das crianças, a nova escola obedece à letra os evangelhos. Também ela se propõe uma grave tarefa: preparar a infância para uma vida melhor. Eis porque recolhe os ideais do meio a que serve, afim de reconduzir as crianças, que nele se educam, à sociedade a que pertencem, com as preciosas virtudes da iniciativa, do auto-controle e da cooperação que fundamentam as democracias. Todas as formas de atividade que, no momento, se praticam nos âmbitos escolares, tendem ao objetivo de socializar a criança. E' preciso dar-lhe hábitos de vida em comunidade, torná-la responsável pelo seu comportamento, infundir-lhe a disciplina como norma de conduta, nascida de si mesma, como lei interior, em suma, disciplina conciente, refletida, que estruture na criança atributos de cordialidade, decisão e franqueza, disciplina que, se não a fizer feliz, pelo menos, a fará melhor.

### A INFLUENCIA DA PSICOLOGIA

Aos constantes progressos da psicologia se deve a profunda mudança fisionômica da escola. Na velha educação, a criança era um mero acidente. A criança para a escola, e não a escola para a criança. Deslocando-a para o ponto de partida, centro e fim da escola, operou-se uma verdadeira revolução nos domínios de pedagogia, comparável em seu arrojado, segundo Dewey, à concepção do Copernico, transferindo da terra para o sol o centro de gravitação do sistema planetário.

Já a criança não é um homem em miniatura para ser considerada, física e psiquicamente, um tipo especial. Passa-se a meditar na extensão relativa da infância, não no desejo de prolongá-la, desejo impossível, mas de permitir-lhe o desenvolvimento. Vai, daí, a pergunta de Claparède: "a criança é pequena, porque não é grande, ou é pequena para ser grande? Se é pequena para ser grande, empurremos assegurando-lhe o crescimento físico e mental, proporcionando-lhe os meios de progredir e de se afirmar".

Baseando-se na atividade e nos interesses da infância e inspirando-se na educação ativa ou funcional, a nova escola confere autonomia aos escolares, suscita-lhes a iniciativa e a responsabilidade, ensina-lhe a colaboração, levando-os ao trabalho solidário, que é a forma de vida necessária às sociedades modernas.

Educar é socializar, e socialização é a adaptação, ensina Fernando de Azevedo. Porque habitua as crianças ao trabalho em comum, a nova escola desenvolve os sentimentos de solidariedade e cooperação, incitando, favorecendo e dirigindo os valores humanos para condutas sociais eficientes e harmoniosas.

### AS RECOMPENSAS E AS PUNIÇÕES

A escola, assim organizada, não cogita de recompensas ou de punições. Todos sabemos que o interesse "é o sintoma de uma necessidade, como a necessidade é o sintoma de um equilíbrio rôtô". Toledo acrescenta que, na infância, o interesse é o sintoma de necessidade de crescimento do espírito e do corpo. Ora, ansiando crescer, a criança busca saciar nas atividades em grupo os seus instintos mais urgentes, como o de fazer alguma coisa e o de viver em sociedade.

Isto posto, se o trabalho exercitar as tendências, que a criança possui, de expansão e de realização, de ver se está que os prêmios e os castigos se fazem inadequados, pois que não se inspiram nos ideais da nova escola. Orientando-se, com interesse, para as lides que executa, o escolar imprimirá à sua conduta as características próprias das situações reais: convergência da atenção, esforço e rumor fecundo, porque lembra o rumor das oficinas.

Finalmente, conduza-se a classe à discussão, no senti do que lhe emprestam algumas universidades norte-americanas e onde "a discussão não só serve para discriminar entre as idéias, mas, principalmente, dar nos que se lhe entregam

tolerância e elevação, respeito aos contendores, agilidade de espírito, abundância de idéias e facilidade de expressão".

Abriu o evangelho de São Matheus: "... despedidas as turbas, veio para casa, e chegaram-se a ele os seus discípulos, dizendo: "Explicá-nos a parábola do jôio no campo..." (XIII, 36).

Voltada a página, interroga os discípulos que o escutavam: "Compreendestes bem isto?" Responderam-lhe: "Sim" (Cap. cit., 51).

Adiante, no capítulo XV, versículo 15: "E, respondendo Pedro, lhe disse: Explicá-nos essa parábola".

Lêde São Marcos, capítulo IV, versículo 30 a 33: "Dizia ainda: a que coisa assemelharemos nós o reino de Deus? ou com que parábola o figuraremos? E' como um grão de mostarda que, quando se semeia na terra, é a menor de todas as sementes que há na terra. Mas, depois de semeado, cresce, e faz-se mais alto que todas as hortaliças, e cria grandes ramos, de modo que as aves do céu podem vir pousar debaixo da sua sombra. E lhes propunha a palavra com muitas parábolas como estas, conforme a capacidade dos ouvintes..."

Tomai nota do que escreve Marcos: "conforme a capacidade dos ouvintes."

Quereis outro exemplo e este colhido em São Lucas? "E acabados os dias, ao voltarem, ficou o Menino Jesus em Jerusalém sem que seus pais se apercebessem. Aconteceu que três dias depois o acharam no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que o ouviam pasmavam de sua sabedoria e das suas respostas" (11, 43, 46 e 47).

Ademais, é contraditória, nos livros santos, a expressão: e os discípulos discutiam, provocando uma explicação. (cf. Mat., XIX, 25, 26).

#### O MATERIAL HUMANO

Traçamos, rapidamente, as linhas configuradoras da nova escola. Mas, para realizá-la em sua plenitude, faz-se mister conhecer a criança. Costumam dizer que o livro representa para o professor o que a enxada e a charrua representam para o lavrador. O professor amanha as almas, e o lavrador as terras. Por que, nem sempre o professor, á maneira do lavrador, embebe os olhos na consoladora floração da sua seara? E' que o lavrador conhece a semente, a terra e os meios de cultivá-la, enquanto o professor, em regra,

sabe de cór o programa, desconhecendo, entretanto, o material humano, que trabalha.

#### JESUS-CHRISTO IDEAL DA ESCOLA

Para multiplicar a boa palavra, através da terra, a quem foi Christo buscar? Aos ricos, aos soberbos, aos poltados? Lembrai-vos: é Pedro, é André, é Mateus... Meditai na lição do Mestre: só é, realmente, educador quem cultiva a modéstia, a tolerância, a renúncia, que se aperfeiçoa, no plano espiritual, e analisando as manifestações de inteligência, hospeda os propósitos uteis e rejeita, com dignidade mas sem azedume, as idéias inúteis ou nocivas.

Elegendo Jesus-Christo como seu único e verdadeiro ideal, está a exigir-vos, a nova escola, esta nobilíssima tarefa: infundir as virtudes inestimáveis de simpatia, solidariedade e cooperação e remover, destarte, os atritos da hora presente, tornando os homens mais polidos e a sociedade mais feliz.

#### A LIÇÃO DA GRECIA

Nos montes da Atica que se debruça em acrópole sobre a concha azul do Mediterrâneo, os antigos helenos edificaram, com o senso genial da medida, do equilíbrio e da harmonia, um assombroso patrimônio de cultura. O "milagre grêgo", que ainda hoje nos maravilha, esfumou-se na curva dos séculos. Investigando as causas do deperecimento dessa magnífica civilização, Picard conclui pela deficiência da educação da mulher grêga.

A experiência do passado nos valeu como uma advertência, de que sois, senhoras diplomandas, um documento vivo. É a verdade, educar uma mulher, sentença Laboulaye, é educar toda uma geração.

#### PREFÁCIO

Foi com grande prazer que aceitei o convite dos srs. Aires da Mata Machado Filho e Turiano Pereira para prefaciá-la a sua excelente tradução da *Psicologia da Criança*. E' sempre agradável falar-



mos dos nossos mestres, sobretudo quando êle se chama Eduardo Claparède e tanto mais quando, no ano em que aparece a tradução portugueza do livro, seu autor completa sessenta anos (nasceu em Genebra a 23 de Março de 1873), dois terços dos quais consagrados à ciência e à educação.

Esta publicação se me afigura uma espécie de homenagem prestada a Claparède, que o Brasil conhece muito bem através de toda a sua obra, a qual êle quer difundir ainda mais e introduzir nas mais modestas bibliotecas pedagógicas dos quatro cantos do vasto país.

Colaborar nesta publicação é associar-me à homenagem prestada pelo grande povo americano a um dos mais famosos homens contemporâneos, cuja influência na renovação dos princípios e dos métodos na educação moderna é de incontestável notoriedade.

Claparède, comparando a vida humana a um rio que corre e serpeia, cada um a seu modo, assim se exprime a respeito da sua: "Meu riachozinho, tendo nascido num belo jardim, não teve mais, para seguir o seu curso, do que acompanhar a rampa fácil de um terreno inteiramente preparado e completamente livre de óbices. E — acrescenta êsse homem eminentemente modesto — talvez devesse eu envergonhar-me de haver produzido tão pouco em condições tão favoráveis". (\*)

Assinalemos nesta frase duas inexatidões: antes de mais nada, a ausência dos cuidados materiais e a vida completamente isenta de óbices são tal-

(\*) Manuscrito original — Autobiologia de Ed. Claparède.

vez menos propícias ao dinamismo do pensamento e à produção artística e científica, do que o é uma existência, por pouco aguilhoada que seja pelas necessidades de ordem material. A segunda inexatidão é o juízo unilateral com que o autor encara a sua obra: se ela não tem a extensão quantitativa que êle lastima (pois sua obra não excede talvez a três mil páginas), de que teor e irradiação não se reveste ela — eis o que se esqueceu de dizer o nosso caro Mestre.

Espírito aberto a todos os domínios da atividade humana, possuindo uma autêntica curiosidade de sábio, Claparède, qual delicado aparelho, descobre e registra os fenômenos não raro mais subtlis e ricos de conseqüências. Com independência de espírito e audácia extraordinárias, Claparède opõe a sua opinião e defende o seu ponto de vista: assim é que, quando ainda jovem médico e livre-docente, êle aponta a superficialidade do associacionismo, que reinava então e intoxicava a psicologia de há cincoenta anos, mostrando "o que a associação explica e o que ela não explica".

Pelo ano de 1903, Claparède, elaborando a sua teoria biológica do sono, elevava êste à categoria de instinto. Eis como o próprio autor fala dela na sua autobiografia: "Era em 1903. Eu fazia na Universidade de Genebra um curso de psicologia animal. Empreendendo o estudo do instinto, eu me pus a enumerar vários instintos: de alimentação, de protecção, de sono... Apenas havia eu pronunciado esta última palavra, tive a impressão de haver proferido uma grande tolice". Tendo procurado, em todos os tra-



tados de psicologia e de fisiologia, as teorias concernentes ao sono e neles tendo encontrado pouca cousa ou noções de todo diferentes das que elle havia ministrado aos seus ouvintes, continúa Claparède: "Fiquei então aterrorizado com o pensamento de ter, com o meu curso, dado como instinto o que não era mais que uma espécie de asfixia ou de paralisia... Mas, depois de ter refletido, não tardou que a concepção tóxica me apparecesse como um absurdo ingênuo, e borbotavam-me do espirito idéias que vinham justificar o que eu havia encarado, a principio, como uma simples imprudência de linguagem. Sim, o sono era uma atividade positiva, um reflexo, um instinto de proteção, que não é o resultado de uma intoxicação, mas, ao contrario, tem por função impedir que o organismo chegue a esgotar-se: não é porque estamos exaustos que dormimos; dormimos por não o estarmos".

Transcrevemos amplamente essa passagem por duas razões: primeiro, para deixar ver essa espontaneidade no aparecimento da hipótese, que caracteriza o trabalho científico de Claparède. Surge, de repente, uma idéa que causa pasmo a elle próprio pela originalidade e paradoxalidade, dir-se-ia à primeira vista. Mas não é nada disso. Vinte, trinta anos mais tarde, essas mesmas idéias persistem, tornando-se, como no caso da teoria biológica do sono, do domínio do pensamento comum. A hipótese surge como um relâmpago, como uma intuição. De uma certeza quasi completa, o cuidado do sábio consistirá, doravante, em verificar e ratificar essa idéa primitiva.

Detivemo-nos igualmente nessa teoria por-

que o trabalho acêrca do sono foi sempre a sua obra predileta, que jámais o havia enganado e em que elle percebia toda a sua originalidade. Efetivamente, a teoria biológica do sono foi tão combatida e atacada pelos fisiologistas, biologistas e psicólogos que, uma vez vitoriosa como o é hoje, a paternidade de Claparède devia sentir-se profundamente satisfeita.

A importância que Claparède atribue ao instinto e às necessidades, na construção e na direção da vida mental, tão bem evidenciada na sua teoria do sono e da histeria, atravessará como fio rubro todos os seus trabalhos posteriores. "Tendo entrado pela porta da neurologia na psicologia" (Claparède fez estudos médicos e, durante os primeiros anos de sua carreira, trabalhava muito e arduosamente no exame e no tratamento dos neuro e psicopatas), elle saberá muito bem defender, nesta última, o ponto de vista puramente psicológico ou biológico, e abandonará a concepção fisiológica e cerebral dos fenomenos psíquicos então em voga, por julgá-la muito estreita e explicar apenas uma das múltiplas condições da vida mental.

Muito jovem, começa Claparède a interessar-se nos problemas da educação. Aos 18 anos, e estando a terminar os seus estudos secundários, publica elle uma pequena brochura — "Algumas palavras a respeito do Colégio de Genebra", na qual reclama algumas reformas dos métodos e a melhoria do ensino do "venerável" estabelecimento fundado desde o século 16. Será a primeira andorinha dos diversos trabalhos que o nosso autor vai consagrar à obra da educação. E' ainda a neurologia e o contacto com os psicopatas que hão de incliná-lo a occupar-se

da psicologia educativa, para a qual êle sentia ao mesmo tempo um vivo pendor: "O interrogatório dos meus doentes, — escrevia êle na sua biografia — me mostrava cada dia a influência da educação e, sobretudo, dos erros da educação, no desenvolvimento da personalidade. Mais vale trabalhar, pensava eu, em prevenir, a êsses erros educativos do que em corrigir-lhes as conseqüências".

Por volta do ano de 1900, Claparède foi instado por um grupo de professoras das classes especiais, então recentemente organizadas em Genebra, a dar conselhos acerca da educação das crianças retardadas e anormais. Claparède, interessando-se por isso, depois de uma viagem de estudos á Bélgica, ao lado dos Drs. Decroly e Demoor, especialistas naquelas matérias, pôde realizar uma série de conferências sobre a educação dos anormais. Mais tarde, o Governo de Genebra o incumbiu de apresentar um relatório a respeito dos retardados e dos melhoramentos que julgasse mister adotar. Em 1901, em uma palestra realizada na Sociedade Médica de Genebra, Claparède reclamou a "escola sobre medida", formulando assim, numa expressão feliz, o princípio essencial da educação moderna.

"O pensador é um homem que vê onde os outros não vêem" (Dimnet). Isto se aplica perfeitamente a Claparède. Quantas vezes êle mostrou com o dedo aquilo de que outros não duvidavam! Face a face com êsses problemas, êle revelava, como já o demonstramos, um pensamento não raro audaz e independente. Mas não basta mostrar o problema; cumpre ainda dar-lhe solução, uma solução nítida, sem ambigüidade, transparente. Essa virtude, que

tem o sábio, de ser absolutamente claro sem deixar de ser profundo, não se deriva exclusivamente da forma do espirito e da pujança do pensamento, mas também de um cuidado, inteiramente moral, de não comunicar a outrem, por escrito principalmente, senão aquilo que foi meticulosamente elaborado. "A clareza é a polidez do sábio", gostava de dizer o psicólogo Flournoy, parente e mestre de Claparède. Ambos foram muito bem apercebidos dela, sob êsse aspecto.

Falando pouco, de preferência taciturno, Claparède reflete muito e passa meses e anos a ruminar êste ou aquele problema que o assedia como um credor impaciente. Assim é que, retomando as soluções e as teorias mais aceitas, Claparède lhes opõe a sua própria solução e desmascara, nas construções mais sólidas, pontos de vista ingênuos ou superficiais. "Para mim, compreender é ver, — diz êle. Eu não apreendo aquilo que não posso figurar no espaço. Mas prefiro desistir de compreender a adotar esquemas simplistas que mutilam a realidade".

Sem êsse espirito extremamente crítico, e não deixando sair de sua pena senão idéias passadas pelo crivo da sua compreensão, a obra de Claparède teria sido muito vasta e os inúmeros problemas encarados pelo seu pensamento curioso seriam, de certo, elaborados em enormes volumes, ao invés de permanecerem no incógnito das montanhas de cadernos que enchem o seu gabinete de trabalho. O que lhe importa são as luzes que aclaram a fundo o problema; a acumulação dos fatos e das palavras pecaria contra a probidade inteiriça do sábio.

O estilo de Claparède merece atenção especial.

Nenhuma prolixidade, frases curtas, nas quais dificilmente se poderia suprimir uma palavra supéflua, sem sacrificar o sentido; ao mesmo tempo, o seu estilo é leve, elegante, finamente amenizado por esta ou aquela imagem, realçado por esta ou aquela metáfora original, avivado por um trocadilho chistoso.

A *Psicologia da Criança*, hoje apresentada pela Imprensa Oficial do Estado de Minas-Gerais, na tradução bem cuidada e fiel quanto possível dos srs. Aires da Mata Machado Filho e Turiano Pereira, é uma obra que acompanhará, em suas diversas edições, o movimento tão intenso da ciência psicológica da criança. Foi em 1904 que Claparède a esboçou pela primeira vez sob a forma de artigos publicados no hebdomadário político e litero-científico *Le Signal de Genève*, que ele e seus irmãos dirigiam. As edições posteriores foram ampliadas, remodeladas, mas nenhuma idéa original, ao que eu saiba, foi alterada nem refutada em seu sentido.

O "século da criança" manifestava, cada dia mais, interêsse pela criança, pela sua psicologia e pela sua educação, e as edições nacionais e estrangeiras da *Psicologia da Criança* se esgotavam com grande rapidez. Acorçoado pelo êxito desta obra, Claparède resolve fundar, em 1912, o Instituto de Ciências da Educação, conhecido sob o nome de "Instituto J. J. Rousseau", e que se inaugurou no ano do bicentenário do célebre genebrês. E' então que Claparède demonstrará decisivamente a importância da idade infantil no destino ulterior do indivíduo. Demonstrará, outrossim, o que éle próprio viu como um relâmpago luminoso ainda em 1900, ao ler a obra de Karl Groos — *Die Spiele der Tiere*, que devia

ser o fundamento da arte pedagógica, isto é, a exploração das tendências naturais da criança, sobretudo a tendência para o brinqueio; éle aplicará suas idéias nessa instituição famosa que o foi e continúa a ser o *Instituto J. J. Rousseau*.

O Instituto, criado por Claparède, dirigido por Pierre Bovet e contando com a colaboração, no começo principalmente, de homens como Ferrière, dr. Godin, Mlle. Descœudres, Audemars, Lafendel, Mme. Artus e, mais tarde, Walter, Piaget, Meili e tantos outros obreiros e mestres das ciências da educação, gozou de altíssima reputação e serviu de centro para os educadores do mundo inteiro e de núcleo irradiador dos princípios e dos métodos da escola ativa. O ano passado, o Instituto celebrou seus vinte anos, entrando assim em franca maioridade.

A *Psicologia da Criança* não é um manual (Claparède invejava muitas vezes a audácia dos fazedores de manuais). Freqüentissimamente, os manuais de psicologia são livros horrivelmente abstratos e vagos, tocando na vida mental e no procedimento humano do pincaro de uma torre tão alta que não permitem distinguir o ser vivo e suas manifestações reais. Esses tratados são, ás mais das vezes, completamente inúteis.

A *Psicologia da Criança* é filha da necessidade: originou-se da necessidade de corresponder aos desejos das professoras, dos alunos do Seminário de psicologia educativa que Claparède dirigia em 1904, dos alunos do Instituto J. J. Rousseau e de inúmeras pessoas que vinham constantemente solicitar-lhe esclarecimentos a respeito dos múltiplos aspectos da infância. Esta obra não poderá ser suspeita-

da de artificial nem de inútil e, muito menos, de rígida. "A ciência é uma cousa móvel e viva, diz Claparède, um tanto fugaz, mas que está progredindo sempre e que cumpre conquistar".

Para abordá-la, o melhor caminho é mostrar as múltiplas vias que ela pode iluminar, tanto as de cunho inteiramente teórico, quanto as de aplicação prática. E' exatamente o que faz Claparède na sua *Psicologia da Criança*. 139 páginas em 547 são consagradas aos problemas cuja solução pode ser dada, em proporção muito reduzida atualmente, verdade seja, mas certamente com mais êxito, mediante pesquisas futuras.

Censurando freqüentemente o seu pendor pela elaboração, mais do que pela realização, Claparède, há alguns anos, atacou o capítulo dos Problemas, querendo eliminá-lo completamente da sua *Psicologia da Criança*. Lembro-me de ter empregado muitos argumentos no intuito de demovê-lo da sua idéia. Ele próprio, aliás, ministra alguns, valiosíssimos. O enunciado dos problemas de uma ciência nova pode ser útil sob os pontos de vista seguintes: 1) porque é útil adquirir o hábito de nos propormos as questões e os problemas; 2) porque essa revisão dos problemas abre ensêjo magnífico para um exame abrangente do campo psicológico da criança, bem mais vasto do que comumente se supõe; 3) porque mostrar os problemas é mostrar todo o valor da indagação científica, porquanto o bom senso por si só está longe de poder resolvê-los.

A *Psicologia da Criança* é menos um tratado de psicologia que condensa as noções fixas da ciência

do que um instrumento de trabalho para explorar os domínios da psicologia infantil — e êsses domínios são vastos oceanos donde emergem, aqui e ali, ilhotas de terra firme, conhecimento mais ou menos sólido. O último capítulo do seu livro é a primeira parte do segundo volume. Se o próprio autor, por êste ou aquele motivo, não fosse continuá-lo, outros poderão talvez fazê-lo, porque Claparède não indica apenas os métodos de trabalho, mas esparge a mãos cheias centenas de problemas relevantes e urgentes que aguardam solução.

A contribuição de Claparède para a nova ciência psicológica é assaz avultada. Esta, por sua vez, se torna cada dia mais tributária de outras ciências e de outras artes: o tratamento das enfermidades nervosas e mentais, a jurisprudência e perícia do testemunho, a vida profissional e a determinação das aptidões e das vocações e, sobretudo, a pedagogia e a educação das novas gerações abeberam-se avidamente em seus frescos mananciais.

A educação é a grande esperança que a humanidade civilizada alimenta diante de tamanha miséria física e moral, em contacto com tantas vidas desperdiçadas pela ignorância e pela falta de uma verdadeira compreensão. "A psicologia infantil, profetiza o nosso autor, é chamada a desempenhar, nesta renovação da humanidade, por que todos anseiam, um papel capital. Justificarão os educadores as esperanças neles depositadas?"

Eis o desafio lançado por Claparède à legião de educadores do mundo inteiro. Hoje, nenhum povo pode viver por si mesmo, isolado dos outros. Qualquer bem realizado num ângulo do planeta, as-

sim como qualquer mal, qualquer êrro, vão repercutir no ângulo mais distante, dominando em todos.

Desejamos que a esperança de nosso caro Mestre, êsse homem de coração, se realize e que o seu livro, que o leitor brasileiro vai ler na própria língua, possa contribuir para a obra de reconstrução imposta a todos os povos hodiernos.

Belo-Horizonte, Setembro de 1933.

HELENA ANTIPOFF.

Antiga assistente no Laboratório de Psicologia da Universidade de Genebra, ex-professora do Instituto J. J. Rousseau.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Foigamos de anunciar a publicação da obra clássica de Claparède — *A Psicologia da Criança*, em língua portuguesa. Traduzida para o russo, o espanhol, o inglês, o italiano, o húngaro e o polaco, não tinha ainda a sua edição portuguesa. Essa lacuna vai ser suprida pelo Governo de Minas, que a publica na Imprensa Oficial.

Confiada aos cuidados de dois excelentes tradutores os srs. Aires da Mata Machado e Turiano Pereira, a obra nada perde de seu valor; pelo contrário, o leitor brasileiro terá a vantagem de lê-la nesta edição que levou em conta todas as *erratas*, corrigindo-as no próprio texto. Fôra superfluo apresentar a obra e o seu autor, tão familiar não só aos psicólogos e educadores, mas a todos os que acompanham o progresso científico e social da nossa época.

No prefácio a tradução, em que se vai ler neste número da *Revista*, a eminentemente professora Helena Antipoff traça breve, mas incisivamente a vida e a atividade do grande contemporâneo.

A *Psicologia da Criança* e a *Pedagogia experimental* são obras que todo pedagogo deve não só conhecer, mas possuir em sua biblioteca. É uma obra fundamental que nos documenta a respeito dos grandes problemas da pedagogia e da psicologia; indica, outrossim, os métodos que a psicologia oferece para os resolver cientificamente. Em um capítulo especial o autor condensa a história da psicologia da criança e da pedagogia experimental. No último capítulo, acerca do desenvolvimento da criança, o autor expõe com sua verve costumeira as teorias do interesse e do jogo, que são, a bem dizer, a chave da abóbada da pedagogia moderna. Uma rica biblioteca se depara em todo o decurso do trabalho.

Os pedidos devem ser dirigidos a Turiano Pereira, rua Píui, 90, Belo-Horizonte, Minas.

Cada exemplar será vendido á razão de 50\$000.

## Crianças super-normais através do estudo de L. Terman

*Relatório apresentado ao Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento pela aluna — Zilah Frola*

Os resultados surpreendentes do ensino adequados aos atrasados mentais não podia deixar de trazer á baila a necessidade de uma educação adequada aos que, afastando-se da média, a excediam — os supra-normais. — "constituindo a superioridade intelectual uma das fontes de recurso mais precioso de que uma nação pode dispôr".

Mas, antes de prescrever esta educação, impunha-se a necessidade de esclarecer, na medida do possível, os traços característicos destas crianças, afim de que a educação possa atuar, baseada em dados reais e não apenas em simples conjecturas e opiniões diversas.

Tal trabalho, grande pela sua extensão e maior pelo seu valor, foi empreendido por Terman na Califórnia (E. U.) com a colaboração de muitos outros psicólogos, pedagógos e professores

Os dados colecionados dizem respeito a 1.400 crianças, que foram divididas em diversos grupos. Entretanto, o trabalho maior se concentrou em volta de 643 crianças que formaram o "Grupo Principal", sendo a exposição que segue, referente apenas a êste grupo, composto em sua grande maioria de crianças cursando os anos primários.

Os métodos de inquérito, de aplicação de tests e sobretudo de apuração, obedeceram a um critério escrupuloso. Sempre que possível, eram realizadas experiências prévias com outros grupos de crianças, seguidas de um rigoroso exame da técnica empregada, dos resultados obtidos, introduzindo modificações aqui e ali, e finalmente, então, aplicados ao grupo principal e de control.

O presente trabalho trouxe sobre o problema da educação dos supra-normais algumas luzes e espera o autor em outros volumes trazer uma maior contribuição, adicionando alguma coisa sobre a origem dos talentos excepcionais, indicando os métodos de cultura que assegurem o seu completo desenvolvimento, assim como os meios de melhor conservar e utilizar estes talentos em benefício de todos.

Contudo, já a algumas conclusões pode chegar, as quais passo a expôr de modo sucinto e que serão depois confirmados pelos trabalhos realizados por nós, conjeindo frisa-

que o que é exato para um grupo, pode não o ser para todos os membros deste grupo, tomados individualmente.

Assim também (o autor chama a atenção) não se pode adiantar que a inteligência dos membros do grupo tenha sido medida sob todos os seus aspectos, nem que todos os traços característicos do mesmo tenham sido devidamente explorados. Entretanto, confia que os estudados estejam entre os mais importantes, e, encerrando o grande valor de serem objetivos e verificáveis e se os métodos empregados levaram a conclusões erradas, podem, com o tempo, ser descobertas e reificadas. São as seguintes as características mais salientes deste grupo de crianças:

O número de casos de Q. I. 150 — 160 — 170 — excederam de muito a especialidade teórica.

Entre os membros componentes do grupo nota-se uma superioridade do sexo masculino, não estando esta descoberta em harmonia com os resultados dos tests de inteligência obtidos entre a população infantil.

Entre as muitas hipóteses estudadas, pode se alvitar que talvez seja devido a uma maior variabilidade por parte dos meninos.

O fato de no "high school" este excesso se acentuar leva a supor que o crescimento mental dos meninos vai além do limite que marca a madureza mental para as meninas.

Ficou provado que, quanto ao estado físico e condições de saúde, estas crianças são absolutamente normais, ruindo por terra o preconceito de que em geral as crianças precoces são fracas, nervosas, etc.

É difícil explicar as causas de superioridade intelectual do grupo, já que os dados colhidos não possuem provas convincentes, mas simplesmente linhas de evidente convergência.

Em todo caso, parece não prevalecer a opinião de que a superioridade é, em grande parte, obra de educação.

A hereditariedade trará sobre o assunto melhores luzes. Apesar das pesquisas terem sido realizadas num meio onde a educação é ministrada igualmente a todas as classes sociais, poucos foram os indivíduos recrutados na classe social mais humilde.

Se estas crianças gosavam, em casa, da influência de um meio intelectual mais elevado, sua educação mais formal em nada se diferenciava das demais crianças. Nas escolas que frequentavam não recebiam nenhuma assistência especial, nenhum tratamento diferente, a não ser algumas promoções extraordinárias. Na maioria dos casos a superioridade das crianças foi revelada em tenra idade, através

de grande curiosidade intelectual, desejos de aprender a ler, etc. Os interesses destas crianças refletem de muitas maneiras a sua superioridade intelectual.

Os assuntos escolares preferidos por elas são os que as crianças em geral reputam os mais difíceis. As suas preferências sobre as diversas profissões recaem sobre as mais intelectuais.

A sua leitura é superior em quantidade e qualidade.

Assim, também, ficou provado ser infundada a opinião de que a superioridade intelectual era caracterizada por uma deficiência de interesse pelos jogos, sendo mesmo feita a curiosa descoberta de que os interesses dos meninos pelos jogos está acima e não abaixo da norma em grau de "masculinidade".

Medindo os 3 aspectos de interesse: social, intelectual e ativo, 90% do grupo estudado ultrapassa em interesse intelectual a média do grupo de control; relativamente aos interesses sociais e ativos a atitude é quasi idêntica.

Interessantes descobertas relativas à idade e ao sexo foram encontradas e merecem toda a atenção.

A coincidência das informações obtidas entre as famílias e professores vem confirmar e reforçar os resultados obtidos pelos tests, cujos resultados, passo a expôr de maneira mais detalhada.

#### *Métodos e resultados da pesquisa de indivíduos*

O método de seleção empregado, embora não se podendo classificar de ideal, conduziu provavelmente à descoberta de 80% ou talvez de 90% dos casos de crianças geniais, dentro do círculo de pesquisas, que pela força das contingências teve de se limitar às principais cidades da Califórnia, (1) e dentro destas, ainda foram excluídos os colégios particulares. É de se supor, pois, que alguns casos tenham sido perdidos, afetando assim as pesquisas em alguns pontos, especialmente no que diz respeito à origem racial e social.

A organização do G. P. foi baseada nos seguintes resultados: avaliação dos professores, tests de inteligência (Binet, Nacional, Terman), e tests de cultura.

Na impossibilidade de testar todos os alunos, foi pedido aos professores que indicassem, se o ano fosse clas-

(1) *Genetic Studies of Genius* — I vol.  
(1) Los-Angeles, S. Francisco, East Bay, Oakland, Berkeley e Alameda.

(2) As classes em geral eram formadas de 30 a 50 alunos.

sificado superior, 3 alunos considerados os mais inteligentes; se inferior, 1 aluno; se médio, 2 alunos.

Foi recomendado que não deixassem de considerar a idade, pois entre duas crianças que parecessem igualmente excepcionais, a mais moça provavelmente seria mais inteligente.

Foi também lembrado que não baseassem o julgamento em dados escolares, apenas, mas que levassem em devida conta a originalidade, a habilidade em resolver novos e difíceis problemas, a curiosidade intelectual, a precisão de linguagem, a independência de julgamento, etc. Poderiam ainda os professores indicar uma criança que, embora não fosse brilhante, demonstrasse uma habilidade especial em alguma matéria, como por exemplo: música, desenho, matemática, assinalando ao mesmo tempo se esta habilidade era "extraordinária", "francamente superior" ou apenas "superior".

Feita a primeira seleção, a este grupo de crianças, e ainda a todos os alunos de uma escola, foi aplicado o test nacional de Inteligência. (3)

As crianças com melhores classificações foram aplicadas duas formas abreviadas do test Stanford-Binet, uma para as crianças nacionais, outra adaptada às crianças de descendência estrangeira.

As crianças que obtiveram um Q. I. de 130 ou mais na escala abreviada, foram então submetidas a um exame completo; as compreendidas até a idade de 14 anos foram submetidas ao test de BBinet, e as de idade superior, ao tes de Terman; mas muito poucas crianças com mais de 14 anos e de inteligência superior foram encontradas nos anos primários.

Este critério de seleção foi adotado nos 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º e 8.º anos. Para o 1.º e 2.º o início foi o mesmo, em seguida o test Nacional foi substituído por um test abreviado de Binet.

Os casos pre-escolares foram obtidos por meio de informações e pesquisas diversas.

Para compensar os esquecimentos prováveis foi pedido uma segunda vez aos professores que indicassem mais duas crianças que não haviam figurado na 1.ª lista, observando-se o mesmo processo de seleção.

Ficaram assim selecionadas 1.444 crianças, distribuí-

(3) O test nacional é composto de 5 tests: Aritmética, Informações gerais, Signif. de sentenças, analogias, Comp. de nam. formas e palav.

das em 4 grupos, sendo o grupo principal composto de 643 crianças de ambos os sexos (1) entre 2 e 13 anos.

Como as pesquisas de preferência se realizaram do 3.º ao 8.º ano, é de se supor que ficassem excluídas algumas crianças que aos 7 anos ainda não tinham alcançado o 3.º ano, e outras que aos 12 anos e quasi todas as de 13 que já frequentavam o High School.

Tabêla indicando pelos Q. I. a distribuição das 643 crianças por sexos e idades (1)

Q. I.	Meninos	Meninas
200	0	1
195	0	0
190	0	2
185	1	1
180	8	2
175	2	6
170	11	9
165	17	10
160	26	17
155	29	35
150	85	48
145	76	74
140	85	75
135	12	9
130-134	0	1
Total	352	643

Proporção para cada sexo

Q. I.	160 ou mais	170 ou mais	180 ou mais	190 ou mais
Meninos . .	18,5 %	6,2 %	2,6 %	0,0 %
Meninas . .	16,5 %	7,2 %	2,0 %	1,0 %

Origem racial, condições sociais e intellectuais da descendência do Grupo Principal

O estudo da origem racial e condições sociais e intellectuais do principal grupo de crianças selecionadas foi abordado, e, embora não pudesse ter sido realizado com a extensão desejável, foi todavia suficiente para trazer sobre o assunto algumas luzes.

Assim, verificou-se o elevado quociente de sangue judeu (100 % em comparação com a população geral), prin-

(1) Meninos, 252.

Meninas, 291.

Percentage — 54,7 % contra 45,3 %.

(1) Cap. III, pag. 45.



principalmente de judeus russos, 25% de descendência nativa, uma acentuada contribuição escocesa e uma não menos marcada deficiência de contribuição latina e negra.

*Tabela indicando a descendência do "G. P." comparada com a descendência da população em geral (1)*

	Nativa branca,		Nat. branca c/ com decen- dência nativa		Decend. bran- ca extra- geira		Descendência negra	
	Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	Mas.	Fem.
Adultos .....	39%	42%	25%	29%	33%	26%	2%	2%
País. G. P. Meni- nos .....	51%	52%	26%	27%	23%	21%	0.3%	0.3%
País G. P. Meni- nas .....	48%	50%	24%	29%	27%	20%	0.4%	0.4%

Apurou-se ainda que a metade dos pais nasceu em cidades com uma população de 10.000 almas ou superior, um quarto em cidades de 1.000 — 10.000 habitantes, e apenas 14 proveniente de distritos rurais ou vilas com menos de 1.000 habitantes.

Os avós acusam um ligeiro acréscimo de descendência rural. Pesquisas bem minuciosas foram efetuadas em volta das diversas condições sociais das respectivas famílias, como: profissão dos pais, estado econômico, divórcio e desquite dos pais, trabalho salariado executado pelas crianças, grau de instrução dos pais etc.

Estudos prévios demonstraram a grande correlação entre a posição social e a cultura dos indivíduos, vindo este trabalho, segundo o autor, demonstrar que está também correlacionada com a inteligência brilhante e precoce da infância.

Sobre as profissões paternas foram obtidas 560 respostas, que, devidamente classificadas, foram distribuídas por 4 grupos: (1)

O comercial, com droguitas, editores, etc., com 46,2%.  
O profissional, médicos, escritores, engenheiros, etc., com 29,1%.

O industrial, mecânicos, fazendeiros, carpinteiros, com 20,2%.

O grupo de serviço público, oficiais e soldados do exército e marinha, bombeiros, polícia civil, etc., com 4,5%.

Estranha o autor que 15% da população geral, sendo representada por lavradores, houvesse apenas uma indicação desta profissão, o que representa uma percentagem de 0,2%.

(1) G. P. — Grupo Principal.

(2) Cap. IV, pag. 58.

(3) Lista completa: pag. 62 — Cap. IV.

Grupados de acôrdo com a classificação de Taussing, o resultado foi o seguinte: (pag. 64)

1.º — Profissional (incluindo, além das já mencionadas, os editores, oficiais de terra e mar, oficiais de polícia), 31,2%.

2.º — Semi-profissional, sub-divididos em: a) grupo elevado, com 31,2%; b) grupo inferior, com 18,8%, pertencendo um total de 50%.

3.º — Grupo de trabalhadores, sub-dividido também em:

a) com carpinteiros, maquinistas, mecânicos, alfaiates, açougueiros, fazendeiros, pintores, barbeiros, bombeiros, mestres de oficinas, padeiros, oleiros, sapateiros, com 11,8%.

b) carroceiros, caixeiros, mensageiros, etc., com 6,6%.

4.º — Trabalho comum: 6,13%.

Quanto ao estado econômico, os dados são incompletos, muitas famílias tendo se recusado a fornecê-los. Foi obtido a renda anual de 170 famílias, chegando-se à verificação de que a maioria vivia com certo conforto, registrando-se poucos casos não só de grandes fortunas, como também de verdadeira privação.

A renda anual média para cada família foi calculada em \$3.333.

TABELA 13

Famílias	Renda
7	\$12.500 — \$25.000
4	11.500 — 12.500
3	10.500 — 11.500
3	9.500 — 10.500
8	8.500 — 9.500
2	7.500 — 8.500
5	6.500 — 7.500
5	5.500 — 6.500
12	4.500 — 5.500
15	3.500 — 4.500
19	2.500 — 3.500
30	1.500 — 2.500
52	500 — 1.500
8	
Média	\$3.333

Naturalmente, em razão desta situação econômica mais ou menos favorável, constatou-se que apenas 16% dos meni-



nos e 2% das meninas receberam ordenados em contribuição de trabalhos executados fóra de casa.

Entre 578 famílias foram encontradas 30 casos (5,2%) de divórcios e 11 casos de desquites (1,9%). Esta percentagem é bem baixa comparada com os casos registrados na população geral da Califórnia. Conta o autor que em 30.996 casamentos realizados em 1916 registraram-se 5.573 casos de divórcios.

Ao que diz respeito á educação e á instrução dos pais, ambos, pai e mãe, com poucas exceções cursaram 12 anos de escola, ou seja a nossa escola primária, normal ou ginasial, revelando os pais uma instrução média bem superior á da população em geral.

As bibliotecas encontradas nas residências das famílias variam de 0-2.000 volumes, com uma média de 202 volumes.

Em 7 casas não foi encontrado nenhum livro e em 6, uma bibliotéca de 2.000 volumes.

Comparando todos os dados, chega-se a conclusão de que o nível de hereditariedade das crianças talentosas é bem superior ao dos indivíduos comuns.

Não foi possível emprender um estudo extenso sobre a hereditariedade intelectual do grupo, mas, como já ficou demonstrado, a maioria descende de famílias portadoras de dotes intelectuais acima da média.

As 643 crianças são originárias de 578 famílias, tendo cada uma contribuído com os seguintes números de membros para o grupo:

511	famílias	forneçeram	1	indivíduo
62	"	"	2	indivíduos
2	"	"	3	"
3	"	"	4	"
(*) 1	"	"	5	"

Dentre os 62 personagens distinguidos pelo "Hall Fame" 1/4 é conhecido como aparentados a uma das crianças do grupo.

Entre a descendência mais afastada, 35 personagens têm o nome mencionado, pelo V.who's Who, e entre os parentes mais próximos, 3 pais, 2 mães e 4 avós, convindo notar que a metade ou mais dos pais, não tinha ainda idade suficiente para ser mencionada no Who's Who, sendo para tal requerida a idade média de 49 anos.

(1) Cap. IV, pag. 72.

Foram encontrados ainda 53 parentes que se distinguiram e muitos outros naturalmente seriam encontrados si outras enciclopedias estrangeiras houvessem sido consultadas.

Entre estes personagens notáveis, 6 tomaram parte na Declaração da Independência, 2 foram presidentes dos Estados-Unidos, 2 vice-presidentes, 4 governadores de Estados ou colônias, 4 generais, 6 escritores, 2 inventores, 4 homens de Estado, 3 artistas, 2 juizes das côrtes supremas.

Obtendo informações acerca de posições de destaque na política, religião, profissão, finanças, ocupados pelos avós das crianças, verificou-se que a proporção é extraordinariamente superior, comparada com a generalidade.

Completando os dados sobre a descendência das crianças do grupo, informações colhidas sobre o estado de saúde das famílias mostram que poucos casos relativos a moléstias hereditárias foram computados — 8% dos pais e 12% das mães eram portadores de moléstias crônicas, sendo, contudo, a maioria dentre elas de pequena importância.

Casos de tuberculose, por um dos lados ou pelos dois foram encontrados 5,4%.

A mortalidade infantil nestas famílias mostrou-se muito baixa.

#### *Condições físicas do grupo comparadas com as do grupo de control*

Afim de que se procedesse ao estudo das condições físicas dos componentes do grupo principal foram estabelecidos laboratórios em S. Francisco, Los-Angeles e na Universidade de Stanford.

Aos pais foi pedido que trouxessem seus filhos em dias especificados, a horas determinadas. Efetuando-se algumas exclusões, o grupo ficou reduzido a 594 crianças, 312 do sexo masculino e 282 do sexo feminino, portadoras todas de um Q. I. entre 130-189.

A boa cooperação dos pais influuiu para o bom resultado das medidas. As crianças, a regular pelas aparências, apresentavam um bom desenvolvimento físico. Mentalmente eram vivas e rápidas nas respostas e dotadas de boas maneiras sociais.

Os pais demonstravam grande zelo pela saúde dos filhos. O fim principal deste trabalho foi obter, por meio de um numero selecionado de medidas, dados seguros sobre o desenvolvimento físico de cada criança. Em seguida, comdesenvolvimento do grupo com o de outros grupos e

finalmente estabelecer a relação do desenvolvimento físico com o crescimento mental do grupo.

*Distribuição das crianças pelas idades (\*)*

Idade	Meninos	Meninas
2		1
3	1	
4	2	2
5	3	5
6	6	4
7	10	13
8	14	15
9	29	23
10	35	42
11	68	48
12	63	45
13	50	46
14	26	29
15	5	9
	<hr/> 312	<hr/> 282

*Medidas* — 27 medidas antropométricas foram cuidadosamente realizadas em cada criança despida. Uma das crianças medidas, um menino de 6 anos com um Q. I., 154, bateu um "record" de natação, já dera audições de violino, revelando muitas aptidões para a matemática.

A altura era ligeiramente inferior à média e o peso um pouquinho elevado relativamente à altura. Capacidade respiratória e medidas de peito superiores à média.

*Comparação das medidas do grupo com os outros*

De um modo geral, o grupo principal em todas as idades, revelou superioridade de desenvolvimento físico comparado com as médias mais altas já estabelecidas para as crianças americanas, embora alguns membros do grupo apresentassem inferioridade em peso ou altura, um grande número era portador de ombros mais largos, músculos mais fortes, e pulmões mais bem desenvolvidos.

As crianças de Oakland, medidas por Barnés, em 1892, eram consideravelmente inferiores a estas crianças, e, entre-

(1) Os 5 membros foram fornecidos por um casal japonês-americano.

tanto, mais pesadas e altas que outros grupos de Boston, S. Luis e Michigan.

De acôrdo com as tabelas de Baldwin — Wood para altos, médios e baixos, 124.000 crianças americanas normalmente desenvolvidas foram medidas entre elas 312 meninos e 282 meninas do grupo principal, com os resultados seguintes:

*Altura para os meninos*

44 — altos  
233 — médios  
35 — baixos

*Peso: em relação à altura*

Normal — 176  
Superior — 89  
Inferior — 42

*Altura para as meninas*

45 — altas  
208 — médias  
29 — baixas

*Peso*

Normal — 143  
Superior — 83  
Inferior — 51

*Tabela indicando a relação de peso e altura para o G. P. (\*)*

Meninos	Peso normal	Superior	Inferior
Altos . . . .	52,3 %	31,8 %	15,9 %
Médios . . . .	56,5 %	29,3 %	14,0 %
Baixos . . . .	68,4 %	22,9 %	8,4 %
<i>Meninas</i>			
Altas . . . .	46,7 %	22,2 %	22,1 %
Médias . . . .	51,9 %	33,2 %	14,9 %
Baixas . . . .	48,3 %	31,0 %	20,7 %

Calculando-se os desvios de peso e capacidade pulmonar verificou-se que 74,5 % dos meninos e 62,4 % das meninas desviaram menos de 10 % das normais.

Consideradas como grupo, estas crianças são dotadas de uma capacidade pulmonar superior à maioria das crianças.

No período da adolescência as meninas alcançavam ou excediam os meninos em altura em pé e sentada, em medidas do peito, côxa e peso.

Com a idade todos os traços para os 2 sexos ganhavam apreciável incremento, exceto as medidas da cabeça, que na adolescência se aceleraram nos meninos nos 13 anos e nas me-

ninas aos 11. A comparação dos coeficientes de variabilidade mostra que as medidas das meninas variam mais que as dos meninos, e que a variabilidade aumenta no período de crescimento na adolescência.

*Índices de crescimento* — O índice péso-altura varia com a idade e indica que as meninas começam a aumentar de péso em relação à sua altura depois dos 12 anos e os meninos um pouquinho mais tarde.

A medida dos índices cefálicos é a mesma para os 2 sexos e varia pouco com a idade. Vários tipos de índices cefálicos foram encontrados dentro deste grupo de crianças de nacionalidades diversas, mas a maioria é do tipo mesocefálico.

A capacidade crânica computada pela fórmula Pearson-Lee revelou-se superior à média. O índice torácico varia pouco com a idade e sexo, exceto aos 15 anos, as meninas excedem os meninos.

Os coeficientes de correlação entre as diversas medidas foram positivos e altos para cada idade e sexo, sendo contudo mais alto para os meninos do que para as meninas, reproduzindo-se o mesmo fato entre as crianças do grupo de control.

Dois médicos acompanharam as mudanças observáveis no desenvolvimento físico destas crianças durante a adolescência. Todos os coeficientes de correlação entre os traços físicos e os estados de natureza fisiológica são significativos para meninos e meninas de 11-12 e 13 anos, chegando-se à conclusão de que as crianças mais altas e de melhor péso atingiam à madureza fisiológica mais cedo que as outras.

#### *Desenvolvimento mental e estado físico*

No estudo do estado físico do grupo, chegou-se à conclusão de que em geral fisicamente o grupo é superior a outros, que serviam de comparação. Para estabelecer a exata correspondência entre a superioridade física e mental seria necessário estudar um largo número de crianças não escolhidas, o que não foi possível realizar. As correlações foram calculadas dentro do próprio grupo.

Os coeficientes de correlação entre a idade mental e a altura em pé e péso para as idades de 10 a 13 anos variam consideravelmente para meninos e meninas.

Embora baixo, é positivo para o péso para os meninos aos 10 anos, para altura para as meninas aos 11 anos e para altura e péso para os dois sexos, aos 13 anos.

Tomando a idade constante para todo o grupo por meio de correlações parciais, uma pequena, mas positiva correlação foi encontrada entre a idade mental e a altura para os dois sexos, mas correlações entre a idade mental e outras medidas físicas não foram encontradas.

De 3 fontes diversas foram obtidas informações sobre as condições de saúde do grupo, por meio de questionários enviados às famílias, às escolas e por meio de exames médicos a que foram submetidas as crianças.

Os dados obtidos dizem respeito a 643 crianças. As famílias informam sobre as condições de saúde das mães durante a gestação, condições de nascimento, de saúde durante o 1.º ano, sobre a acuidade visual e auditiva, molestias, etc.

Do grupo principal registraram-se 4,4% de nascimentos prematuros e somente 7,8% das mães revelaram saúde "má" ou "muito má" durante a gravidez.

Relativamente aos nascimentos 19% do sexo masculino e 12% do feminino não se realizaram dentro de condições normais.

Sómente 8,2% foram alimentados com mamadeira, sendo 47,5% nutridos com leite de peito e 43,5% com alimentação mista.

O número de crianças alimentadas com leite de peito é consideravelmente superior ao geral da população e ainda mais elevada entre os casos de crianças com um Q. I. acima de 100.

A saúde durante o 1.º ano de existência foi avaliada pelas mães em "excelente" ou "bóia" numa percentagem de 74% e "má" apenas 3,3%. Os distúrbios de saúde durante o 1.º ano mencionados pelas mães mais de metade relacionavam-se a perturbações digestivas.

Comparados com as médias nota-se uma certa precocidade no desenvolvimento físico, assim as crianças do grupo em geral, aprenderam a andar um mês mais cedo que as outras, e a falar 3 meses e meio, como a dentição também rompeu um pouco mais cedo.

Quanto às molestias sofridas no 1.º período os dados comparados não revelam nenhuma diferença significativa.

Informações das escolas acusam as doenças de enxaqueca mais frequentes no grupo principal. 30% das crianças do G. P. manifestavam sintomas de enraquecimento geral.

A alimentação de 2,6% de crianças do G. P. e 7,8% do de control foi qualificada "pobre".

Crianças respirando pela boca, são 2 vezes mais frequentes no G. C. Quanto a resfriados não foi encontrada uma diferença notável entre os 2 grupos.

Casos de defeitos de audição são 2 vezes e 1/2 e de visão 1/4 de vez mais frequentes no Grupo de Control.

Sintomas de nervosismo foram indicados pelas escolas com uma frequência de 13,3 % para o G. P., e 16,1 % para o G. C.

Os dados relativos aos hábitos das crianças são de difícil avaliação, devido à deficiência de dados para control.

Informações médicas indicam que as dietas e regimens são mais comuns entre as crianças do grupo que entre a população geral.

As crianças do G. P. parecem dormir um pouco mais do que o comum das crianças, conforme se pode verificar pelos dados abaixo:

Idade	2-4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Horas de sono:										
Grupo Principal.....	11,3	10,3	11,1	10,1	10,6	10,4	10,3	10,3	10,3	10,2
Grupo Comum.....	—	—	11,1	10,4	10,4	10,1	9,6	10	9,4	9,3

O boletim médico indica ainda que 79 % dos meninos e 70 % das meninas, ou 75 % do grupo em conjunto dormem sózinhos e 96 % conservam as janelas abertas durante a noite.

Como era de se esperar, os meninos despendem mais horas do que as meninas ao ar livre, com uma média para os primeiros de 3 horas e para as últimas de 2 horas e meia. Parece que a puberdade é mais precoce no G. P.; entretanto, devido ao número restrito de crianças com mais de 12 anos, a conclusão é algo hipotética.

As crianças foram ainda submetidas ao mais completo e minucioso exame médico, sendo os dois médicos dr. Moore e dr. Bronson acordes em reconhecer a sua superioridade física.

Diz o primeiro que os maiores e menores defeitos são muito menos comuns no G. P. e que, na sua opinião, a supe-

rioridade física era reconhecida por uma mais perfeita nutrição, por uma estabilidade superior física e mental.

Atesta o dr. Bronson que os exames do G. P. foram os mais satisfatórios de quantos ele já havia realizado.

(A continuar).

## A escola moderna e os trabalhos manuais (1)

Professora JULIA VIOTTI

O ensino dos trabalhos manuais em nossas escolas, tem passado por diversos estádios em sua evolução, desde aqueles em que o julgavam privativo de classes pobres, da formação profissional, ou de mais uma habilidade feminina acrescida aos dotes de uma moça bem educada — até ser considerado como meio de educar os sentidos, de satisfazer à atividade física das crianças ou como forma de expressão.

Modernamente, o ensino do trabalho manual, na escola primária, não tem fins em si, mas funciona como meio para o desenvolvimento integral do individuo e, como tal, não se desagrega das demais atividades da escola, mas com elas se relaciona de maneira tal, que difícil será conceber um professor de trabalhos manuais, cuja ação se processe isoladamente dos demais mestres.

Já houve tempo em que a uma professora de trabalhos manuais bastavam conhecimentos práticos, muito superficiais, dos trabalhos de agulha.

Se bem que, ainda hoje, na maioria das escolas do nosso Estado, sejam essas as condições das professoras de trabalhos manuais, já o governo encontrou a pista por onde ha de trilhar, afim de sanar essa lacuna que, aos olhos de todos quantos, com boa intenção, se empenham na verdadeira tarefa educacional, avulta como obstáculo sério à realização integral da reforma de 1927. Criando o governo a Escola de Aperfeiçoamento, onde, em um curso de 2 anos, as pro-

(1) NOTA — Palestra realizada na Escola Normal de São-Paulo, sob os auspícios da cadeira de metodologia dos trabalhos manuais da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte. A palestra seguiram-se demonstrações práticas de desenho pedagógico pela professora Elza Coelho, de modelagem pela prof. da cadeira Melle, Jeanne Milde.

fessoras do Estado buscam, com ância, o alargamento dos seus conhecimentos psico-pedagógicos, incluiu a metodologia dos trabalhos manuais, baseada nos conceitos mais modernos de educação, mostrando assim que, no problema da formação do mestre, ela merece uma atenção igual á que se confereá psicologia e demais metodologías. Ampliando mais a sua ação, afim de tornar mais eficiente e rápida a execução da reforma, criou ainda o governo de Minas cursos especiais de trabalhos para as professoras da Capital e do interior do Estado, cursos esses que funcionam independentemente do curso geral de aperfeiçoamento, mas sob a mesma orientação.

As professoras, assim aparelhadas com um preparo técnico-pedagógico, estarão em condições de compreender melhor a importância que exercem no ensino primário os trabalhos manuais, e tal como todas as outras atividades, constituem meios eficazes que, bem manejados, favorecem o desenvolvimento integral e harmônico do indivíduo — Nenhuma razão existe para que, na escola moderna, se dê ao seu ensino orientação diversa daquela que se dá ás demais atividades.

Se êles visam desenvolvimento, é claro que devem satisfazer ás necessidades da criança, utilizando tanto quanto possível, a sua experiência, assim como a atividade que lhe é própria.

A atividade infantil da idade pre-escolar se manifesta sobretudo por meio de jogos ou brinquedos, nos quais já se percebe nitidamente a procura de um fim em vista, a tentativa de realização de um projeto. Diante de uma criança que desenhe sem plano algum, observamos que, ao dar uma forma humana ás garatuças que faz, sente despertar sua imaginação, emprestando ás figuras uma vida semelhante á sua, dentro do ambiente que lhe é familiar. Assim, um boneco passa a ser o pai, outro o filho; uma casa ao lado será a moradia de ambos; um automóvel á porta os espera para passear e assim por diante. O desenho, a princípio sem nenhum fim explícito, passou a expressar um pensamento já bem lógico, onde as relações entre as cousas e as pessoas aparecem bem claramente.

Um menino que toma um barbante e dois pedaços de madeira, para com eles fazer um arco e uma flecha, que depois serão usados numa atitude lúpica, está nessa hora, podemos ter certeza, atribuindo-se ás qualidades de um "Robinson Crusoe" ou de um "Sexta-feira". Em um grupo de crianças que se empenhe espontaneamente em uma realização, podemos notar que, com esse trabalho, visam satisfazer uma

necessidade qualquer, sem o que, seu brinquedo não poderá prosseguir. Tive ocasião de observar, certa vez, um grupo de crianças que todas as tardes se reunia para reproduzir em seus brinquedos uma fita de cinema, que no momento empolgava a meninada, e cujo assunto se prendia á perseguição que 3 ou 4 indivíduos faziam a um grupo de bandoleiros que lhes havia roubado um roteiro com indicações do lugar onde se achava escondido um tesouro legado por um antepassado. Os meninos, de quando em vez, cessavam a correria e entregavam-se ao desenho de mapas, ao exame, desenho ou confecção das armas de que necessitavam. Um belo dia, desaparecem da vizinhança os meninos que representavam os bandidos. E onde fui encontrá-los? Em um terreno baldio, construindo uma choça que lhes serviriam de abrigo. O interesse era vivo, a cooperação era perfeita, o trabalho era bem distribuído, e todos os meninos, desde o maior até o menor, nele se ocupavam sem a menor dispersão.

Para verificar que o interesse da criança pelo trabalho reside na satisfação da necessidade do momento, basta notar que, uma vez esta necessidade satisfeita, êle se transfere a outras atividades. Sabemos que, até uma certa idade, o desenvolvimento das crianças, quer físico, moral, intelectual ou social, se faz através de seus jogos e brinquedos, e já nesta época os pais e professores de Jardins de Infância procuram orientar esse desenvolvimento para que êle não se faça defeituosamente. A sua preocupação será, nesse caso, proporcionar ás crianças um ambiente sadio, cujos estímulos provoquem reações desejáveis. E é justamente essa capacidade inata da criança, esse seu espirito criativo e realizador, que constitue o manancial de que vai servir-se o mestre moderno para educá-la dentro do trabalho.

O trabalho infantil é, a princípio, falho no sentido e proporções, mas, á medida que a criança se desenvolve, também cresce nela o aprêzo pelo que faz. Se antes já não admittia as realizações inúteis, agora, além da utilidade, visa a perfeição.

Aparece então a necessidade da técnica, tornando-se, portanto, perfeitamente justificável a intervenção do professor, que levará seus alunos, por meio de exercícios adequados a um trabalho manual mais perfeito, da mesma maneira que o levaria a uma composição de linguagem oral ou escrita mais correta e expressiva.

Entretanto, podemos dizer que o interesse real pela técnica está fóra do período da escola primária, podendo ser muito raramente notado em crianças de 3.º e 4.º anos.

Na sua maioria, as crianças das escolas primárias encontram seu prazer na expansão da própria atividade, do seu poder criador, do seu vigor físico, e o professor que tenha isto sempre presente ao seu espírito encontrará facilmente o melhor método a seguir no trabalho da educação mais especializada.

Considerando assim e pressupondo um desenvolvimento físico normal, afigura-se-nos, nesta etapa de educação, como objeto de real importância, o desenvolvimento do pensamento infantil, com o qual virá concomitantemente o desenvolvimento intelectual, moral e social.

Para isto é essencial que o trabalho da criança, qualquer que seja ele, exprima as suas próprias idéias, os seus próprios interesses e as suas próprias habilidades, e *nunca* os de outrem.

Não nos esqueçamos que ela precisa desenvolver suas idéias, e não simplesmente progredir no trabalho. O trabalho é a forma de expressão através da qual a criança vai compreender suas idéias e adquirir novas experiências para ter novas idéias, à maneira de um moto-contínuo.

Faz-se então necessário que o professor se certifique sempre, antes que um trabalho seja iniciado, de que tenha a criança, no pensamento, alguma coisa que deseje exprimir em ação. Esta idéia antecipada daquilo que se vai realizar, é a origem dos planos de trabalhos que, em crianças já com algum desenvolvimento, deve ser bem definido, para evitar que as realizações por tentativa, naturais em períodos anteriores de desenvolvimento, perdurem, arriscando o crescimento progressivo da faculdade de pensar.

Isto, porém, não significa obrigatoriedade da execução do trabalho tal como foi planejado, mas simplesmente uma direção esquemática, sujeita às modificações que as circunstâncias do momento possam exigir, sem, entretanto, perder de vista o objetivo final, condição muito importante ao progresso do aluno.

Não se pode exigir das crianças nenhum trabalho que esteja acima de suas capacidades, sendo, portanto, de se esperar que seus trabalhos sejam tocos e imperfeitos. Para o verdadeiro pedagogo, têm muito mais encanto os trabalhos assim realizados, através dos quais ele assiste maravilhado ao evoluir de seus discípulos, e nos quais busca as diretrizes para o próprio trabalho, do que as pretensas obras de arte que costumamos ver nas exposições escolares, onde o dêdo deshonesto do professor vaidoso mata todo o dinamismo,

toda a espontaneidade infantil, e onde se antevê o massacre de uma individualidade.

Deve-se, entretanto, acrescentar que, por trabalho toco, não se compreende trabalho *feito ou descuidado*. O estímulo para a realização de um trabalho deve ser tal, que a criança deseje fazê-lo sempre melhor e sempre mais bonito. Assim, *O valor de um trabalho de criança mede-se, não pela sua excelência em comparação com o trabalho de outros, mas pelo grau em que contribuiu para o desenvolvimento geral dessa criança.*

Um trabalho muito insignificante, qual o da fabricação de tijolinhos de argila para a construção de uma casinha que a realização de um projeto exige, poderá favorecer, conforme as condições em que for realizado, o desenvolvimento de uma criança em todos os seus aspectos. Vejamos como:

Quando a professora pede às crianças que ponham seus aventais para trabalhar, está favorecendo o desenvolvimento de hábitos de economia e ordem; quando divide a classe em grupos, encarregando cada grupinho da fabricação de uns tantos tijolinhos, está levando-as a praticar a cooperação e a responsabilidade; quando diz que cada tijolino deve ser de tal tamanho e que todos devem ser iguais, tem por objetivo desenvolver a precisão. E a força de vontade que a criança vai desenvolver para se conservar no trabalho durante algum tempo e para fazê-lo bem, desejo esse já habitualmente despertado pela professora? Não será, porventura, a soma de todas essas qualidades desenvolvidas através desse trabalho tão insignificante e de outros congêneres, que formará a base de um caráter íntegro?

Além disso, expressando seu pensamento através dessa realização, assim como das discussões que ela origina, está a criança crescendo socialmente, desenvolvendo a reciprocidade de idéias em busca de um objetivo comum.

Novas experiências são adquiridas quanto à argila, sua qualidade, manipulação e proveniência, que vêm aumentar o cabedal de conhecimentos da criança em Língua Pátria, aritmética, geometria, geografia, história e ciências, provendo assim seu desenvolvimento intelectual. Manipulando seus tijolinhos, trabalho, que para ela é um divertimento, alarga suas concepções, e torna-se apta para melhor compreender o que seja uma olaria e mesmo uma cerâmica. Finalmente, os movimentos que o trabalho exige vêm prover o desenvolvimento físico, não menos importante no trabalho da educação. Nesta parte, é muito importante o conhecimento prévio dos movimentos que este ou aquele trabalho vai exigir.

Atendendo ao fato de que as aptidões das crianças se manifestam gradativamente e que nenhum trabalho lhes deve ser dado, desde que esteja fora de seus interesses e capacidades, compreende-se perfeitamente que um tipo de trabalho adequado a crianças de 4.º ano não poderá satisfazer as de 1.º e vice-versa.

Os trabalhos recomendados às crianças do Jardim da Infância e do 1.º ano da escola primária devem ser os de tipo maior, cuja execução exija, de preferência, os músculos do braço e do corpo.

O uso dos pequenos músculos é penoso às crianças, e por isso os trabalhos que exigem o seu uso, longe de lhes satisfazer, encervam-nas, podendo ainda prejudicar-lhes a vista. Assim, desenhos e pinturas que lhes convêm são aqueles que pedem movimentos largos e livres, para os quais são requeridos os grandes pincéis, brochas, o giz, os lápis de cor bem grossos, as grandes folhas de papel ou o quadro negro. Certas atividades de carpintaria, como serrar, pregar, são também úteis e agradáveis às crianças das classes primárias. Para os trabalhos de costura devem ser usadas agulhas de fundo largo, fazendas pouco espessas e motivos que não requirem pontos muito miúdos e complicados. O tempo dado aos trabalhos nunca deve exceder de uma hora. É preferível que as crianças deixem o trabalho quando ainda estejam com vontade de fazê-lo a que o deixem depois de cansadas e aborrecidas.

**ESCOLHA DO TRABALHO** — Nenhum modelo deve ser imposto à criança, cuja originalidade deve ser sempre respeitada. Cumpre que lhe ofereça a professora oportunidades para a realização de suas idéas, desde que elas sejam de real valor e se possam ligar a realizações mais largas, cumprindo-lhe ainda orientá-la no uso e conservação do material, na aquisição de hábitos de limpeza e ordem, e assim introduzir, aos poucos e imperceptivelmente, certos elementos de técnica que possam contribuir para lhe melhorar a expressão. Cumpre-lhe mais encorajar, animar, criticar constructivamente e dar seu auxílio todas as vezes que for requerido, sem entretanto fazer o trabalho do aluno, que deve ser levado a descobrir seus próprios defeitos e corrigi-los.

A variedade deve ser ainda uma preocupação para a professora que deseja manter vivo o interesse de seus alunos e levá-los a usufruir o máximo de rendimento do trabalho que realizam, sem esquecer, porém, que esta variedade não implica falta de continuidade, pois que esta nunca deve ser quebrada.

Na distribuição do trabalho, as diferenças individuais deverão ser sempre atendidas, afim de que cada criança ou grupo de crianças possa tirar d'êles os valores de que necessitar. Para isso é vantagem que os trabalhos variem entre os que devem ser executados individualmente e aqueles cuja realização exija a colaboração entre colegas.

**MOTIVAÇÃO DOS TRABALHOS.** — É uma das condições mais insistentemente exigida pela escola nova no desenvolvimento de qualquer atividade, visto que não se podem esperar resultados eficazes de um trabalho cuja necessidade não foi sentida pelo aluno. Nas escolas primárias, mesmo naquelas mais formais, as matérias do programa encerram muitas sugestões para os trabalhos manuais e para o desenho. Nas escolas mais modernas a realização dos projetos desenvolvidos pela criança exige, como já vimos, a prática constante dos trabalhos manuais e em ramos diversos.

Além disso, a exibição de gravuras que interessem às crianças, a visita a uma fábrica ou exposição, as excursões, o entusiasmo despertado pelos trabalhos realizados por outras crianças, e ainda muitas outras cousas que a inteligência da professora saberá descobrir, poderão ser motivos para a realização de trabalhos interessantes e úteis ao desenvolvimento do aluno.

**ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.** — Todo trabalho exige um plano prévio que será organizado entre professor e aluno, por meio de discussões das idéias de cada um, que estimulem os alunos a pensar, para recordar experiências aplicáveis ao assunto em discussão, para procurar novas informações que porventura lhe sejam necessárias, para planejar uma visita a uma oficina ou fábrica, sendo, entretanto, de bom aviso não prolongar muito estas conversas, para que não desapareça o interesse que, como sabemos, é fugaz nas crianças. Uma vez definido o plano, o trabalho será distribuído, de modo a atender às necessidades da criança e do trabalho, de modo que cada uma possa assumir a responsabilidade do que lhe for confiado, sendo, para isso, condição essencial a liberdade, isto, é, ausência de formalidade, devendo cada criança trabalhar a seu modo.

A assistência muito assídua do professor enfraquece a iniciativa da criança e impede a formação de hábitos de trabalho independente.

Alguns pedagogos aconselham a escola de "leaders" feita entre as próprias crianças, mas esta prática merece muito cuidado, para impedir que êstes dominem o grupo ou façam o trabalho para aqueles que lhes são prediletos.



A questão da disciplina não deve existir em um trabalho bem organizado. Desde que todas as crianças se ocupem daquilo que desejem, que esse trabalho esteja dentro de suas possibilidades, e que lhes satisfaça, nenhuma razão existe para distúrbios, salvo casos especiais, que a prudência da professora, naturalmente, evitará ou resolverá sem prejuízo para o trabalho.

É de se esperar que o ensino dos trabalhos, concebido do tal como ficou exposto, leve as crianças de nossas escolas primárias a beneficiar-se dos seus inúmeros valores, muito dos quais resumirei em poucas palavras, afim de que mais claramente se gravem no espírito daqueles a quem está confiada a tarefa de educar.

a) O trabalho manual satisfaz á atividade física da criança, exercita-lhe os sentidos, enriquece as experiências, promovendo, portanto, seu desenvolvimento físico e mental.

b) Satisfaz á necessidade de expressão manifesta na criança em idade escolar, levando-a a compreender melhor as próprias idéias e as dos outros, provendo, portanto, o seu desenvolvimento social.

c) Estimula a curiosidade infantil, levando a criança a pesquisar, perguntar, a sair do sem mundo interior para penetrar no dos outros, a se transportar do seu ambiente para outros, alargando-lhe, portanto, as concepções, desenvolvendo-lhe o pensamento.

d) Faz com que a apreciação da criança pela natureza, melhore, não só porque o exercício dos sentidos vem aumentar o seu poder de observação, como também porque chega a compreender que ela é a fonte do todo o material necessário á satisfação de suas necessidades mais prementes. Se aprecia melhor a Natureza, se se tornou mais observadora, se teve oportunidade para escolher, para comparar e julgar, terá certamente elevado o seu sentimento estético.

e) Dá oportunidade para criar espontaneamente, favorecendo a revelação de tendências que poderão ser melhor dirigidas para fins úteis e atitudes desejáveis.

f) Obriga a criança a remover sózinha os obstáculos que porventura impeçam a continuação do trabalho, levando-a á prática da iniciativa e da confiança em si.

g) O esforço que a criança faz para realizar por si o trabalho para o qual se comprometeu, favorece a prática da responsabilidade, da honestidade e da força de vontade.

Trabalhando e produzindo coisas úteis, reconhecerão as crianças que as coisas mais simples da vida, assim como todo bem estar que usufruímos, dependem do trabalho, que

vai agora lhe interessar muito mais, assim como maior será o respeito pelos trabalhadores do mundo.

Juntemos ainda a estes os valores que se referem á orientação vocacional e escolha da profissão, e educação dos anormais. Finalmente um trabalho que requeira a colaboração do grupo vem favorecer a prática da mais necessária e útil qualidade social — A COOPERAÇÃO.

#### O ENSINO DOS TRABALHOS NÃO REQUER PROFESSORADO ESPECIALIZADO

O trabalho assim compreendido não requer professores especiais, mas, pelo contrário, é necessário e imprescindível que o seu ensino seja orientado pelos próprios professores primários, que durante os seus cursos normais devem receber a necessária preparação. Assim sendo, cabe ao professorado primário, não um ensino profissional ou puramente artístico, mas de orientação pedagógica e em harmonia com o de outras matérias.

Muitas professoras de classes primárias alegam *faltar-lhes tempo* para ensinar trabalhos. Este problema desaparece com o ensino correlacionado. O trabalho manual não é mais só *trabalho manual*, mas é também geografia, história, ciência, aritmética, geometria, linguagem, etc. De modo que, se ha horas para estas matérias, haverá também para ele. Para isso, basta que uma parte daquilo que a criança exprime pela linguagem falada ou escrita, passe a ser expresso pelas mãos e que uma certa flexibilidade nos horários seja permitida. A divisão da classe em grupos permitirá que, enquanto a professora se ocupe de um grupo em um exercício de leitura, por exemplo, outro poderá ocupar-se em trabalhos. Além disso, as horas livres poderão ser empregadas no acabamento de trabalhos já iniciados.

Uma outra dificuldade comumente alegada é a *falta de espaço*. Há escolas que possuem oficinas; mas, em se tratando de classes primárias, o melhor lugar para trabalhar é a própria sala de aula. Neste caso, é de grande vantagem o mobiliário portátil e um cômodo anexo que se preste aos trabalhos que requeiram maior isolamento.

É ainda recomendável que se trabalhe ao ar livre, no pátio ou galpão da escola, sempre que o tempo permita, ficando assim sanada essa dificuldade.

Alegam ainda muitos professores, freqüentemente, que lhes falta *habilidade* para executar trabalhos e que, por-



tanto, não podem ensinar aquilo que não sabem. Mas para tudo há recurso havendo boa vontade. Em alguns casos, uma simples consulta a um livro informativo sobre o assunto em questão poderá resolver uma dificuldade no trabalho; outras vezes, o auxílio de um profissional das vizinhanças, ou mesmo de um colega mais experiente, poderá ser útil ao professor esforçado e desejoso do progresso de seus alunos e de seu próprio.

Para nós, professoras de Minas-Gerais, esta dificuldade está em vias de desaparecer, desde que a orientação dada pela Escola de Aperfeiçoamento se irradie por todo o Estado, por intermédio das orientadoras técnicas que dali saem diplomadas.

E, afim de suprir esta parte, reconhecidamente falha até então na preparação das professoras, a cadeira de metodologia de trabalhos manuais da referida Escola se desdobra em seções especiais a cada tipo dos trabalhos mais requeridos no ensino primário, tais como desenho, modelagem, carpintaria, costura e cartomagem.

JULIA DE M. VIOTTI

Professora da Escola de Aperfeiçoamento

## DAQUI E DALI

### Trabalho sobre educação física

*Sumário: Impressões gerais do curso — Suas finalidades — A educação dos educadores — As grandes vantagens — A educação física em Minas, antes da realização do curso intensivo — As aulas de ontem e as aulas de amanhã.*

Presentemente a educação física da raça é o problema que vem preocupando os povos civilizados. Cada país procura difundir eficaz e intensamente o ensino, fazendo em seus métodos, adaptações inteligentes e estudadas de acôrdo com a índole, recursos e necessidades locais e instituindo, criando cursos especiais para o preparo técnico do professorado; este, tem sido o critério adotado em quasi todos os países europeus e que teve hoje a sua mais bela eclosão em

Minas. O curso intensivo de educação física constituiu de fato um meio eficiente de propaganda, divulgação pedagógica e preparo técnico.

Embora ele não tenha sido perfeito, na sua organização, completo nas suas aspirações, atingiu, porém, a sua finalidade maxima real e fundamental na educação dos educadores, despertando nestes, o amor ao movimento em todas as suas manifestações: exercícios, jogos e danças, incutindo-lhes no espirito a convicção de que um belo corpo desperta e forma uma bela alma e que todo o progresso realizado no dominio da saúde física do homem, significa forçosamente uma melhora em todo o seu sistema educativo. O curso especial de educação física destinado a formar um professorado completo, procurou orientar bem os professores que já possuía e preparar outros, dando-lhes conhecimentos, senão proficuos e integrais, porém, suficientes, da ciência cujos princípios então, de todo o ponto interior de Minas, eram quasi totalmente ignorados, ciência, cujos fundamentos, portanto, só agora se assentaram, cujo programa só agora se definiu, cuja amplitude só agora se abrangem, ciência humanitária que encaminha a educação do corpo e da inteligência ao ideal da perfeição humana.

A lição que acaba de ser ministrada não será improficua; a semente espargida brotará e se desenvolverá levando para as escolas de todos os rincões de Minas o maior coeficiente á estabilidade biológica, que é a saúde.

As futuras vantagens e os resultados, que não são antecipados por um otimismo idealista, mas pela convicção e pela confiança na obra que se vai iniciar, dependerão, porém, de uma mocidade dedicada até ao sacrificio, combativa e ambiciosa, de um professorado que se apreme em sacudida energia, que não emperre e nem desfaleça nos atritos da luta, mas que cresça á vista dos obstaculos, capaz enfim de remar contra a corrente e vencer. E' justamente neste gosto de vencer obstaculos, é neste amor ao combate rude, á glória difficil que o novo educador formará as novas gerações.

## II

### A EDUCAÇÃO FÍSICA EM MINAS ANTES DA REALIZAÇÃO DO CURSO INTENSIVO

#### *As aulas de ontem*

Não serei injusta para com o passado, vivendo apenas do entusiasmo do presente e da esperança do futuro, mas

procurarei ser verdadeira e sincera, bascando a minha esporação sobre dados da experiência e das observações colhidas durante sete anos, no decorrer de minha profissão de educadora.

Ontem, era realmente a educação física disciplina obrigatória em todas as escolas primárias e secundárias, contava-se, como sempre, com o apoio dos dirigentes da Instrução, havia programa traçado, mas tudo isto não bastava, era preciso ainda proporcionar todas as ocasiões, aumentando os recursos e as facilidades oferecidas ao exercício artificial, era mistér como ponto capital o preparo técnico do professorado. Como consequência destas falhas e deficiências, basta volver o olhar e o pensamento para as aulas de ontem, basta reproduzir na imaginação a figura vacilante e enfezada da nossa infancia. As aulas impregnadas de um cunho de formalismo, regulares embora, mas desprovidas de interêsse, mal dosadas e mal applicadas, eram resultantes da falta de preparo e de orientação do professor, que, apesar de dedicado e esforçado, não podia dar mais do que possuía, mais do que havia recebido. Ao lado disso, quantas dificuldades de ordem material embaraçavam a boa vontade do educador, que mais do que ninguém se ressentia e sofria da falta da cultura física para os seus alunos, como oportunissimo elemento moralizador, como fator indispensável para o bom desenvolvimento físico e mental. A fraqueza da saúde não pode deixar de retardar e desviar enda vez mais as inteligências já lentas e hesitantes de nossas crianças. Para se promover a regeneração moral do individuo e, portanto, da nação, é preciso começar pela regeneração do organismo, pelo reerguimento das forças físicas na atividade sadia da ginastica e dos jogos. Haccel e Hipocrates manifestaram a respeito da inatividade e da apatia os seguintes pensamentos: "nada destrói tanto o ser físico como o repouso continuado; a preguiça e o repouso entumecem e debilitam". Um organismo bem conformado e de musculos adestrados é de certo mais facil moralizar do que uma máquina humana enfraquecida. A inatividade física não torna a juventude somente incapaz de cumprir o seu dever cívico ou patriótico; ela multiplica os inaptos para a vida e para as exigências atuais de uma civilização mais complexa. Seus costumes, seus meios de locomoção têm sido e serão ainda radicalmente transformados; ha alguma coisa, porém, que não mudará, como ainda não mudou: é a necessidade fisiologica do exercício. Não se podem suprimir as exigências, sem se dar um

golpe inevitavel na saúde. Não basta tambem que a higiene social sancie o povo; é mistér que a educação física em suas multiplas finalidades venha curar, corrigir os doentes, melhorar os sãos e revigorar na alegria consistoria esta infancia descorçoada, melancolica, transformando-a nesta fonte utilissima de alegria de força, de bom humor e de energia.

### III

#### AS AULAS DE AMANHÃ

Os americanos não mediriam nem o espaço, nem a liberdade e não conheceram o impossivel para realizar sua renovação; assim deverá agir tambem este grêmio de professores que acaba de dispersar para as suas respectivas cidades, levando o corpo revigorado, o espirito enriquecido e o coração entusiastico com a mais nobre missão de realizar o aproveitamento deste fundo, que leva, de riquissimas possibilidades para o progresso e para o bem. E para seu estímulo é olhar para a América do Norte, e olhar para a Argentina, a cujo respeito podem dizer o que, a respeito da Inglaterra, Paul Boungert escreveu: "Quando se vê que um povo rival é grande, não devemos invejá-lo, o que é indigno; não devemos negá-lo, o que é inutil; não devemos copiá-lo, o que é servil; o que devemos é tentar compreender as leis de natureza social e politica que observou em seu desenvolvimento e quando julgamos té-las assimilado, tentarmos nós mesmos praticá-los nos dados de nossa tradição e nossa raça, podemos crear o que nos convenha". As aulas de amanhã não serão uma criação, mas uma assimilação inteligente, uma adaptação racional e metódica de um sistema de educação física, apto a transformar de vez a geração nascente. Então raiará para nós o dia feliz, que pode não estar longe, em que a Educação Física, generalizada, nos trocará a apatia enervante da nossa raça pela vontade robusta que se desentranha em prodigios de energia; a timidez, o servilismo do fraco pela alegria, pela sociedade comunicativa, pela serenidade fecunda da ação. Se não levar por diante, senão se fomentar a educação física cujos beneficios tão amplamente reaparecer a nossa nacionalidade. Tudo hoje depende do que percurem na moral individual e coléctiva, acabará por desviar daqui a pouco. Ensinar ginastica sem conhecimento perfeito do corpo humano, sua constituição anatomica, seu fun-

cionamento, seria cousa impraticável e fóra dos moldes da verdadeira pedagogia. Para que as aulas de amanhã atinjam ao seu ideal, necessária se torna a aplicação da ginástica, aliada à marcha e aos jogos, praticados gradativamente, de maneira interessante, variada, empregando sucessivamente, esforço maior do que na véspera, sem fadiga, não exigindo um trabalho contínuo e de duração longa.

Não pensem os novos professores que irão encontrar as portas abertas para a realização de seu trabalho: uma grande luta, inúmeras dificuldades os esperam. Terão que vencer os obstáculos inerentes à raça, ao clima, à exiguidade do tempo, à falta de locais apropriados. Nestas dificuldades o professor de educação física encontrará estímulo e não desfalecimento; a luta faz parte integrante de sua missão, e neste combate rude o novo educador formará a nova geração propagando a religião da alegria e da atividade, fontes inexauríveis da vida, convencido de que o corpo humano é o melhor dos aparelhos de ginástica e que a cultura física inteligentemente ministrada é a grande conquista moderna, é o renascimento do ideal de Minas, fonte única da inspiração civilizadora.

Belo-Horizonte, 7 de Dezembro de 1933.

*Maria Emerenciana de Azevedo*

## Ginastica historiada

### NOITE DE NATAL

Era noite de Natal.

Lili dormia... e perto da cama de Lili estava uma bonita árvore de Natal, cheia de brinquedos bonitos!

Quando a noite ficou muito escura, as bonecas, os ursos, os lobos, as garças e os palhacinhos desceram da árvore e ficaram paradinhos uns atrás dos outros (formação em coluna). Nisto ouviram um barulho! Ficaram com muito medo e saíram andando pela casa (marcha natural). O lobo andava muito lento... nas pontinhas dos pés. (Marcha na ponta dos pés) O urso punha as mãos na cintura e andava nos calcanhares (marcha nos calcanhares, com movimento de braços). Assim foram andando... andando... até que chegaram no quarto dos pais de Lili e, para não serem vistos, fo-

ram andando muito agachadinhos. (marcha de cócoras) Agora chegaram a uma sala muito larga! Podem respirar livremente (exercício respiratório). Pararam e olharam a sala de um lado... e de outro (exercício de rotação com a cabeça). Era tão bonita!...

Romperam a mesa redonda, mas estavam tão juntinhos... O palhacinho, que não podia ficar quieto, pôs as mãos nos ombros (movimento com os membros superiores); depois esticou os bracinhos para os lados com muita força (movimento com os membros superiores). Os outros brinquedos que estavam perto dele foram fazendo o mesmo e deixando distância (distanciar) perto do palhacinho.

O urso quis fazer graça; pôs as mãos na cintura e pendia o tronco para frente e para trás, para um lado e para outro... (movimento de tronco). A garça coitadinha estava sentindo muito frio... pôs as asas nas costas e encolheu a perna esquerda; (movimento de equilíbrio) depois baixou a perna esquerda e esticou a perna direita para a frente (exercício de equilíbrio).

O dia estava amanhecendo.

Um galo cantou sacudindo as asas (movimento com os membros superiores).

Os bichos levaram muito susto e falaram: "psiu! Lili vai acordar; vamos muito devagarinho, nas pontinhas dos pés (marcha nas pontas dos pés) para a nossa árvore". Lá chegando, sentiram um perfume muito bom. Respiravam com prazer (respiração). Subiram para a árvore e ficaram bem quietinhos.

Lili acordou e, quando viu sua árvore de Natal coberta de brinquedos (marcha natural) foi chamar sua mamãe para ver o belo presente que o Papai Noel lhe dera.

ELIZA PIRES TEIXEIRA.

## "A ignorancia da onça"

Quando o papagaio, depois de viver muitos anos na cidade, voltou para o mato e abriu uma escola afim de ensinar os outros bichos a lêr ea escrever, quasi todos se matricularam.

Assim que amanhecia, punham-se todos, *um atrás do outro*, em *marcha* para a escola.

O coelho, para não espinhar seus pesinhos, andava nas *pontinhas dos pés*.

O urubú ia voando *batendo, batendo* as asas. (Movimento imitativo, com os antebraços flexionados).

A raposa era o bicho que caminhava mais elegante. (Estimular a classe para a atitude correta).

O macaco ia de velocidade (Marcha imitativa com elevação dos joelhos).

O gambá toncava os companheiros com o seu mau cheiro; quando estava perto, os bichos *tapavam o nariz*; assim que ele se afastava, todos aproveitavam para respirar com força.

Chegando à escola, o Papagaio tocava o sino (Movimento imitativo com pensão do tronco para frente e para trás) e todos os bichos em *silêncio si assentavam* ao redor dele. (Em círculo).

Apenas a Onça não quis aprender a lê e a escrever — "Eu preciso disto! — dizia ela. — Que é que adianta saber essas cousas a quem vive de comer bezerrões nos currais?" De sorte que todos os bichos ficaram sabendo lêr, menos a Onça.

Um dia os fazendeiros se reuniram para acabar com todos os bichos que lhe comiam os bezerrões e galinhas e combinaram uma caçada, que seria nas vizinhanças de uma lagôa chamada "Lagôa do Macaco", onde aquêles bichos bem firmes nos seus quatro pés, (movimento imitativo, apoiando no chão as mãos e os pés), costumavam beber água.

Já tendo voltado para a cidade, o Papagaio soube do caso e resolveu avisar os seus antigos alunos para que não apparecessem naquela lagôa.

*Assentou-se, bem assentado*, e escreveu a cada um, uma carta, não esquecendo mesmo a Onça, embora esta não tivesse frequentado a sua escola. Quando acabou de escrever, *levantou-se* e entregou as cartas ao Urubú, que *batendo, batendo* as asas, voou por ali tudo, repartindo a correspondência. A Onça virava e revirava nas mãos a carta que recebera. Afinal pediu: "Compadre Raposa, leia para mim, que eu não sei" . . . A Raposa respondeu: "não sabe porque não quis; por isso eu não leio".

Dai a pouco a Onça saiu *correndo* (marcha acelerada) para tomar água na "Lagôa do Macaco". Os caçadores lhe caíram em cima e quebraram-lhe uma das pernas com um tiro; ela, mesmo com uma perna só, tentou fugir, (corrida em uma só perna), porém os caçadores a mataram.

Estes *respiraram* de alívio e *voltaram* para suas casas. (Aproveita-se a formatura para a entrada nas salas).

M. JANIRA DE PAULA PINTO.

## O ensino em Minas

(Notas enviadas à Sociedade dos Amigos de Alberto Torres).

Sinto-me desvanecido por falar ao Brasil, através da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, sobre o ensino em Minas-Gerais. E sejam as minhas primeiras palavras de saudações e de aplausos aos que, em qualquer recanto do Brasil, no silêncio humilde dos campos, ou no bulício das cidades, cogitam do problema dos problemas da Pátria, que é a educação do povo.

E' dessa união de pensamentos, é dessa identidade de ação que depende a construção de uma Pátria nova, pelo enriquecimento moral do homem e, portanto, pelas raízes que o prenderam á terra natal.

— \* —

O que fazemos em Minas-Gerais é, sobretudo, divulgar, difundir, vulgarizar até ao último cidadão o interesse pela educação. Para atingir esse fim, tem-se procurado colocar a escola dentro do seu meio próprio e exclusivo, e para isso o governo tem cuidado do aperfeiçoamento de seu professorado, com um carinho sem igual.

A Escola de Aperfeiçoamento, com a matrícula de 100 alunas de todas as zonas de Minas, está elaborando a verdadeira reforma — a reforma do professor — sem o que, nenhum sistema educativo poderá vingar.

Ao mesmo tempo, o dr. Noraldino Lima, Secretário da Educação, instalou e realizou cursos intensivos, dentre os quais cumpre destacar o de Educação Física, do qual participaram 144 professoras de 79 municípios, e o de Religiosas, com 75 professoras, de 43 escolas normais equiparadas.

O Curso de Aperfeiçoamento a Religiosas é o primeiro que se realiza no Brasil, e talvez na America do Sul. Depois de seis meses de trabalhos, as Religiosas obterão, de seus numerosos colégios, maior eficiência ainda.

No corrente ano foram instaladas dez praças de esportes, um parque escolar, quatro secções do curso técnico complementar; realizaram-se reuniões especiais dos professores do interior, reuniões de assistentes técnicos do ensino, publicaram-se 30 comunicados, além de numerosas palestras e visitas das autoridades superiores do ensino ao interior do Estado. Além disso, vários cursos a professores rurais se realizaram em diferentes pontos do Estado. Em Juiz de Fora

instalaram-se cursos especiais de museus e ortografia; na capital houve também, cursos especiais a todos os professores. Ainda agora, 15 de dezembro, realiza-se um congresso pedagógico regional na cidade de S. Gonçalo do Sapucaí.

As bibliotecas escolares tiveram um enorme incremento, e não será ousadia afirmar que, em Minas, não ha grupo que não possua uma biblioteca.

Na Escola Normal da Capital foi instalada a Biblioteca Pedagógica do Estado, e o governo criou uma comissão bibliotecária, destinada a incentivar a fundação das bibliotecas.

Além das outras atividades extracurricular que se multiplicaram em todo o Estado, cumpre salientar o aparecimento de numerosos jornais infantis, cujos valores educativos não é necessário enunciar.

Através de 400 jornaizinhos, estamos obtendo um vasto intercâmbio entre os estabelecimentos escolares, e assim vamos atingindo o nosso propósito de interessar todos na solução do problema educacional.

O cinema educativo foi instituído pelo decreto de 15 de julho de 1932, e o movimento de compra de aparelhos até 15 de julho do corrente ano foi o seguinte:

Capital empatado. . . . .	242:033\$000
Projetores adquiridos. . . . .	108

Atendendo a um apêlo da Inspeção Geral da Instrução, 154 estabelecimentos de ensino do Estado enviaram esclarecimentos e informações sobre o funcionamento de suas caixas escolares.

O resultado obtido, até junho, foi o seguinte:

Número de sócios em 1932. . . . .	5.248
" " " 1933 (junho). . . . .	4.563
Saldo de 1932. . . . .	211:245\$833
" " 1933 (junho). . . . .	207:446\$646

As caixas escolares que acusam maiores saldos são: na Capital a do Grupo Escolar Silviano Brandão, com 36:000\$000; no interior, a do Grupo de Lavras, com 13:105\$422.

#### O ENSINO DE TRABALHOS MANUAIS

O governo contratou, ha alguns anos, a professora Jeanne Milde para, na Escola de Aperfeiçoamento, dirigir o

ensino de trabalhos manuais, desenho, modelagem, carpintaria, encadernação etc.

Para a Capital foi nomeada inspetora de trabalhos manuais a professora Mariana Horta.

A exposição, ha dias inaugurada, revela bem as novas diretrizes que norteiam o ensino dessa importante matéria. "Ao lado de cada confecção figura o seu projeto, feito pela própria criança; ao lado de cada confecção estão frases pueris escritas, dizendo á criança o porque de sua atividade. As atividades nunca são impostas, mas desejadas pelas crianças, e daí o esforço, o entusiasmo, o interesse na solução dos problemas".

O que se diz dos trabalhos manuais applica-se ao desenho, por serem matérias intimamente ligadas. E tamanho é o interesse por esse assunto que o inspetor de desenho, sr. Anibal Mattos, organizou uma exposição dos grupos da Capital, com cinco mil trabalhos. Cumpre salientar que só o Grupo Barão de Macaúbas fez, em 1933, dez mil desenhos.

#### SOPA ESCOLAR

Durante o mês de outubro foram distribuídas 19.271 sopas nos seguintes grupos escolares da Capital:

Silviano Brandão. . . . .	4.419
Flavio dos Santos. . . . .	3.734
Tomás Brandão. . . . .	3.422
Bernardo Monteiro. . . . .	2.696
João Pessoa. . . . .	2.673
Henrique Dinis. . . . .	2.307

— o —

Não será possível descrever-se, com exatidão, toda a rica e surpreendente atividade de nossas escolas. O movimento, cujo ritmo nos foi dado manter e impulsionar, não se deterá, sejam quais forem as dificuldades de ordem financeira que surgirem.

A escola mineira orgulha-se de contribuir efetivamente para a grandeza do Brasil, pela melhoria do homem.

E' com esta esperança e com este ideal que despendemos os melhores esforços.

A "Sociedade dos Amigos de Alberto Torres" pôde estar certa de que em cada professor mineiro terá um auxiliar, e em cada escola uma casa amiga e acolhedora.

GUERINO CASASANTA

## Medicina e higiene

### AS CRIANÇAS E O CINEMA

O cinema, com os recentes aperfeiçoamentos, representa sem dúvida uma das mais admiráveis descobertas modernas. Sem ele, que traz em si um mundo de emoções sob os mais variados aspectos e que nos põe comodamente diante dos olhos fatos mundiais e paisagens longínquas, quasi que não poderíamos mais compreender a vida. O sucesso extraordinário, a popularidade sem rival, o acesso a todos os meios sociais, fazem do cinema um precioso aparelho de vulgarização e de penetração intelectual em todos os conhecimentos e campos da atividade humana.

É natural, pois, que o cinema venha preocupando os educadores em relação à influência que ele possa exercer sobre as jovens inteligências, que aceitam sem resistência e assimilam facilmente tudo o que se lhe oferece ao encontro do despertar de certos instintos, que dormem na alma da criança como germens invisíveis numa gota tranqüila de água.

As projeções podem, como nenhum outro meio, ensinar e gravar de modo indelevel no espirito das crianças innumeras coisas uteis, que completariam objetivamente as lições dos mestres. Precioso é o seu concurso ao estudo da história, da geografia, da botânica, da biologia em geral, pondo, por maneira tão agradável, diante dos olhos dos espectadores, tão receptivos e desatentos como as crianças, as realidades da natureza, os costumes dos povos, os hábitos dos animais, os flagrantés da vida animal e vegetal.

Mas, se o cinema é um instrumento didático de tão grande valor, oferece por outro lado perigos de ordem psicológica, médica e social. Nele encontram as multidões a satisfação pronta dos seus instintos sentimentais e emocionais: mortes violentas, agressões sangüinárias, pugilatos, sequestro, e tantas outras cenas violentas. Absorvida pelo mercantilismo a industria cinematográfica procura seduzir a mentalidade dos espectadores projetando sobre a tela, francamente licenciosa e sensual, todos os inimigos da ordem social: o cavalheiro de industria, o jogador, o proprietário de lupanares, o contrabandista, o ladrão, o assassino, o cínico e as pobres mulheres que fazem do amor meio de vida. Na tela acumulam todas as inverossimilhanças, atropelam-se todas as irreverências...

O cinema tornou-se o mais eloquente meio de expressão da vida social, com um relêvo que falta aos outros pro-

cessos educativos: a palavra, o livro, o jornal, que reclamam um certo grau de cultura, sem o qual não podem compreender as coisas faladas ou escritas. Um individuo iletrado, analfabeto, analisa apenas a vida por um modo sumário. Nestas mesmas condições está a criança, pois o que o cinema apaga as diferenças da idade. Onde a leitura a compreensão de um texto seriam impossíveis, a imagem tudo ilumina instantaneamente. A vida encontra no cinema uma representação quasi estandardizada. Mas esta representação agitada, artificial, nem sempre corresponde á verdade da existência comum.

Sobre o espirito do adulto, que vive e sofre a vida, as impressões fortes da tela não deixam traços, salvo nos casos de subjetividade vibratil que, excepção no adulto, se torna regra na infância e até na adolescência. Só nos individuos privilegiados se encontram na idade jovem a reflexão e sentido critico que podem opor-se ás perigosas sugestões de tantos films.

Uma única visão cinematográfica certamente que não se gravará no cérebro da criança, mas a sua repetição acabará por constituir um estado sensitivo, que será tanto mais accentuado quanto mais novo o cérebro atingido. Os que se preocupam com a preservação da alma infantil, na Europa e na America, têm veementemente chamada a atenção dos poderes públicos para este delicado e moderno problema de assistência social. Recentemente o professor Comby, resumindo e apoiando os conceitos de médicos da America Central, retomo uo assunto em trabalho, que respigamos.

### SUGESTÃO E IMITAÇÃO

As emoções fortes seduzem as multidões. A criança é essencialmente emotiva, revelando logo a atração quasi invencível pelas representações, fantásticas, como contos de fadas, legendas heróicas, lutas épicas. Tudo passou a ser substituído na tela por façanhas de aventureiros, proezas de bandidos, manobras de policiais e imagens obscenas do sensualismo, a cuja pernicioso influencia não poderão resistir as crianças, sem experiência, sem ponderação, sem controle psiquico.

A sugestão conduz a criança á imitação servil dos fatos, condição que torna, sob o ponto de vista psicológico, incalculáveis os perigos do cinema quando mal orientado. A visão cinematográfica pode produzir nas crianças estados subconcientes que se prolongam durante a noite sob a forma de sono agitado, pesadêlos. Privada da reflexão e do equi-

brio, mental, a criança cede facilmente á influência bôa ou má do cinema; na ausência da vontade, os seus atos obedecem a excitações externas, motoras e sensitivas, que a tela exerce fortemente na combinação do movimento e da palavra. A criança, mesmo normal, não tem o espírito crítico, o bom senso, o senso comum, qualidade fundamental, desenvolvida pelo raciocínio, pelo estudo, pela experiência da vida. E daí resulta que o ato exterior, principalmente quando emocional, desperta no espírito da criança reações mais violentas do que no adolescente e do adulto.

A criança entrega-se ao delicto sem interesse, passando friamente á execução, sem outra iniciativa além da que lhe foi sugerida. A figura cinematográfica do crime exhibe o ato sem os motivos; as imagens unem-se sempre as operações do pensamento que, na criança, abusa da analogia; as semelhanças mais superficiais transformam-se em analogias e depois em identidades.

O cinema não cria propriamente o instinto criminal, mas o desperta pelo desenrolar contínuo das más sugestões. A imaginação infantil exalta-se diante das maquinações desordenadas no filme e desvia-se para sonhos extravagantes. A obscuridade da sala favorece a tendência inconsciente e fantástica. O decêro impressionante, visto da penumbra, num silêncio de templo, isola e comove a criança. As cenas assim projetadas ferem o seu cérebro, desenvolvem sua morbidade, exacerbam taras congênitas. Os artifícios da arte fotográfica criam uma atmosfera fícticia que paralisa o fraco poder defensivo da criança. Tudo o que ela vê, desvirtuado pelo cinema, lhe parece mais bêlo e mais agradável do que a sua vida em família e na sociedade.

Inquerito procedido em Chicago, demonstrou que o cinema estava prejudicando o trabalho escolar por denegrir o sentido da vida, depreciar o sentimento do dever e produzir a maturidade sexual precoce.

#### ATORES DO CINEMA E OS GRANDES HOMENS

O adulto, graças ao poder de reflexão e de crítica, conseguirá distinguir o verdadeiro do falso nos lances movimentados da vida que se desenrola nos filmes. Esta discriminação que coloca as coisas em seus devidos lugares ultrapassa o potencial psíquico da criança. Do filme sedutor que contempla ela conservará uma recordação que não se adapta á vida que leva em seu meio social e daí poderá mais

tarde nascer o conflito entre uma estado de alma declarado sobre impressões falsas e o choque da realidade.

Interrogando milhares de escolares, verificar-se-á facilmente que os seus heróis prediletos são os artistas da tela e nunca os criadores do pensamento e da ação. Conhecem de côr os nomes dos primeiros, os filmes em que trabalharam e desconhecem os segundos e os benefícios que trouxeram á humanidade. Substituem os heróis da raça pelos ídolos do cinema. O culto da pátria raramente figura nos filmes. O mesmo sucede com a casa modesta, onde a mãe obscura e pobre diz as suas orações, ensina os primeiras lêtras aos filhos e vive feliz e resignada. E não só as imagens; existem também os títulos e legendas que as acompanham. Os perigos para as crianças, levadas as tais exhibições, decorrem da confusão, voluntária ou determinada pelas necessidades cínicas que adulteram os aspectos da vida.

Ao contrário, o bom cinema, desenrolando o filme instrutivo com a representação das grandes cidades, das usinas, dos fatos históricos permite aos escolares conhecer objetivamente costumes, hábitos e recordações de tantas coisas úteis á formação da inteligência. O mesmo se diga dos filmes jocosos, de uma alegria sã, sem ridicularizar a velhice, a invalidez, indigência. Esta conquista só se alcançará pela regulamentação eficaz da frequência ao cinema por parte das crianças. Nas escolas deveriam ser passados filmes que os mestres comentariam diante dos alunos, convidando-os depois a resumir por escrito o que viram. Dêste modo poderia o professor conhecer as qualidades de observação e de julgamento de cada aluno.

#### O CINEMA E OS ADOLESCENTES

Aparece qui outro ponto delicado da assistência social e sem dúvida mais difícil, em vista da falência das medidas repressivas, inutilizadas pelo declínio, que cada vez mais se acentua, da moral autoritária como processo educativo. Temos que preparar a nova geração de modo que ela possa pensar por si mesma, já que não podemos acalentar a ilusão de impôr certas rigidezes que se chocam contra problemas que vão surgindo no ritmo acelerado que a vida assumiu. O assunto só poderá ser resolvido pelo método da educação do sexo, pela formação de caracteres morais fortes, modelados em atitudes sociais liberais.

Hoje sentimos e agimos diversamente do que pensamos outróra, mudança que facilita por algum modo acei-



tar, dentro de certos limites, a nova ordem de coisas. Opôr-se obstinadamente a esta transformação dos costumes seria renovar em nossos dias a teimosia inútil de Catão, o Censor, condenado em nome das rudes tradições da velha república rural o esplendor da metrópole, invadida pelo mercantilismo público, seduzida pelo idealismo helênico.

Na mesma Roma, não muitos anos depois, o adolescente, em vez de permanecer retido nas ficções da retórica, como desejava Tácito, era precocemente lançado nas condições da verdade onde, na expressão do historiador, aprendia a guerra no próprio campo de batalha...

Que valem as advertências que as empresas, por força de regulamentos, afixam em certos filmes, "impróprios para menores"? Servem em geral mais para reclamo do que para a abstenção...

OCTAVIO GONZAGA

(Do Estado de São-Paulo)

## A tuberculose na infância

A tuberculose, a peste branca, responsável por vinte por cento da mortalidade geral, é, sem dúvida, um dos maiores flagelos da humanidade. E a criança é a vítima mais lamentável desta enfermidade, pela forma com que a adquire e pelas consequências para a saúde no resto da vida.

A tuberculose do adolescente, do adulto, é frequentemente o resultado de uma infecção adquirida na infância. Este fato, que pode surpreender a um espírito leigo, constitui uma confirmação aceita pelos fisiólogos e põe em evidência toda a importância de combater o mal no terreno infantil, nos primeiros anos da vida, onde, quasi sempre, se encontram as raízes profundas da infecção, conceito que faz considerar a tuberculose uma enfermidade da infância.

### *Origem da tuberculose infantil*

Por muito tempo se considerou a tuberculose como uma enfermidade hereditária, transmitida pelos pais aos filhos. Nada mais natural de pensar-se assim, em virtude da frequência da moléstia em certas famílias e da sua existência em crianças de poucos meses e cujas mães padecem da infecção.

Este conceito perdura ainda entre os leigos, mas em medicina é dogma hoje incontestado que, salvo muito raras

exceções, a tuberculose não se transmite por herança, mas pelo contágio que se pode produzir em qualquer momento da vida da criança. Em frente a uma criança tuberculosa está quasi sempre o disseminador dos bacilos de Koch.

O contágio é essencialmente familiar, isto é, produzido por uma pessoa da família, por alguém que vive na mesma casa ou a frequenta como íntimo comensal. E os seus efeitos serão tanto mais perniciosos quanto menor for a criança e mais prolongado e repetido o contágio. E a este propósito devemos lembrar de que as tuberculosas contagiantes são sobretudo as chamadas abertas, as que se acompanham de espoloração, porque nesta forma os bacilos se disseminam e chegam direta ou indiretamente ao organismo da criança. Deve-se sempre desconfiar das pessoas que tosse e espeitaram, com certo caráter crônico, mesmo quando o aspecto delas seja mais ou menos sadio, como ocorre com os indivíduos de certa idade, atingidos de bronquite crônica ou de certos estados asmáticos.

Passada a primeira infância, o contágio pode produzir-se fora de casa, porque crescem as suas oportunidades. Duas maneiras principais tem o bacilo de Koch para penetrar no organismo humano: a via respiratória e a via digestiva. A primeira é a responsável pela grande maioria dos casos, absorvendo a criança, com o ar inspirado, os bacilos que se encontram ao redor da sua pessoa. A segunda maneira constitui fato excepcional, porque o leite, que é o seu principal veículo, precisa provir de animais tuberculosos que tenham memórias.

Acresce que a prática generalizada da fervura destrói os bacilos porventura existentes no leite. Quando neste caso se dá a infecção, a forma predominante da enfermidade é a localização intestinal.

Na forma respiratória, que é a comum, o bacilo, após atingir o pulmão, pode seguir uma marcha muito diferente, que depende de diversas circunstâncias, principalmente da virulência e da quantidade que penetrou no organismo. Se são poucos, os microbios provocam uma ligeira inflamação pulmonar que se propaga aos ganglios da região mediastinal. Geralmente a ferida pulmonar se cicatriza. Quando a infecção é mais violenta, a lesão pulmonar toma uma forma mais extensa que, unida à lesão dos ganglios, assume o aspecto que se chama ganglio-pulmonar, que pode ser mais ou menos grave. Se mais violenta ainda a infecção, os bacilos atravessam a barreira ganglionar, invadem o sangue, e origina-se a enfermidade geral, conhecida por "granula", ou "galopante", na expressão popular, de consequências funestas.

Todo êste esbôço é esquemático, para dar apenas uma idéia de como se desenvolvem os diversos processos ligados á tuberculose infantil, em suas modalidades localizadas ou generalizadas, benignas ou graves, que emprestam uma fisionomia própria á infecção na criança.

Sob o ponto de vista da idade pode observar-se o seguinte: a infecção na primeira infância é sempre mais grave, porque tende a progredir e a generalizar-se, ao passo que na criança mais crescida tende a localizar-se nos ganglios intra-torácicos. Esta forma é a chamada lactente e constitue uma das modalidades mais interessantes, porque o seu conhecimento nos permite lutar com grandes possibilidades de êxito contra a enfermidade.

Vem aqui a propósito a distinção que se deve fazer entre

#### *Infectados e enfermos*

Sobre cem adultos pôde-se dizer que ha cem portadores de focos bacilares; entretanto, quasi todos vivem vida normal e falecem de outras molestias. Sobre seis portadores morre um de tuberculose, ao passo que os cinco outros se conservam em estado de imunidade. Aquêlle é o enfermo; estes, apenas os infectados.

A imunidade se adquire entre as idades de 1 a 15 anos. Excepcionais antes dos 6 meses, raros de 6 meses, a um ano, menos raros de 1 a 2 anos, os focos bacilares, em repouso, vão se tornando mais frequentes até os 15 anos. E' principalmente nesses focos que se elabora a imunidade. As crianças que não conseguem conservá-la, sob certo grau, transformam-se de infectadas em doentes e acabam por succumbir aos progressos mais ou menos continuos da primitiva infecção.

As infectadas, que adquirem imunidade podem perdê-la mais cedo ou mais tarde e, ha grande interesse em investigar as causas que concorrem para despir o organismo dessa proteção contra a tuberculose. Não são todas ainda bem conhecidas. Certas delas, que dantes se julgavam como fatores de predisposição, devem ser consideradas como causas de perda da imunidade: a alimentação insufficiente; as más condições de hygiene; a estafa física; o crescimento rápido que precede á puherdade, maxime nas meninas; certas doenças infectiosas, como o sarampo, a coqueluche, as gripes contínuas.

Mas acima de todas essas causas está um fator mais importante: a repetição dos contágios que despertam reacções mais graves que as da primeira inoculação e explicam

em muitos casos a tuberculose da criança, do adolescente e até do adulto. E a passagem do estado em repouso ao de actividade faz-se por varias etapas. A primeira é a forma ganglionar latente, que assim pôde permanecer definitivamente até á cura. Vencida esta por nova inoculação ou por enfraquecimento da resistência do organismo, surge a segunda etapa pela implantação da tuberculose em determinado órgão: pulmões, pleura, peritoneo, ossos, articulações. A terceira etapa é constituída pela invasão do sangue e disseminação dos bacilos por todo o organismo, produzindo quasi sempre a meningite tuberculosa, a mais implacável das molestias das crianças, por ser sempre fatal.

Ha uma frase de Bhering que resume o assunto: "Todo o mundo é um pouco tuberculoso; o meio ou a occasião é que declaram a molestia".

Em verdade, se o bacilo de Koch é a causa necessária da infecção, êle não é sufficiente para determinar a enfermidade desde que lhe faltem certas condições, dependentes do próprio organismo, ou do modo de vida.

Estas considerações gerais, que apenas bosquejamos, sobre uma enfermidade tão proteiforme e sujeita a tantas condições em seu inicio e desenvolvimento são necessárias para difundir os conhecimentos de que precisamos para evitá-la e combatê-la na infancia, onde estão as suas raizes profundas. E entre elles avulta o diagnóstico precoce.

#### *Sinais físicos — Exames radiológicos — Reacção á tuberculina*

Nos lactentes tuberculosos os métodos usuais de exame clínico — percussão, auscultação — pouco ou quasi nada revelam ao médico mais experientado. E' uma noção banal para todos os que tenham alguma experiencia em pediatria. Não quer dizer que certos sinais descritos com tantas filigranas pelos especialistas careçam de valor. E' preciso apenas lembrar de que, se êles servem para revelar uma adenopatia traqueo-bronquica, não bastam para afirmar a sua origem tuberculosa, que, com ser a mais frequente, não é a única. E' preciso que as lesões pulmonares sejam extensas, e, por conseguinte, já em avançada etapa da moléstia, para que se notem modificações reveladas pela percussão ou pela auscultação.

O recurso do exame radiológico realizou, sem dúvida, um grande progresso na pesquisa dos ganglios bronquicos, mas os seus resultados, durante muito tempo, mal interpretados, foram causa de muitos erros, sobretudo em relação a certas sombras. Só as grandes adenopatias, quasi sempre já chegadas ao estado de escatificação, são reveladas pelo exa-

me radiológico. Os ganglios atingidos por lesões tuberculosas curáveis não são nem do tamanho nem de espessura suficientes para que os raios X possam mostrar a sua presença. É uma condição essencial ao diagnóstico precoce, que representa, por si só, metade da cura.

Restam as reações à tuberculina, meio de pesquisa precioso e cujo uso deve ser difundido, por permitir a descoberta não só dos enfermos como dos apenas infectados em plenas condições de cura.

A prova à tuberculina, de preferência a cuti-reação, é de prática simples e não oferece nenhum perigo ao organismo. Consiste apenas em três escarificações na face interna do ante-braço com um estilete de vacina; a primeira serve de testemunha; nas duas outras depositam-se algumas gotas de tuberculina, própria para esse uso. A verificação faz-se 48 horas depois. No caso positivo nota-se nos dois pontos onde foi depositada a tuberculina uma reação inflamatória de cor rósea. Se for negativa, em nada se distinguem da escarificação que serviu de testemunha.

E se simples é a prática da cuti-reação, mais complexa é a sua interpretação. Positiva, ela revela que o indivíduo traz em si o foco bacilar em repouso ou em atividade, quer dizer, simples infectado ou já enfermo. Mas na criança antes de um ano a reação positiva quasi sempre significa tuberculose em evolução. O mesmo se dá entre um a dois anos, com a ressalva de que aqui já pode traduzir forma em repouso. Depois dos dois anos os focos bacilares em repouso vão se tornando mais frequentes nas percentagens de 30 a 40 % entre 2 a 5 anos, 50 a 70 % de 5 a 10 anos, para alcançarem cerca de 100 % entre os adultos. Não assim, com idade, perdendo o seu valor como sinal clínico isolado e mostram que a imunidade para a tuberculose, por mercê de pequenas infecções de que raras escapam, se adquire entre as idades de um a quinze anos.

A imunidade não é, porém, absoluta. Pode o organismo perdê-la nos vai-vens da vida; molestias debilitantes, estafa, comportamento irregular, puerperio, aleitamento, e, principalmente, a miséria com todo o seu cortejo de sofrimento. Nestas condições a semente abafada pode germinar, declarando-se a moléstia ou seja transformando-se o infectado em tuberculoso. O mesmo sucede quando o indivíduo, próximo, na infância e na adolescência, está em contacto permanente com o tuberculoso que elimina bacilos.

### Percentagem da cuti-reação em S. Paulo

A cuti-reação serve, outrossim, para se avaliar da frequência da contaminação das crianças pela tuberculose nos diversos meios. Em 350 crianças de 0 a 6 anos, matriculadas nos dispensários do Serviço de Higiene e Assistência à Infância, a nosso cargo, o distinto pediatra, dr. Alfredo Pujol Filho obteve as seguintes percentagens positivas: de 0 a 2 anos, 5,58 %; de 2 a 4 anos, 10,10 %; de 4 a 6 anos, 19,44 %.

Elas são, como as colhidas pelo ilustre fisiologo, dr. Clemente Ferreira, menores do que os da maioria dos autores que têm procedido a tais investigações em outros centros e mostram que S. Paulo não está entre as metrópoles mais flageladas pela tuberculose.

Dêste bosquejo se conclue que:

- a) o contágio é a causa principal da tuberculose infantil;
- b) que o contágio pode originar situações graves e situações de tolerancia, que variam de acôrdo com a idade, meio de vida e condições individuais;
- c) que a prática da cuti-reação à tuberculina deve ser generalizadas para a descoberta de formas latentes e para as providências que ponham a criança em guarda, quanto possível, contra os progressos da enfermidade.

OCTAVIO GONZAGA.

(Do "Estado de S. Paulo").

### Celibato pedagógico

*Voltando novamente à discussão, agora com a ameaça de figurar na projetada reforma do Ensino do Estado, o tema da proibição do casamento dos professoras, julgamos oportuno divulgar o nosso pensamento, a respeito de tão grave assunto, nos seguintes termos:*

1 — Tendo a escola primária por missão mais educar do que instruir (ao contrário das escolas secundária e supe-

rior), segue-se que o melhor professor primário é aquele que possui mais apuradas as qualidades de educador;

2 — Ninguém melhor do que a mulher exerce êsse mistér na escola primária e nas instituições pré-escolares;

3 — Entre uma professora solteira e outra casada, esta, regra geral, é melhor educadora do que aquela, em virtude do tirocinio materno no lar;

4 — Para que a escola seja efetivamente a "continuação do lar" é preciso que entre ambos haja o equilíbrio de vasos comunicantes, levando a professora para a escola as qualidades educadoras da mãe de família;

5 — A professora-mãe é mais paciente, compreende melhor a alma da criança, adivinha-lhe os desejos, é mais estimada pelos discípulos, realizando assim, num ambiente de confiança, a disciplina suave na escola;

6 — No Jardim da Infância, mais do que em qualquer outra escola, a educadora-mãe é insubstituível, sendo aí visivelmente artificial e forçada a posição da mestra solteira;

7 — A professora solteira tem uma vida "errante" no magistério, mudando todos os anos de lugar, com grave prejuizo para a continuidade da educação escolar. Esse "nomadismo" não se dá com a professora casada, que se fixa em determinada localidade, preparando várias gerações de educandos, que continuam, depois da escola, a ouvir-lhe os conselhos;

8 — A professora solteira, no interior do Estado, longe da família, é obrigada a viver pelas casas de estranhos ou em pensões promiscuas;

9 — Quando todas as nações modernas, inclusive o Brasil, procuram estimular o casamento e as famílias numerosas (vêr o anti-projeto constitucional) não se compreendem nenhuma medida, sob qualquer pretexto, que restrinja os matrimônios e a natalidade;

10 — O celibato por decreto é uma violência aos direitos naturais da pessoa humana. Se, por imperiosas circunstâncias econômicas, obriga-se a professora ao celibato, viverá a mesma no magistério uma vida de mártir e de prisioneira, com o que nada lucrará a instrução pública;

11 — O celibato por decreto, imposto á professora-funcionária, abre caminho aos amores ilícitos, porque, se é fácil deixar de casar, não ha decreto que faça refrear as paixões. Se o celibato pedagógico vingasse, poder-se-ia duvidar da ho-

nestidade de toda professora-funcionária que fosse encontrada em *flirt* com rapazes. Pois se ela não pode casar...

12 — É preciso distinguir entre *celibato*, e *castidade* ou *virgindade*. A freira e o padre fazem voto solene de castidade, espontaneamente, por disposição própria, longamente alimentada. Não se pode comparar a sua situação com a de uma jovem professora que não fez nenhum propósito de virgindade, mas é obrigada, por decreto, a não casar *civilmente*. Celibato sem castidade é imoral. As freiras cumprem o "voto" dentro dos conventos, longe do mundo e têm uma forte formação espiritual que lhes disciplina a vontade. E as moças, sem formação religiosa, sem vontade disciplinada, vivendo na sociedade, no meio de todos os atrativos e solitações?...;

13 — Demais, os propósitos do governo seriam afinal burlados, por quanto nada impediria que a professora casasse religiosamente. O casamento religioso não é reconhecido pelo Estado, mas não deixa de ser casamento, a legitimo, com todas as suas conseqüências biológicas;

14 — Não seria justo que sómente a professora fosse privada de casar, quando as moças que se empregam nas repartições públicas não sofrem nenhuma restrição na sua liberdade;

15 — Finalmente: se a escola primária deve ser continuação do lar, e a sua missão é mais educar do que instruir; se provado está que a melhor educadora é a mulher-mãe; se a qualidade do trabalho educativo deve prevalecer sobre a quantidade; por êstes e por outros motivos pedagógicos, sociais, morais e biológicos,

#### E' ABSOLUTAMENTE CONDENAVEL O CELIBATO PEDAGÓGICO.

Natal, 25 de Novembro de 1933.

NOTA — Deixamos de opinar aqui sobre a lenda dos "maridos de professoras" — mandrões que vivem á custa das esposas — por não ser isso nenhum tema pedagógico. E' matéria, não para uma reforma de ensino, mas para um Código de Trabalho, onde a ninguém se permita a ociosidade nem a exploração dos fracos. Demais, não conhecemos, no Estado, nenhum cidadão casado com professora na triste posição de mandrião e explorador.

(Boletim do "Centro de Imprensa C. M. C.")

## NOSSA EXPERIENCIA

## O ensino primario no Rio Grande do Sul

(Comunicado da Diretoria Geral de Informaçoes, Estatística e Divulgação do Ministério de Educação e Saúde Pública).

A legislação do ensino nesta unidade da República, ao contrário do que sucede na maioria dos demais Estados, caracteriza-se pela concisão dos textos respectivos e pelo pequeno número de atos derogativos dos estatutos fundamentais.

Sente-se, compulsando essa legislação, a preocupação de definir numericamente as linhas mestras do sistema educacional no que elas tem de essencial e a precaução de evitar a integração na lei positiva de dispositivos de execução incompatível com as condições do meio e com os recursos acessíveis à providência oficial, de modo que os regulamentos educacionais expressem, de fato, a organização dos serviços de acordo com a realidade ambiente e não a consagração de planos que as contingências financeiras e outras razões relevantes só permitirão tornar efetivos em futuro mais ou menos remoto.

Os atos orgânicos principais que estruturam o aparelho oficial do ensino primário no Rio Grande do Sul são o decreto n.º 3.898, de 4 de Outubro de 1927, que expediu o regulamento vigente da Instrução Pública; o decreto n.º 3.903, de 14 de Outubro de 1927, que aprovou o regimento interno dos estabelecimentos de ensino público do Estado; o decreto n.º 3.975, de 28

de Dezembro de 1927, que aprovou o programa para o concurso dos candidatos ao magistério público, e o decreto n.º 4.258, de 21 de Janeiro de 1929, que aprovou o regulamento da Diretoria Geral de Instrução Pública.

Uma portaria de Janeiro de 1928 instituiu o programa para os colégios elementares e grupos escolares, e diversos atos de 1932 regularam o direito de férias do magistério, as inspeções de saúde do pessoal subordinado à Diretoria Geral de Instrução Pública, etc. etc.

Cumpre citar ainda o decreto n.º 3.838, de 5 de Maio de 1927, que instituiu subvenções especiais para aulas nos distritos rurais e povoações de densa população escolar e o decreto n.º 3.154, de 19 de Novembro de 1932, que regulou as condições para validade dos diplomas conferidos por institutos equiparados às escolas complementares.

Em virtude do artigo 71, § 10, da Constituição estadual, será leiço, livre e gratuito o ensino primário ministrado nos estabelecimentos do Estado, não havendo na legislação regional nenhum dispositivo concernente à frequência escolar obrigatória.

A Diretoria Geral da Instrução Pública, subordinada à Secretaria do Interior, é a repartição encarregada de administrar, articular, orientar e fiscalizar o

ensino ministrado nos estabelecimentos mantidos pelo Governo do Estado. O regulamento do decreto n.º 4.258 constitui-se de duas seções — administrativa e técnica — e de um anexozarifado.

A seção técnica, compreende o quadro do pessoal de inspeção fixado pelo regulamento em 1 inspetor de ensino normal e complementar, 1 inspetor de educação física, 10 inspetores técnicos do ensino elementar, 3 inspetores médicos, inclusive o chefe, 5 inspetores dentários e 2 enfermeiros escolares.

Estabeleceu o regulamento da Instrução Pública, no artigo 92, que a fiscalização do ensino será exercida pelos inspetores, em ação intermitente, e pelas delegacias escolares, em ação permanente.

Em cada município (art. 93) haverá uma delegacia escolar composta de um delegado e tantos sub-delegados distritais quantos forem necessários. As funções dos delegados escolares são gratuitas, devendo eles residir nas sedes das respectivas circunscrições.

O ensino público pré-escolar é ministrado no Jardim de Infância, prevendo o regulamento a instituição de escolas maternais junto às fábricas cujas direções assumirem o compromisso de oferecer local conveniente, com capacidade para cem alunos, e de fornecer as refeições necessárias às crianças durante o tempo de aula. Os horários nessas escolas coincidirão com o do trabalho nas fábricas a que servirem.

Quanto ao ensino primário, é dado atualmente em escolas isoladas, reunidas, grupos e colégios. A ensino complementar tem um caráter *sui-generis*, pois, sendo um desenvolvimento do primário, obedece a um programa adaptado à finalidade de preparar candidatos aos postos mais modestos do magistério.

Além das escolas estaduais propriamente ditas, existe no Estado grande número de escolas subvencionadas pelo Governo. As subvenções ou são concedidas aos municípios que já mantêm educandários rurais ou os desejam criar, ou a professores de aulas primárias com a frequência mínima de 30 alunos em núcleos de população rural. As escolas isoladas são masculinas, femininas e mistas.

Ministra-se ainda o ensino primário na Escola de Aplicação da Escola Normal, existindo também um instituto para menores de seis.

Na forma do artigo 2.º do decreto n.º 3.903, de 14 de Outubro de 1927, que aprovou o regimento interno dos estabelecimentos de ensino público do Estado, nesses educandários serão os alunos divididos em três classes, e estas subdivididas em seções, levando-se em conta o grau de conhecimentos a ministrarem. Segundo uma informação oficial prestada em cumprimento da cláusula 10.ª do Convênio Estatístico entre a União e as suas unidades componentes para uniformização das estatísticas escolares, a organização em classes só se verifica, porém, nos colégios elementares e nos grupos escolares. São elas em número de três: 1.ª, 2.ª e 3.ª (inferior, média e superior) subdivididas, como é conveniente, em seções. De acordo com o parágrafo 1.º, do artigo 27 do regulamento da Instrução Pública, o número de alunos de cada seção não excederá de 50 e, na primeira seção da 1.ª série, de 30.

Os trabalhos escolares devem durar 5 horas diárias. As escolas públicas funcionam em geral num só turno, pela manhã, verificando-se 2 turnos nos colégios elementares, porém não em todos. O número de aulas noturnas é diminuto.

A legislação citada neste comunicado não permite distinguir exatamente os grupos escolares dos colégios elementares. Declara apenas que, nos lugares onde as conveniências do ensino exigirem, poderão funcionar conjuntamente, em um só prédio, sob a denominação de *grupo escolar*, três ou mais professores; que, nos aludidos grupos, vigorarão o regime e os métodos de ensino dos colégios elementares e que aqueles *poderão* ser elevados à categoria de-les, quando a sua frequência for superior a 200 alunos.

Os colégios elementares são de 1.ª, 2.ª e 3.ª entrância. Estes deverão ter frequência mínima de 400 alunos e os de 3.ª uma frequência superior a 300 alunos.

O professorado de cada uma dessas categorias de colégios será constituído respectivamente de 5, 6 e 8 professores, inclusive os diretores. O colégio cuja frequência tornar-se inferior a 200 alunos passará à categoria de grupo escolar.

Os professores efetivos são classificados por entrâncias (1.ª, 2.ª e 3.ª). Além destes, há os auxiliares de grupos e colégios e os professores subvencionados especiais. Prevalece para a admissão ao magistério o sistema do concurso, ou do estágio — um ano de exercício — para os habilitados no curso complementar.

Os professores de aulas subvencionadas e das sedes rurais vencem mensalmente 176\$000 e os de 1.ª, 2.ª e 3.ª entrância percebem, respectivamente, 328\$000, 383\$000 ou 438\$000 mensais.

A estatística do movimento de ensino primário em 1931, organizado pelo Ministério da Educação, apresenta os seguintes resultados:

Escolas — 4.144 (850 estaduais, 2.211 municipais e 1.383 particulares), sendo 144 masculinas, 63 femininas e 4.235 mistas.

Professores — 6.332 (1.884 no ensino estadual, 2.298 no ensino municipal e 2.150 no ensino particular). Pertenciam ao sexo masculino 2.322 e ao sexo feminino, 4.010.

Número de alunos matriculados — 214.072 (70.167 nas escolas estaduais, 77.758 nas escolas municipais e 66.147 nas escolas particulares). Eram do sexo masculino, 115.831 e do sexo feminino, 98.241.

Número de alunos frequentes — 176.743 — (57.058 no ensino estadual, 62.120 no ensino municipal e 57.565 no ensino particular). Concorreram para esse total, 95.753 alunos do sexo masculino e 80.990 do sexo feminino.

Conclusões de curso — 21.200 (10.030 no ensino estadual, ... 6.840 no ensino municipal e ... 4.330 no ensino particular). Pertenciam ao sexo masculino ... 11.290 alunos e ao sexo feminino 9.910.

Segundo a publicação "Finanças dos Estados do Brasil", organizado pela comissão de Estudos Econômicos e Financeiros, a despesa geral do Estado do Rio Grande do Sul foi fixada, para 1931, em 189.171 contos e, para 1932, em 193.705 contos. A despesa orçada para instrução pública em geral atingiu, nos dois citados exercícios, a 11.533 e ... 11.340 contos, respectivamente.

Infer-se desses algarismos que a despesa fixada para a instrução pública correspondeu, nos aludidos períodos, respectivamente às percentagens de 6% e de cerca de 5, 9 da despesa geral orçada.

A despesa com o ensino primário, ainda de acordo com a publicação citada, foi estimada em 9.869 contos em 1932, o que dá uma percentagem de 5% em relação à despesa geral orçada para o Estado e de 87% em relação à despesa com a instrução pública.